



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

RAFAEL FRANCISCO NEVES DE SOUZA

**UM CORPO, DO MAR ÀS MONTANHAS:
QUESTÕES DE GÊNERO EM
A AUTOBIOGRAFIA DA MINHA MÃE, DE JAMAICA KINCAID**

**CASCAVEL – PR
2024**

RAFAEL FRANCISCO NEVES DE SOUZA

**UM CORPO, DO MAR ÀS MONTANHAS:
QUESTÕES DE GÊNERO EM
*A AUTOBIOGRAFIA DA MINHA MÃE, DE JAMAICA KINCAID***

Texto apresentado à banca de Defesa de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel.

Linha de Pesquisa: Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados.

Orientação: Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE).

Coorientação: Profa. Dra. Leoné Astride Barzotto (UFGD).

**Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática
do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.**

Neves de Souza, Rafael Francisco

Um corpo, do mar às montanhas: questões de gênero em A
autobiografia da minha mãe, de Jamaica Kincaid / Rafael Francisco
Neves de Souza; orientadora Lourdes Kaminski Alves
; coorientadora Leoné Astride Barzotto . -- Cascavel, 2024.

155 p.

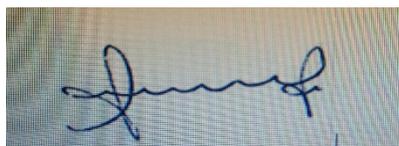
Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do
Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Letras, 2024.

1. Pós-colonialismo. 2. Questões de gênero. 3. Jamaica Kincaid.
4. A autobiografia da minha mãe. I. Kaminski Alves , Lourdes, orient.
II. Barzotto , Leoné Astride , coorient.
III. Título.

RAFAEL FRANCISCO NEVES DE SOUZA

**UM CORPO, DO MAR ÀS MONTANHAS: QUESTÕES DE GÊNERO EM A
AUTOBIOGRAFIA DA MINHA MÃE, DE JAMAICA KINCAID**

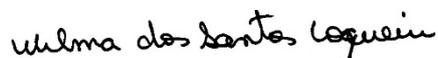
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:



Orientador(a) - Lourdes Kaminski Alves
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Documento assinado digitalmente
gov.br LEONE ASTRIDE BARZOTTO
Data: 18/03/2024 12:22:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Coorientador(a) - Leoné Astride Barzotto
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)



Wilma dos Santos Coqueiro
Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão (UNESPAR)

Documento assinado digitalmente
gov.br GEOVANA QUINALHA DE OLIVEIRA
Data: 17/03/2024 21:33:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Geovana Quinalha Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



Antonio Donizeti da Cruz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



Cleiser Schenatto Langaro
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 15 de março de 2024

DEDICATÓRIA

Para a minha mãe e a dela - minha avó Doraci Neves Balani – que se foi há quase trinta anos, mas nunca será esquecida.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves, que chegou no último segundo, de longe, como uma estrela iluminando no escuro em que eu me encontrava, quase desistindo. Retomando o caminho, apresentou-me Jamaica Kincaid. Agradeço a indicação, a sua excelência, as conversas e o seu conhecimento potente e surpreendedor.

À Profa. Dra. Leoné Astride Barzotto, a flor mais bela da primavera, a maior protetora dos animais que conheço, a professora que me ensinou o poder da Literatura – a quem eu sempre serei grato pela parceria e pelos ensinamentos.

Aos professores, membros da banca de qualificação e membros da banca de defesa, pela leitura, sugestões e apontamentos sempre tão necessários a um trabalho de pesquisa.

À Coordenação e a todos os docentes do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná pelo acompanhamento durante este tempo de estudos, pelas aulas, leituras indicadas e por todas as atividades acadêmicas oferecidas pelo Programa.

Ao Rafa, por ser meus olhos em meio ao texto, por narrar comigo uma história poderosa como Jean Grey e Tempestade fariam, por entender minhas aflições intelectuais que sempre considero inexistentes.

À Paula Grinko, que na verdade é uma grande espiã russa, que domina as formatações de um texto como ninguém e a quem eu sou grato por ter conhecido durante o doutorado.

Ao Taylor, que apareceu na minha vida em sigilo, quase que escondido dentro de segredos e que, além da autenticidade, ofereceu a mim - Madrid, Toledo, Barcelona, Roma, Londres, Oxford, Bristol e, por fim, Avalon.

A vocês, por estarem comigo nesses três anos de escrita e de produção no momento mais importante da minha vida acadêmica. Obrigado!



ROMANCE

Meu corpo agora está inerte; quando se mexe, se mexe para dentro, se encolhendo, murchando como uma fruta agonizando na parreira, não apodrecendo como uma fruta que foi colhida e deixada no prato sujo, sem ser comida

(Kincaid, 2020, p. 135).



ALFAGUARA

JAMAICA
KINCAID

**UM CORPO, DO MAR ÀS MONTANHAS:
QUESTÕES DE GÊNERO EM
A AUTOBIOGRAFIA DA MINHA MÃE, DE JAMAICA KINCAID**

RESUMO: Ao compreender a importância dos estudos literários contemporâneos e suas dimensões éticas e estéticas, esta pesquisa aponta, num primeiro momento, o caminho traçado pelo feminismo decolonial no âmbito literário e como o papel da mulher tem sido moldado à sombra das opressões oriundas da colonização em terras caribenhas. Dito isso, em um segundo momento, como *corpus* principal para discussão, aponta os achados em *A autobiografia da minha mãe* da caribenha Jamaica Kincaid (2020), e reflete sobre o modo como a personagem principal da obra, Xuela Claudette Richardson, é representada pela autora. Esse processo se dá à luz da opressão colonizadora europeia, como uma crítica social e política ao silenciamento histórico da colonialidade de poder presente na obra. Nesse sentido, interessam-nos estudos sobre os movimentos acerca da discussão feminista, tendo como base o feminismo decolonial e o pós-colonialismo a exemplo de: Françoise Vergès (2021), Djamila Ribeiro (2018), Lélia Gonzalez (2020), Heloisa Buarque de Hollanda (2021), Zilá Bernd (2018), Frantz Fanon (2008), Aimé Césaire (2020), dentre outras/os autoras/es que iluminam a análise literária da obra de Jamaica Kincaid, permitindo-nos uma leitura que ultrapassa as fronteiras caribenhas. Elementos de transculturalidade, hibridizações, alteridade e outrização reativa configuram a tessitura literária de *A autobiografia da minha mãe* (2020). Esses elementos performam a literatura ética e poética da autora. São traços encontrados em grande parte da literatura contemporânea de autoria feminina nas Américas e no Caribe, a exemplo de Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Djamila Ribeiro, Jarid Arraes, Glória Anzaldúa, Maryse Condé, dentre tantas outras. Esta pesquisa se volta para o processo de revide narrado na diegese e reflete como a personagem feminina é representada, evidenciando alternativas de sobrevivência do feminino negro diante do sistema patriarcal. A literatura contemporânea e a produção ensaística de autoria feminina negra dialogam com as lutas dessas mulheres que se encontram em uma esfera de subjugação, principalmente, por questões de gênero, raça e sexualidade. Neste sentido, representam a mulher enquanto agente da sua própria história, na medida em que estas escrevem literatura e teoria pós-colonial. Nas reflexões e análises de *A autobiografia da minha mãe*, destacamos os recursos estéticos empregados por Jamaica Kincaid no plano da linguagem do texto que evidenciam a personagem Xuela Claudette Richardson, rompendo com uma narrativa predestinada a ela, como uma mulher passiva, submissa e objetificada e demonstram o projeto ético e estético da escritora. Por fim, esta tese se justifica como um estudo que busca compreender, analisar e corroborar com a escrita poética de Jamaica Kincaid dentro do *hall* de autoras caribenhas que produzem suas narrativas literárias à luz das histórias de seus ancestrais e dos povos durante o período de colonização caribenha a exemplo de Dominica, onde se constrói a diegese aqui estudada.

Palavras-chave: Personagem feminina; Pós-colonialismo; Questões de gênero; Jamaica Kincaid; *A autobiografia da minha mãe*.

**BODY, FROM THE SEA TO THE MOUNTAINS:
GENDER ISSUES IN
THE AUTOBIOGRAPHY OF MY MOTHER BY JAMAICA KINCAID**

ABSTRACT: Understanding the significance of contemporary literary studies and their ethical and aesthetic dimensions, this research first highlights the path traced by decolonial feminism in the literary context, shedding light on how the role of women has been shaped under the shadow of oppressions stemming from colonization in Caribbean lands. In a second moment, as the main corpus for discussion, it examines the findings in *The autobiography of my mother* by Caribbean author Jamaica Kincaid (2020), and reflects on the portrayal of the main character, Xuela Claudette Richardson. This process occurs in the context of European colonial oppression, serving as a social and political critique of the historical silencing of colonial power present in the work. In this regard, we are interested in studies on feminist discussions, based on decolonial feminism and post colonialism, such as those by Françoise Vergès (2021), Djamila Ribeiro (2018), Lélia Gonzalez (2020), Heloisa Buarque de Hollanda (2021), Zilá Bernd (2018), Frantz Fanon (2008), Aimé Césaire (2020), among others, which shed light on the literary analysis of Jamaica Kincaid's work, allowing us to explore beyond Caribbean boundaries. Elements of transculturality, hybridization, alterity, and reactive othering constitute the literary texture of *The autobiography of my mother* (2020). These elements perform the ethical and poetic literature of the author. They are features found in a significant part of contemporary literature authored by women in the Americas and the Caribbean, as exemplified by Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Djamila Ribeiro, Jarid Arraes, Glória Anzaldúa, Maryse Condé, among many others. This research focuses on the process of retaliation narrated in the diegesis and reflects on how the female character is represented, highlighting alternative ways of survival for the Black feminine within the patriarchal system. Contemporary literature and essay production authored by Black women engage in dialogue with the struggles of these women, who face subjugation, particularly due to gender, race, and sexuality issues. In this sense, they represent women as agents of their own history, as they write literature and postcolonial theory. In the reflections and analyses of *The autobiography of my mother*, we emphasize the aesthetic resources employed by Jamaica Kincaid in the language of the text, which reveal the character Xuela Claudette Richardson, breaking away from a predetermined narrative that portrays her as a passive, submissive, and objectified woman, and showcasing the ethical and aesthetic project of the writer. Finally, this thesis is justified as a study that seeks to understand, analyze, and corroborate with the poetic writing of Jamaica Kincaid within the realm of Caribbean authors who produce their literary narratives in light of the stories of their ancestors and peoples during the period of Caribbean colonization, as exemplified by Dominica, where the studied diegesis unfolds.

Keywords: Female Character; Post-colonialism; Jamaica Kincaid; Gender issues; *The autobiography of my mother*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
PARTE I – RETRATOS QUEBRADOS: MULHERES QUE SOBREVIVEM NA ILHA	21
1.1 AS MÃOS DA JARDINEIRA: REGANDO HISTÓRIAS ANCESTRAIS.....	21
1.2 MONTANHAS: TRANSPOSIÇÕES TEMPORAIS.....	26
1.3 QUESTÕES DE GÊNERO E O AMADURECIMENTO DA CRÍTICA FEMINISTA	28
1.4 EUNICE PAUL: A LAVADEIRA.....	32
1.5 MADRASTA: O SISTEMA PATRIARCAL E DISCÓRDIA ENTRE MULHERES.....	39
1.6 IRMÃ: MÍMICA DO DESPREZO E DESLOCAMENTO EMERGENTE AFETIVO...	47
PARTE II – UM CORPO QUE DESEJA A ESCRITURA	60
2.1 MANUTENÇÃO DO PODER: CORPOS FEMININOS	60
2.2 ENUNCIÇÃO NARRATIVA: MEMÓRIA E ESCRITA	67
2.3 UM CORPO QUE SE REESCREVE: ENTRE-LUGARES.....	72
2.4 UM OLHAR CRÍTICO: FEMINISMOS E REFORMULAÇÃO DO CÂNONE.....	78
PARTE III – ANCESTRALIDADE DOS POVOS COLONIZADOS: TECENDO MEMÓRIAS	89
3.1 PAI: REPRESENTAÇÃO DO SISTEMA COLONIAL CAPITALISTA.....	89
3.2 SEXUALIDADE E OPRESSÃO: OPÇÃO PELO DESEJO DE SENTIR	103
3.3 DOMÍNIO DO CORPO: O NÃO AMOR DE MÃE	122
3.4 XUELA CLAUDETTE RICHARDSON: A AUTOBIOGRAFIA DA MINHA MÃE.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS.....	149
SITES CONSULTADOS.....	154

PRIMEIRAS PALAVRAS

Por Rafael

No meu segundo ano de mestrado, em 2016, participei do *CIELLI – Colóquio Internacional de Estudo Linguísticos e Literários*, ofertado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Esse foi o primeiro grande evento do qual participei – conheci pesquisadores e pesquisadoras de diferentes lugares da América Latina e universidades do Brasil e, principalmente, diferentes pesquisas na área de Literatura que não imaginei que pudessem ser estudadas. Durante meu percurso no mestrado, aprofundei-me nas teorias Pós-Coloniais e como tais teorias conversavam com o meu *corpus* naquele momento, *Americanah*, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2013).

Acredito que todos pesquisadores e pesquisadoras em algum momento de seus percursos sentiram/sentem que suas pesquisas são os estudos mais promissores que a pesquisa nacional já vira antes e que o envolvimento que criamos com o nosso *corpus* é um elo suficiente para salvar o mundo das incoerências e injustiças. Mantive esse sentimento de poder e empoderamento com a minha pesquisa até o final da minha defesa final em 2017. Entretanto, foi nesse evento, logo após apresentar minha fala sobre *Americanah*, que uma pesquisadora da Colômbia me questionou sobre como eu me sentia em pesquisar sobre racismo, imigração e feminismo – sabendo que eu sou um homem cisgênero, branco e não imigrante. Embora eu estivesse envolto em uma quantidade exagerada de casacos para fugir do frio paranaense, a sensação imediata da pergunta da colega pesquisadora me fez querer afundar para dentro de cada micropartícula das minhas roupas. Uma resposta inconsistente para uma pergunta inesperada foi a única coisa que consegui elaborar na hora. Todavia, a insatisfação expressiva da mulher ficou marcada em mim e me fez perceber que, talvez, minha pesquisa pudesse ter falhas e que eu deveria pensar nelas ou, até mesmo mudar o rumo dos meus estudos.

Quem pode ou não discutir sobre assuntos relacionados aos eventos culturais tão emergentes nos últimos anos como feminismo, por exemplo? Minha inquietação, entretanto, ficou comigo na hora de pensar sobre qual objeto eu poderia me debruçar nos estudos que tanto me instigam para que pudesse continuar minha pesquisa no Doutorado. Quando lia algo sobre tais assuntos como racismo e feminismo na pós-graduação, era tomado por um sentimento que não deveria necessariamente estudar tais assuntos, pois esses precisavam ser voltados para pesquisadores e pesquisadoras que estivessem em seus lugares de fala – lugar de fala esse que

nos últimos anos tomou conta dos espaços acadêmicos e midiáticos, borbulhando as estruturas de assuntos tão pertinentes.

Acredito ser importante elencar que existem esferas distintas entre os discursos/lugares de fala de cunho social, os que defendem ideologias, grupos marginalizados, os que lutam por direitos e protestam contra as injustiças causadas por grupos opressores e posicionam-se contra o sistema branco heteronormativo capitalista – entre o discurso científico que, no campo literário, manifesta-se através do reconhecimento das teorias através dos objetos de análise, que servem como um acervo importante para apontar as disparidades nas humanidades.

Enquanto pesquisador e observador das grandes ondas midiáticas nos últimos anos, notei uma distorção entre o discurso ideológico que cada indivíduo possui *versus* o posicionamento que os pesquisadores e as pesquisadoras estudam através dos seus *corpora*. Presenciei, por vezes, pessoas dentro e fora da esfera acadêmica denominando quem pode ou não falar sobre temas como feminismo, racismo, imigração, homossexualidade e preconceito linguístico, baseando-se apenas nas experiências de vida de cada indivíduo.

Diante de tal inquietação e em busca de suporte teórico, tive como aparato, em um primeiro momento, os escritos de Djamila Ribeiro em *O que é lugar de fala?* (2017). A autora brasileira se aprofunda nas diversas vozes polissêmicas, principalmente no eixo do feminismo negro, questionando quem pode ou não arguir os discursos de uma sociedade que é pautada à ótica branca heteronormativa e judaico-cristã. É importante destacar a relevância de não se excluir ou ignorar as falas de qualquer mulher, sendo ela negra ou branca, mas, acima de tudo, reconhecer que ambas partem de esferas distintas e que possuem óculos sociais caracterizados por suas experiências de vidas.

Para além disso, Ribeiro esclarece que: “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta” (Ribeiro, 2017, p. 59 e 60). A partir desse pensamento, é possível compreender que a necessidade de olhar para como a escrita literária pode ser uma alternativa de dar visibilidade para essas mesmas vozes silenciadas no processo de “higienização” de uma sociedade patriarcal capitalista. E, ao fazer tal movimento, o processo teórico analítico não se preocupa com gênero, raça, sexualidade do pesquisador e pesquisadora, apenas compreende a relevância do impacto social que a ciência tem no seio social.

Por fim, tal esclarecimento é pertinente para a apresentação do *corpus* de análise e como ele conversa diretamente com essa grande massa que, muitas vezes, não permite que a pesquisa

científica cumpra seu papel de “neutralidade”, mas acaba por confundir partidos ideológicos com os levantamentos de dados científicos através da crítica literária.

Nesta fase de minha formação acadêmica (doutorado), tive a grata satisfação de conhecer a escritora caribenha Jamaica Kincaid, iniciando pela leitura da obra *A autobiografia da minha mãe* (2020), em reunião com minha orientadora. Essa obra impactou-me desde a primeira leitura a partir da temática e das imagens poéticas em crescente tensão, com a urgência ética de uma escritura sobre opressão feminina e herança colonial, desenvolvida pela autora, que chama o leitor a reflexões sobre as feridas abertas do colonialismo britânico na construção da história Antígua, pequena ilha caribenha, ex-colônia da Inglaterra.

O sentimento de curiosidade leitora sobre as produções de Jamaica Kincaid aumentou quando notei uma ausência de crítica literária no Brasil que estudasse obras referentes à literatura caribenha, principalmente de Jamaica Kincaid. Este é o fio da história que continua nas próximas seções deste texto, agora, com o olhar do pesquisador.

INTRODUÇÃO

Ao reconhecer a relevância dos estudos literários contemporâneos e suas implicações éticas e estéticas, esta pesquisa escolhe como objeto de análise a obra "A Autobiografia da Minha Mãe", da escritora caribenha Jamaica Kincaid (2020). A obra foi traduzida da língua inglesa para a língua portuguesa por Débora Landsberg¹, para o selo Alfaguara, da editora Companhia das Letras. A primeira publicação desta obra é de 1996, com o título em inglês *The Autobiography of My Mother*. De acordo com resenhas de editoras que publicaram as traduções de suas obras no Brasil, a autora alterou seu nome de nascença, Elaine Potter Richardson para Jamaica Kincaid. No Brasil não encontramos uma biobibliografia da autora, os dados que aqui sintetizamos são copilados de orelha de seus livros ou dos sites de editoras.

Jamaica Kincaid (Elaine Potter Richardson) nasceu em Antígua, Barbuda, em 1949, e cursou a educação primária no sistema britânico colonial. Em 1966, na adolescência, foi enviada pela mãe para Scarsdale (EUA), para estudar. Uma década depois, passou a colaborar com a *The New Yorker*, onde ficou por nove anos. Uma seleção dos artigos produzidos nesse período, em sua coluna chamada "Talk stories", foi organizada em livro.

A autora recebeu diversos prêmios literários, entre eles o Prix Femina e o PEN Faulkner, sendo referência na literatura caribenha. Publicou romances e livros de não ficção, além de contos e artigos para revistas e websites. Citamos *At the bottom of the river* (1983), com o qual conquistou o "Prêmio Morton Dauwen Zabel", concedido pela Academia Americana de Artes e Letras; *Annie John* (1985), finalista do "Prêmio International Ritz Paris Hemingway" e vencedor do "Center for Fiction's Clifton Fadiman"; *A small place* (1988), que teve trechos incorporados ao documentário *Life and debt; The autobiography of my mother* (1996), vencedor do "Prêmio Anisfield-Wolf" e *See now then* (2013), que conquistou o "Prêmio American Book" em 2014.

De acordo com textos de orelha dos livros *A autobiografia da minha mãe* (2020) e *Agora veja então* (2021), Kincaid, atualmente, mora com sua família em Vermont onde leciona as disciplinas de História Africana e Afro-americana na Universidade Harvard, nos Estados Unidos.

¹ Tradutora de livros de ficção e não ficção do inglês para o português brasileiro. Colaboradora de editoras, como Companhia das Letras, Estação Liberdade, Nova Fronteira, Rocco, dentre outras editoras brasileiras.

A segunda obra traduzida no Brasil de Kincaid é *Agora veja então* (2021), na qual, a autora narra a história de uma família que se desfaz após o marido, o Sr. Sweet, pai de dois filhos com a Sra. Sweet, abandonar a esposa para ficar com uma mulher mais jovem. A escrita de Jamaica Kincaid revela o silêncio da mulher negra contemporânea, o abandono causado pela insegurança e o vazio do universo feminino.

Por fim, a terceira obra de Kincaid traduzida para o Brasil é também sua primeira obra publicada em 1985. *Annie John* (2023) é uma narrativa que segue a vida de Annie, uma garota que cresce envolta pelo amor e proteção de sua mãe. Contudo, à medida que amadurece, desenvolve um sentimento de ódio em relação à mãe após desentendimentos. A história continua até o ponto em que Annie migra para a Inglaterra para estudar, deixando para trás Antígua e sua mãe.

Kincaid junta-se à lista de grandes escritores que tecem suas narrativas literárias ou teóricas sobre o Caribe, a exemplo de Simone Schwars-Bart, Maryse Condé (Guadeloupe), Edouard Glissant, Patrick Chamoiseau, Frantz Fanon e Aimé Césaire (Martinique), dentre outros. Kincaid apresenta em sua obra uma escrita que denuncia, reconhece e autentifica o sujeito caribenho que vive na margem. Desta forma, podemos pensar no reconhecimento que as obras da autora alcançam na história da literatura antilhana, pois ao lecionar em uma das universidades mais prestigiadas do mundo, a autora caribenha mostra para o mundo o poder de uma escrita poética intensa e verdadeira.

Diante disso, esta pesquisa destaca a obra *A autobiografia da minha mãe* da caribenha Jamaica Kincaid (2020), com o propósito de refletir sobre as imagens poéticas do feminino representadas na obra e sua relação com o aporte teórico-crítico do feminismo colonial. Ao focar-se nesta obra, não significa ignorar outras obras da autora, que serão colocadas em diálogo, sempre que for relevante para a proposta desta pesquisa.

Considerando que *A autobiografia da minha mãe* remete a reflexões sobre como o papel da mulher tem sido moldado à sombra das opressões oriundas da colonização em terras caribenhas, pretende-se colocar em cotejamento leituras do aporte crítico do feminismo decolonial no âmbito literário.

Esse processo se dá à luz da opressão colonizadora europeia, como uma crítica social e política ao silenciamento histórico da colonialidade de poder presente na obra. Nesse sentido, interessam-nos estudos sobre os movimentos acerca da discussão feminista, tendo como base o feminismo decolonial, a exemplo de: Françoise Vergès (2021), Djamila Ribeiro (2018), Lélia Gonzalez (2020), Heloisa Buarque de Hollanda (2021), Zilá Bernd (2018), Frantz Fanon (2008), Aimé Césaire (2020), dentre outras/os autoras/es que iluminam a análise literária da

obra de Jamaica Kincaid, permitindo-nos uma leitura que ultrapassa as fronteiras caribenhas. Elementos de transculturalidade, hibridizações, alteridade e outrização reativa configuram a tessitura literária de *A autobiografia da minha mãe* (2020).

Esses elementos performam a literatura ética e poética da autora. São traços encontrados em grande parte da literatura contemporânea de autoria feminina nas Américas e no Caribe, a exemplo de Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Djamila Ribeiro Jarid Arraes, Glória Anzaldúa, Maryse Condé, dentre tantas outras. Esta pesquisa se volta para o processo de revide narrado na diegese e reflete como a personagem feminina é representada, evidenciando alternativas de sobrevivência do feminino negro diante do sistema patriarcal. A literatura contemporânea e a produção ensaística de autoria feminina negra dialogam com as lutas dessas mulheres que se encontram em uma esfera de subjugação, principalmente por questões de gênero, raça e sexualidade. Neste sentido, representam a mulher enquanto agente da sua própria história, na medida em que estas escrevem literatura e teoria pós-colonial. Nas reflexões e análises de *A autobiografia da minha mãe*, destacamos os recursos estéticos empregados por Jamaica Kincaid no plano da linguagem do texto que evidenciam a personagem Xuela Claudette Richardson, rompendo com uma narrativa predestinada a ela, como uma mulher passiva, submissa e objetificada e demonstram o projeto ético e estético da escritora.

A autobiografia da minha mãe (2020) pode ser lida no cotejamento com diversos textos contemporâneos da crítica pós-coloniais, sobretudo *Um Feminismo decolonial* (2020), Françoise Vergès; *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020), Lélia Gonzalez; *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), Djamila Ribeiro; *Negritude e Literatura na América Latina* (2018), Zilá Bernd; *Pele negra - máscaras brancas* (2008), Frantz Fanon; *Discurso sobre o colonialismo* (2020), Aimé Césaire; *O local da cultura* (2023), Homi K. Bhabha, dentre outras/os autoras/es que iluminam a análise literária da obra de Jamaica Kincaid, permitindo-nos uma leitura que ultrapassa as fronteiras caribenhas.

Citamos aqui algumas obras fundamentais que ancoram a pesquisa, e destacamos também textos historiográficos, a exemplo de *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana* (1998), de Eurídice Figueiredo e *História da América Latina e do Caribe* (2009), de José del Pozo. Considerando o espaço de ambientação da narrativa em *A autobiografia da minha mãe* (2020), é relevante lembrar que o Caribe “foi o lugar do primeiro desembarque dos escravos vítimas do tráfico, dos africanos que vivenciaram o tráfico – e que depois eram orientados para a América do Norte, para o Brasil, ou para as ilhas da região.” (Glissant, 2005, p. 15).

Ao compreender a urgência dos estudos literários no campo dos direitos humanos e da miscigenação dos discursos em território global, esta tese de doutoramento investiga o caminho traçado pelo feminismo decolonial no âmbito literário e como o papel da mulher tem sido moldado à sombra das opressões oriundas da colonização em terras caribenhas. A obra de Jamaica Kincaid torna-se relevante para compreendermos o hibridismo cultural presente nos movimentos feministas oriundo de diferentes esferas culturais, históricas e espaciais que se interconectam, a exemplo do Caribe e América Latina.

É nesse sentido que nos interessam os movimentos sobre discussão feminista, tendo como uma das bases principais o feminismo decolonial cunhado pela francesa Françoise Vergès no ensaio *Feminismo decolonial* (2020), no qual a autora aponta os problemas decorrentes de um capitalismo seletivo, que explora as mulheres racializadas e, por vezes, tenta se infiltrar no feminismo com a justificativa de eliminar tais lutas. Vergès, dessa forma, esclarece: “O feminismo decolonial é a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu *direito à existência*” (Vergès, 2020, p. 35, grifos da autora).

Os posicionamentos teórico-críticos (em toda sua hibridização) existente entre autoras das Américas e do Caribe, de uma maneira ou de outra, configuraram os diálogos culturais interamericanos na contemporaneidade. Nessa perspectiva, diferentes pesquisadoras/res buscam investigar a maneira como a mulher, em sua identidade multifacetada, como sujeito pós-moderno, sofre os impactos de silenciamentos. Stuart Hall (2000) destaca os impactos de rechaçamento social devido ao gênero, principalmente na esfera da mulher afrodescendente. Tal reflexão nos remete a Édouard Glissant, mais especificamente sua “poética da relação”, quando este trata da importância do reconhecimento da alteridade no processo de formação da consciência identitária recuperada pela memória. Para este teórico, “A identidade-relação está ligada, não a uma criação do mundo, mas à vivência consciente e contraditória dos contatos entre culturas” (2021, p. 139), no jogo da opacidade e a transparência dos rastros-resíduos das identidades fragmentadas e ofuscadas pela história colonizadora.

Esses aspectos são esteticizados em boa parte da literatura pós-colonial, aspectos que consubstanciam a narrativa de Jamaica Kincaid. A literatura pós-colonial pode ser considerada toda a produção literária dos povos que foram afetados pelo processo de colonização oriundos das nações europeias entre os séculos XV e XX, cujos traços da colonialidade de poder fundamentam os elementos internos das obras literárias. Sendo assim, países como Brasil, Angola, Cabo Verde (português); Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Índia, Malta, Gibraltar,

Ilhas do Pacífico e do Caribe, Nigéria, Quênia, África do Sul (inglês) podem ser classificadas como tendo literaturas pós-coloniais, mesmo sendo geográfica e culturalmente distintos. Essas nações são resultado da exploração colonial e da “experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial” (Ashcroft *et al.*, 1991, p. 12).

A partir dessas perspectivas, a pesquisa tem como proposta realizar um estudo crítico-analítico, partindo da leitura de recursos literários que remetem ao ético e ao estético, presentes na escrita de Jamaica Kincaid, mais especificamente em *A autobiografia da minha mãe* (2020). A leitura se dá à luz das teorias contemporâneas que optam por compreender o espaço da mulher objetificada devido às ações oriundas da colonização em terras caribenhas e como esse sujeito encontra alternativas de revide como forma de resistir em sua alteridade. Esta proposta desdobra-se nos seguintes objetivos: a) Investigar as (trans)figuração da mulher marginalizada sobre o viés do feminismo decolonial; b) Analisar a personagem paterna na obra em relação ao sistema de colonização europeia no Caribe; c) Estudar imagens poéticas do entre-lugar/terceiro espaço e como tais fenômenos acarretam a hibridização no pano narrativo; d) Identificar como ocorre o revide e manifestação de resistência da personagem da obra, pelo olhar do feminismo decolonial; e) Compreender como ocorre a (re)valorização e (re)contextualização da ancestralidade materna de matriz africana no Caribe por meio da obra de Jamaica Kincaid; f) Refletir sobre a escrita representativa de discursos de protagonismo da mulher marginalizada pelo sistema capitalista, judaico-cristão e patriarcal, presentes na narrativa.

Diante disso, as perguntas que motivam esta pesquisa são: Quais são as tendências críticas contemporâneas, sobretudo pela perspectiva da crítica literária feminista decolonial, que buscam compreender o revide ao sistema capitalista? Como a personagem narradora busca encontrar alternativas de revide, mesmo em uma esfera de guetização? É possível reconhecer, na obra de Jamaica Kincaid, os impactos causados pelo processo colonial no Caribe? Em que medida a narrativa de Jamaica Kincaid conversa com a ancestralidade de povos colonizados no Caribe e promulga um revide às manifestações neoimperialistas?

Para isso, este texto é construído a partir de três principais partes, abordando os tópicos: **Parte I – RETRATOS QUEBRADOS: MULHERES QUE SOBREVIVEM.** Nesta seção focamos nas personagens femininas de *A autobiografia da minha mãe*. Apresentamos e analisamos as relações entre personagem – espaço - tempo e pertencimento, a partir dos deslocamentos espaciotemporais vividos pelas personagens que permeiam a diegese, pela ótica narrativa da personagem Xuela. Desta forma, intenta-se compreender como a narrativa literária dialoga com o feminismo decolonial fundindo o viés crítico e artístico. As mulheres, estudadas

nessa primeira parte, representam os sujeitos-objetos que reproduzem a mecânica ensinada e deixada pelo plano imperialista de controle aos povos colonizados. Portanto, estudaremos os efeitos causados nas personagens a exemplo da história de Xuela Claudete Richardson, a voz diaspórica que ecoa no romance.

Na **parte II – O CORPO QUE DESEJA A ESCRITURA**, refletimos sobre o processo crítico literário acerca do feminismo decolonial e pós-colonial, o qual se entrelaça com o revide que a personagem Xuela Richardson usa como arma de empoderamento. No diálogo com o discurso crítico, encontramos em Kincaid um exemplo de narradora que caminha pelo entrelugar de vozes outremizadas.

Na **parte III – O CHAMADO ANCESTRAL: TECENDO MEMÓRIAS**, apresentamos a análise da personagem Richardson, o pai de Xuela, um sujeito híbrido com sangue africano e escocês que abraça a máscara de europeu e ignora as raízes africanas. Analisamos a elaboração estética de Kincaid, uma escrita que carrega o conhecimento dos seus ancestrais trazidos nos navios negreiros para o Caribe. Esse espaço do universo ficcional funde aspectos históricos do Caribe duplamente colonizado e a história da protagonista Xuela. A personagem não cede ao sistema predestinado a ela enquanto mulher, acolhendo-se na sua própria essência e na solidão, condição que a leva a reinventar-se, nascendo daí seu empoderamento.

Para embasar as análises aqui brevemente delineadas, buscamos o aporte teórico-crítico em autoras e autores que abordam o pensamento feminista na intersecção entre a raça, classe, gênero e sexualidade, ao lado de outras leituras de caráter histórico e sociocrítico. Tal aporte teórico nos possibilitará compreender melhor o viés transcultural presente na crítica literária feminista, oriunda de diferentes núcleos globais e a ler de forma mais aprofundada a obra de Jamaica Kincaid, em diálogo com as abordagens críticas de viés pós-coloniais e decoloniais.

É necessário destacar também pesquisadoras que ajudam a fortalecer a teoria crítica literária como: Rita Schmidt, Lúcia Osana Zolin, bell hooks² e outras. Sobre gênero e sexualidade, Judith Butler (2016), Neuma Aguiar (1997); no âmbito da historicidade sobre a mulher, Michelle Perrot (2008) e Gerda Lerner (2019). Posto isso, tais teorias legitimam a importância da literatura enquanto objeto social, ético e estético que nos ajudam a compreender a realidade vivida pela mulher negra, periférica, imigrante como sujeito ativo no processo de

² O nome "bell hooks" escrito em minúsculas é uma retomada ancestral respeitosa, por meio do legado de sua bisavó, Bell Blair Hooks. O nome verdadeiro da escritora já falecida é Gloria Jean Watkins, que assume este pseudônimo em minúsculas para dar maior relevância à sua obra do que a si mesma. Valorizar a criação, por assim dizer, mais do que a criatura.

(des)marginalização e decolonização, amplificando as raízes culturais, mesmo com a opressão patriarcal, tal como aparece no romance de Jamaica Kincaid.

Em levantamento realizado nos bancos de dissertações e teses da CAPES, por amostragem, no último quadriênio, iniciando pela busca nos bancos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste, não foi encontrado nenhum registro de estudos sobre a autora e sua obra. Recorrendo a outros programas de pós-graduação da área, por amostragem, investigamos, a partir de linhas de pesquisa voltadas para estudos da literatura de autoria feminina, também não foram encontradas pesquisas relacionadas à obra aqui proposta.

Espera-se que esta pesquisa contribua com os estudos sobre literatura e sociedade, escritas de autoria feminina e pós-colonialismo na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados, deste Programa de Pós-graduação, considerando ser esta a primeira pesquisa da linha, sobre literatura caribenha e sobre a obra de Jamaica Kincaid, sobretudo pelo potencial poético e crítico que sua obra contém.

Espera-se ainda, com esta pesquisa, aprofundar estudos sobre a literatura de autoria feminina e feminismo decolonial que vem sendo estudado desde o mestrado, com vistas a compreender o pensamento das autoras e suas contribuições para a crítica literária contemporânea e como estas leem suas temporalidades históricas, no que tange a uma escritura ética e estética.



[...] o calor implacável acabou se tornando parte de mim, como o meu sangue as árvores opressoras (o tronco de algumas era do tamanho de baús pequenos) que cresciam sem controle, como se beleza fosse apenas tamanho, e eu conseguia diferenciá-las todas fechando os olhos e prestando atenção ao som que as folhas faziam quando raspavam umas nas outras (Kincaid, 2020, p. 15).

PARTE I

RETRATOS QUEBRADOS: MULHERES QUE SOBREVIVEM NA ILHA

A autobiografia da minha mãe, de Kincaid, trilha um caminho em que a narradora e personagem, Xuela Claudette Richardson, apresenta poeticamente o início da sua vida logo ao nascer, até o momento que, no futuro, vê-se como uma mulher mais madura, e aponta através da sua história o que a tornou a mulher que se identifica como autêntica em um espaço de repressão, abandono, violência, misoginia, exploração e morte. “Minha mãe morreu no momento em que nasci, e por isso durante toda a minha vida nunca existiu nada entre mim e a eternidade; às minhas costas, sempre um vento triste, sombrio” (Kincaid, 2020, p. 7). No início do romance já nos é apresentado a ausência do elemento materno, contudo, o passado silenciado é evidenciado no presente da personagem Xuela que reconhece como o acolhimento feminino e o elo com sua mãe poderia ter contribuído para a identificação de seu espaço e pertencimento no mundo. Jamaica Kincaid, assim como a personagem Xuela Claudette Richardson, nasce no coração das ilhas caribenhas, Antígua e Barbuda.

1.1 AS MÃOS DA JARDINEIRA: REGANDO HISTÓRIAS ANCESTRAIS

Na busca por informações sobre quem é e como sua história tem sido traçada, Jamaica Kincaid não é uma escritora muito conhecida no Brasil. Embora suas obras sejam consideradas pela crítica literária internacional como um marco do reconhecimento artístico literário, em território nacional ainda se mantêm tímidas e sem muita visibilidade. Durante seu percurso pessoal, Elaine Potter Richardson decide tornar-se Jamaica Kincaid no início da sua carreira como escritora. Para encontrar informações sobre Kincaid foi necessário acessar uma série de vídeos na qual a caribenha narra seu percurso pessoal para traçar o seu caminho como um dos maiores nomes da literatura antilhana.

Há uma ausência enorme sobre informações da vida de Kincaid e, por essa razão, assistir às entrevistas sobre a vida de Kincaid foi uma opção para compreender o percurso pessoal da autora. Minha busca para tais informações deixou-me inquieto ao perceber que

apenas três³ obras de Kincaid foram publicadas para o português, *Annie John*⁴ (1983), *A autobiografia da minha mãe* (1996) e *Veja agora então* (2013) e essas mesmas obras possuem uma diferença temporal de produção de dezessete anos. Nesse meio tempo foi publicado *Mr. Potter* (2002).

Elaine Potter Richardson torna-se Jamaica Kincaid após perceber que viver da escrita seria uma opção viável e significativa para ela. Segundo a autora, não há uma razão específica pela escolha do nome, além do fato de que sua família – e principalmente sua mãe – não poderiam saber que ela havia se tornado escritora nos Estados Unidos. Jamaica cresceu em Antígua ainda sob o poder do Império Britânico, na qual ela destacou em praticamente todas as entrevistas⁵. Sua infância em uma ilha marcada pela imposição da mão europeia foi acentuada pela observação ácida e perspicaz de uma criança que aprendeu a ler com três anos e começou a compreender que havia problemas de poder ao seu redor.

Kincaid e sua mãe tiveram uma relação de afeto durante nove anos, quando seu primeiro irmão nasce e subitamente sua mãe começa a se afastar dela. Uma mulher letrada e culta, Annie Richardson levava Kincaid para a biblioteca por volta dos seus três anos, onde deixava que a jovem Jamaica lesse livros infantis. Em questão de meses, ela leu todos os livros que eram disponíveis para criança; e sua mãe, percebendo a aptidão de sua filha, mandou Jamaica para a escola. Entretanto, a escola não aceitava crianças com menos de cinco anos, por isso Annie a incentivou a mentir sobre sua idade, dizendo que toda vez que alguém perguntasse quantos anos tinha, ela deveria dizer que tinha cinco anos.

Logo após firmar na escola, Jamaica torna-se uma aluna exemplar, mas que não seguia a educação britânica rígida e tradicional, questionando o método que ela chamava de doutrinação. Como forma de punição para tais atos, Kincaid era colocada para escrever uma frase cunhada por Thomas Gray (1700) “*Where Ignorance is Bliss, 'Tis Folly to be Wise.*”⁶ repetidas vezes, o que gerava na criança ainda mais resistência de como se pensar e compreender a maneira como seus professores a puniam. Aos poucos, ela notou que eles cantavam hinos sobre montanhas com gelo, dias chuvosos e saudavam uma rainha, sendo que

³ A escrita desta tese começou no primeiro semestre de 2022 e, durante os estudos e construção do texto, apenas duas obras haviam sido publicadas no Brasil. Entretanto, logo após a qualificação de doutoramento deste trabalho, foi traduzidos o primeiro romance escrito por Jamaica Kincaid *Annie John* (2023) pela editora Alfaguara.

⁴ É necessário destacar que a *A autobiografia da minha mãe* (2020), na versão traduzida, foi publicada apenas em 2020 no Brasil, sendo esta publicação usada na presente pesquisa e, *Annie John* (2023), publicada no final do segundo semestre do ano de 2023 no Brasil.

⁵ Como destacado, há pouca informação sobre a escritora Jamaica Kincaid, por essa razão o vídeo mais recente da autora foi um dos mais proveitosos para colher informações bibliográficas. Matéria disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wTakQJM18oA>. Acesso em maio de 2023.

⁶ “Onde a ignorância é felicidade, é loucura ser sábio.” (Tradução nossa).

a realidade tropical do Caribe não condizia, pois seguiam normas e regras de um mundo muito diferente.

Jamaica Kincaid vai lembrar que, ainda muito criança, chamava a atenção dos seus colegas por ser ótima em mímica – tal ação, portanto, remete ao um conceito pós-colonial que segundo Thomas Bonnici (2005) em *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*, ressalta:

A mímica é a tentativa pelo colonizado para copiar o colonizador. Isso acontece quando o colonizado assume os hábitos culturais e valores do colonizador. Como resultado dessa mímica não é uma reprodução exata das características do colonizador, ela pode ser altamente subversiva. A mímica, portanto, produz uma racha na certeza imperial de que a dominação colonial mantém completo domínio sobre o colonizado. O escárnio (a ridicularização) e a ameaça existem na mímica da cultura, do comportamento e dos valores dominantes empregados pelo colonizado. A escrita pós-colonial é a principal estratégia da mímica contra o colonizador porque ‘devido à sua visão dupla, a revelação da ambivalência do discurso colonial subverte a autoridade desse mesmo discurso’ (Bhabha, 1998, p. 88). A quase-identidade do sujeito colonial com o sujeito dominante (descrito por Bhabha como ‘quase o mesmo mas não é branco’) faz com que a cultura colonial seja potencialmente subversiva (Bonnici, 2005, p. 38).

Dessa forma, é preciso contextualizar que embora a ideia comum de mímica seja apenas a imitação de uma pessoa qualquer, Kincaid destaca que certo dia seu professor a obrigou ler *Jane Eyre* (1994) da britânica Charlotte Brontë e, obcecada pela narrativa, Jamaica começou a fingir que era Brontë, morando em alguma cidade pequena da Inglaterra, sentindo frio o tempo todo e que adorava tomar chá durante a tarde. Ainda conectada com a narrativa, ela alternava sua mímica entre a autora e a personagem Jane Eyre, desejando viver naquele espaço sobre o qual ela tinha que estudar, mas que não tinha noção real de como era. Mesmo que ainda muito jovem tivesse consciência das problemáticas que o território antilhano sofria, ela era uma criança que compreendia que a vida que ensinavam a ela e às outras crianças na escola era melhor quando vivida na Inglaterra.

Ainda na escola, Jamaica lê por conta própria *Paradise lost* (2007), de John Milton, texto que mostra a perspectiva da queda de Lúcifer ao tentar conquistar o Paraíso. Uma das frases citadas nas versões do texto é “*Better to rule hell than to serve in heaven*”⁷ e torna-se um questionamento que Kincaid irá concordar e compreender a escrita como uma ferramenta artística que projeta no autor(a) um conceito pessoal de olhar e entender o mundo. Quando escreve seu segundo romance, *Lucy* (1990), Jamaica Kincaid diz que Lucy é a abreviação de

⁷ “Melhor governar o inferno a servir no paraíso”. (Tradução nossa).

Lúcifer e que esse livro é o que mais se aproxima de uma suposta autobiografia, mesmo que afirme que nem toda escrita é sobre o próprio autor da obra.

Quando a relação com sua mãe se abala, durante sua adolescência, Jamaica é enviada para os Estados Unidos, onde começaria a estudar e trabalhar como babá. O contato com a família começa a se enfraquecer cada vez mais e ela sente-se pronta para mudar seu nome para Jamaica Kincaid assim que consegue um emprego como escritora nas revistas *Ingénue*, *The Village Voice* e *Ms. Magazine*.

I don't know if having other children was the cause for our relationship changing - it might have changed as I entered adolescence, but her attention went elsewhere. And also our family money remained the same but there were more people to feed and to clothe and so everything got sort of shortened, not only material things but emotional things; the good emotional things I got a short end of that. But then I got more of things I didn't have, like a certain kind of cruelty and neglect. In the end, it didn't matter. When I was first a young person, it did matter a lot because I didn't know what had happened to me. If I hadn't become a writer, I don't know what would have happened to me; that was a kind of self-rescuing⁸ (BBC – World Service).

Jamaica Kincaid tinha consciência que sua vida, caso ficasse em Antígua, seria traçada pela ótica patriarcal dos homens colonizadores e colonizados daquele espaço e que, na escrita, ela poderia não apenas se salvar, mas reconstruir a história do seu povo através dos seus olhos sociais. Dessa forma, ela reflete:

My family... my mother and step-father planned distinctive lives. My brothers were going to be gentlemen of achievement, one was going to be Prime Minister, one a doctor, one a Minister, things like that. I never heard anybody say that I was going to be anything except maybe a nurse. There was no huge future for me, nothing planned. In fact, my education was so casually interrupted, my life might very well have been destroyed by that casual act, that might have been what removing me from school might have been like if I hadn't intervened in my own life and pulled myself out of the water⁹.

⁸ "Não sei se ter outros filhos foi a causa da mudança em nosso relacionamento - pode ter mudado quando entrei na adolescência, mas a atenção dela foi para outro lugar. E o dinheiro de nossa família permaneceu o mesmo, mas havia mais pessoas para alimentar e vestir e, portanto, tudo foi encurtado, não apenas as coisas materiais, mas também as emocionais; as boas coisas emocionais eu tive muito pouco. Mas depois e ganhei mais coisas que eu não tinha, como uma certa crueldade e negligência. No final das contas, isso não importava. Quando eu era jovem, isso importava muito porque eu não sabia o que tinha acontecido comigo. Se eu não tivesse me tornado uma escritora, não sei o que teria acontecido comigo, foi uma espécie de autor resgate" (Tradução nossa). Disponível em: https://www.bbc.co.uk/worldservice/arts/features/womenwriters/kincaid_life.shtml

⁹ "Minha família ... minha mãe e meu padrasto planejam vidas distintas. Meus irmãos seriam cavalheiros de realizações, um seria primeiro-ministro, um médico, um ministro, coisas assim. Nunca ouvi ninguém dizer que eu seria nada, exceto talvez uma enfermeira. Não havia um grande futuro para mim, nada planejado. Na verdade, minha educação foi interrompida tão casualmente, minha vida poderia muito bem ter sido destruída por aquele ato casual, que poderia ter sido o que me tirar da escola poderia ter sido se eu não tivesse intervindo em minha própria vida e me puxei para fora da água" (Tradução nossa).

Uma vez que sua escrita é reconhecida, Jamaica Kincaid trilha seu caminho publicando seus livros, além de se tornar professora sobre estudos africanos e história da África. Kincaid se casa, constrói sua família e fixa-se em Vermont, nos Estados Unidos, cidade que, segundo a própria Jamaica, é um dos lugares mais acolhedores e ativistas no movimento negro da América do Norte¹⁰, além de ser pioneiro na abolição da escravidão dos povos negros.

Nessa altura de sua vida, Jamaica pode compreender melhor que sua infância foi processo de um esquema da Missão Imperialista britânica, tendo como missão principal explorar e roubar seu povo durante o período colonial. E, para além disso, um ponto interessante quando se pensa na vida de Jamaica Kincaid é o fato de ela ser descendente de mulheres e homens que sempre cuidaram de jardins, sendo que ela mesmo ainda se intitula como uma escritora jardineira. Kincaid compara o ato de jardinar com o processo de colonizar, mas que um é um ato de produtividade e beleza, e o outro de destruição e morte.

Quando Kincaid fala das plantas em várias entrevistas que concebeu durante sua carreira, ela afirma que o europeu nunca teve uma terra fértil para o plantio e que os atos de colonização e exploração das terras da África, Caribe, Índia e América do Sul eram/são para civilizar, entretanto, essa falácia tinha a ver com o fato de que nestas terras exploradas havia flores, temperos, pedras preciosas e seres humanos que consideravam animais. Em determinado momento, ela vai dizer que existe uma lenda que colonizadores espanhóis queriam roubar a mansidão esverdeada que viam por cima das montanhas, mas cegos pela ganância não percebiam que o verde imenso e sem fim era o Oceano Pacífico e não esmeraldas.

Houve, por um certo momento, pela minha percepção de pesquisador, logo no início dos meus estudos, que misturar o autor e obra seria uma decisão previsível, porém, neste caso, foi necessário compreender a fusão de uma escrita poética e ácida para falar da solidão da mulher antilhana. Kincaid é um nome que precisa ecoar dentro da pesquisa nacional e a sua voz dentro e fora do pano diegético reflete as feridas que assolam a vida do povo caribenho.

Por fim, quando pensamos na escrita de Jamaica Kincaid, durante o caminho que este trabalho percorrerá em *A autobiografia da minha mãe*, pensaremos que a narrativa é construída pela voz de Xuela Claudette e escrita pelas mãos de jardinagem de Kincaid, que rega a história de mulheres e homens que, em algum momento, viram caravelas vindo de longe e que, em alerta, sabiam que suas vidas mudariam para sempre.

Disponível em: https://www.bbc.co.uk/worldservice/arts/features/womenwriters/kincaid_life.shtml

¹⁰ Ver: *Jamaica Kincaid The Art of Fiction (English)*: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7szuwRMZF8A&list=PPSV&t=3>

1.2 MONTANHAS: TRANSPOSIÇÕES TEMPORAIS

Na representação da personagem está a consciência de que o Caribe ainda sangra as feridas deixadas pela colonização europeia, com isso a autora destaca o quanto é necessário olhar para a história das ilhas caribenhas até os dias recentes para compreender o percurso do processo capitalista escravagista na África até o momento da miscigenação dos povos que habitam Martinica.

O romance é narrado em primeira pessoa pela personagem protagonista, Xuela Claudette Richardson, que vai tecendo sua história à medida que tenta compreender a morte da mãe, fato ocorrido logo após o seu nascimento. A narrativa vai sendo permeada por digressões que vão situando as demais personagens, a exemplo do pai, descrito como um agente opressor e indiferente ao papel paterno. Ademais, a narrativa percorre as feridas deixadas pela colonização europeia, o espaço abissal da diáspora africana para o Caribe e, principalmente, o corpo feminino enquanto agente emancipador e o revide que Xuela encontra para assumir a sua identidade multifacetada por cicatrizes pessoais e sociais.

A história de Xuela Claudette é narrada a partir do momento em que ela, uma mulher mais velha, relembra sua vida marcada pela ausência de sua mãe que morre quando ela nasceu, seu pai ausente e obcecado pelo poder, por várias personagens femininas que reagem muitas vezes com força nociva dentro do *clash* cultural da ilha de Dominica durante o período colonial. Mulheres cruzam o caminho de Xuela desde sua infância até a velhice, rejeitando-a por sua independência, maturidade sexual e autoestima em um período histórico das ilhas Caribenhas marcado pelo sofrimento evidente e pelo legado da escravidão.

A narrativa de Kincaid pode ser interpretada em três momentos distintos: 1. a infância, quando Xuela é entregue a uma lavadeira por seu pai, depois levada para a casa de sua madrasta e enfrenta o desprezo dos filhos de seu pai; 2. a adolescência, em que ela reconhece sua autonomia como mulher nativa, ligada às montanhas e aos mares que circundam Dominica; e, por fim, 3. a vida adulta até a velhice, que serve como fio condutor para o presente, enquanto Xuela relembra as negligências sofridas por ser mulher, racializada e estar do lado do povo conquistado. Ela também contempla os muitos relacionamentos que teve para satisfazer seus desejos, consciente de seu corpo e ações ao longo desse percurso.

A narrativa de Jamaica Kincaid carrega, em seu texto, a voz de uma mulher que se emancipa em meio à ausência de sua mãe, o abandono paterno, o homem (como uma

representação do europeu colonizador), enquanto agente patriarcal e as mazelas deixadas pelo sistema capitalista ideológico pela ação colonizadora.

É necessário destacar, dessa maneira, que Xuela Claudette Richardson rompe com uma narrativa predestinada a ela, como uma mulher passiva, submissa e objetificada. Xuela transita dentro de uma esfera que difere, geralmente, do papel feminino da mulher negra na literatura. Ela não se permite, aceita ou acolhe o papel que é, naturalmente, segundo a herança colonial, de um objeto submisso e passivo. Durante o percurso narrativo, Xuela Richardson externa sua raiva e revolta, mas, para além disso, contesta as personagens a sua volta, fazendo emergir o seu amor-próprio.

É interessante observar como a personagem Xuela descobre em seu corpo o empoderamento para expressar seu amor-próprio, mesmo afirmando que não era amada por ninguém:

Amava o cheiro da sujeira fina atrás das minhas orelhas, o cheiro da minha boca não lavada, o cheiro do meu sovaco, o cheiro dos meus pés não lavados. O que quer que houvesse em mim que fosse ofensivo, o que era da minha natureza, o que eu não conseguia evitar e não era uma falta de moral – essas coisas a meu respeito eu amava com o fervor dos devotos (Kincaid, 2020, p. 24).

Os corpos negros e colonizados se encontram no universo de negações identitárias, como afirma Franz Fanon (2008), em *Pele negra, máscaras brancas*, pois devido às imposições da colonização europeia e os séculos de objetificação dos corpos negros, ocorrem diversos tipos apagamento das identidades africanas, muitas vezes, um silêncio buscado pelas comunidades e pelos próprios indivíduos subalternizados. Isso se deve a uma forma de sobrevivência para escapar das explorações violentas que viviam: “todo povo colonizado nasce com um complexo de inferioridade devido ao sepultamento da originalidade cultural” (Fanon, 2008, p. 34). Negar-se é uma maneira de dizer ao Outro¹¹ que não havia justificativas para serem tirados de suas terras e serem levados para exploração que a escravidão causou – era uma tentativa de súplica para se infiltrar nas chances de sobrevivência. Por outro lado, para além do corpo negro masculino, o olhar para o corpo negro feminino está voltado para uma inferiorização mais profunda e agressiva.

Em *A autobiografia da minha mãe*, quando a personagem Xuela, por exemplo, aceita o seu corpo e rompe a parede de ensinamentos odiosos e o desconforto que seu corpo teria que

¹¹ “[...] pode-se dizer que o Outro se refere ao centro e ao discurso imperial, enquanto adquire sua identidade de colonizado.” (Bonnici, 2003, p. 44 e 45).

causar, ela se impõe como uma agente de resistência do sistema de exploração do seu ser. Diante disso, a personagem é representada literariamente, em uma esfera da negação, que a todo momento busca e precisa encontrar alternativas para existir. Xuela contra-ataca o sistema ao amar e desejar tudo em seu corpo. Essa consciência corporal é uma das armas que Xuela usa para se proteger das negligências sofridas. Consciente das mazelas que invadiram a ilha de Dominica, Xuela Richardson se empodera ao perceber que se amar é resistir aos ataques do Outro.

Xuela se vê, ela olha para si, valoriza seu corpo, gênero, raça, sexualidade, identidade e ancestralidade em meios aos obstáculos a ela impostos pelo colonizador. Ao relacionarmos a narrativa ao aporte teórico-crítico decolonial, recorreremos a questões históricas e sociais sobre o feminino subalternizado, refletindo como o sujeito marginalizado consegue desenvolver e ampliar suas raízes culturais mesmo com a opressão patriarcal presente, tal como aparece no romance, pois a narradora sofre diretamente as consequências advindas da esfera discursiva falocêntrica, eurocêntrica e colonizadora.

Por este prisma, a narrativa de Kincaid nos leva à leitura do aporte teórico, da crítica feminista contemporânea, que busca estudar os movimentos de mulheres que se encontram em uma esfera de subjugação, principalmente por questões de gênero, raça e sexualidade em contextos de pós-colonialidade.

1.3 QUESTÕES DE GÊNERO E O AMADURECIMENTO DA CRÍTICA FEMINISTA

É conhecido que a crítica literária de abordagem feminista começa a ganhar força por volta de 1970, no contexto dos movimentos feministas e relações de trabalho, abrindo espaço para a produção de uma tradição literária produzida por mulheres que até aquele momento não tinham o devido reconhecimento dentro do universo literário. Embora esses estudos sejam fundamentais e precursores nas discussões sobre a mulher, eles estavam mais voltados para a mulher branca e elitizada que possuía um espaço mais visível e de fácil deslocamento social.

A questão de gênero na obra, por exemplo, permeia de maneira intrincada toda a trama, manifestando-se desde o nascimento de Xuela, cuja mãe falece durante o parto, até a maturidade, quando suas escolhas e relacionamentos refletem a busca por significado em meio às complexidades de ser mulher em uma sociedade fortemente moldada pelo patriarcado e pelo colonialismo. A problemática de gênero não se restringe apenas a Xuela, afetando também homens e mulheres que transitam na zona de contato sob influência colonial. Além disso, a concepção colonial sugere a necessidade de uma "hierarquia" para a coexistência de homens e

mulheres racializados no mesmo espaço, estabelecendo uma organização de poder que coloca o homem/mulher branco europeu no topo como os mais poderosos, enquanto o homem/mulher nativo em Dominica ocupa uma posição inferior.

A constante ausência da figura materna na vida de Xuela ressoa não apenas como uma perda individual, mas como um símbolo do sistemático apagamento das vozes femininas na história colonial. Ao recusar a maternidade, Xuela desafia as expectativas tradicionais sobre o papel da mulher, enfatizando sua autonomia e poder de decisão na busca por identidade. A exploração única da sexualidade de Xuela também é evidenciada. Ao buscar prazer e conexões físicas desvinculadas de compromissos reprodutivos, ela desafia normas sociais que frequentemente associam a identidade feminina à maternidade, entrando em conflito com padrões culturais e religiosos. Isso ilustra a resistência das mulheres que buscam autodeterminação em relação ao próprio corpo e desejos.

A obra ainda examina as dinâmicas de poder entre homens e mulheres, especialmente nas experiências de Xuela com figuras masculinas em sua vida. Seu relacionamento com o pai e outros homens destaca as complexas dinâmicas de dominação e submissão, revelando como as estruturas patriarcais impactam as vidas das mulheres. Além disso, ao explorar a condição das mulheres racializadas no Caribe, Kincaid joga luz sobre a interseccionalidade das experiências femininas, demonstrando como raça, classe e gênero se entrelaçam de maneiras complexas na formação da identidade.

Nesse quesito, a literatura pós-colonial sempre concentrou sua atenção na dupla objetificação da mulher, abordando tanto a exploração do patriarcado quanto as estruturas sistêmicas que se basearam na tríade de etnia, classe e gênero. Ao longo das décadas, esses estudos desempenharam um papel crucial no amadurecimento da crítica feminista no Ocidente. Essa evolução culminou no que hoje reconhecemos como feminismo decolonial, incorporando mulheres de todas as etnias e trabalhadoras, bem como o feminismo negro, que se concentra na identidade da mulher negra. Essas áreas de estudo, com profundas camadas, não apenas foram fundamentais em si mesmas, mas também forneceram a base para o desenvolvimento de áreas subsequentes de pesquisa e análise.

Foi necessário, portanto, que novas vertentes de estudos sociológicos e literários, por exemplo, olhassem para a mulher negra, indígena, imigrante, homossexual, transsexual e começassem a questionar os seus espaços de importância na esfera social. É neste sentido que o feminismo decolonial discute o papel dessa mulher que vivia/vive à margem de outras e, principalmente, cumpria um papel esquecido e sempre exploratório por conta de sua raça, gênero e orientação sexual.

Diante disso, Flávia Rios complementa que:

Nesse sentido, o feminismo decolonial se volta para os problemas gerados pelas relações coloniais (em que se inserem a escravidão e seus efeitos deletérios) e também para as imaginações emancipatórias elaboradas neste mundo em que a questão de raça se impôs de forma visceral (Rios, 2020, p. 8).

Ao pensarmos sobre a (re)configuração dos estudos feministas, percebemos uma relação direta com a narrativa de Jamaica Kincaid, pois apresenta uma personagem narradora que aponta poeticamente as aflições presentes no feminino, na mulher que descende de povos escravizados, na opressão masculina colonizadora e, por fim, não abandona sua verdadeira identidade, ao contrário, compreende a verdadeira relação de seu “eu” feminino e os aspectos históricos aviltantes da colonização. Neste sentido, chama-nos atenção o revide presente na personagem Xuela que, enquanto narradora de sua própria história, toma posse de toda a opressão sofrida e a reformula em seu espaço de alteridade.

Essa exigência cansativa era apenas uma das muitas que eram feitas apenas por eu ser do sexo feminino. Do momento em que eu saía da cama de manhã cedo até o momento que eu me cobria de novo na escuridão da noite, eu executava muitos atos traiçoeiros de dissimulação, mas tinha clareza sobre quem eu era de verdade (Kincaid, 2020, p. 30).

Através da afirmação de se reconhecer e saber de sua identidade diante das opressões vividas, os relatos de Xuela Richardson reforçam a necessidade e a importância de abordar as novas facetas que o feminismo vem apresentando, posto que, desde o início da narrativa, a personagem compreende a real necessidade de aceitar e cuidar do seu próprio corpo. Para além disso, o fio narrativo é conduzido de modo a trazer uma relação direta com as ilhas do Caribe e como a melancolia do mar, as árvores, os animais, o dia e a noite, concorrem para uma esfera sinestésica de pertencimento de lugar.

O Caribe foi umas das rotas de exploração colonizadora, da diáspora africana, e elementos dessa história ajudam a compor a narratividade do romance. Por meio da personagem Xuela, Kincaid denuncia o passado de escravidão do seu povo. Ao observar tais pontos, compreendemos também o processo de colonização que afetou o Caribe, em específico a ilha de Dominica, espaço diegético da narrativa. Os atos de colonização impulsionaram não somente resultados das explorações econômicas, sociais e ideológicas, mas principalmente no extermínio dos povos locais.

A autobiografia da minha mãe carrega uma pluralidade de sentidos que se remetem aos temas abarcados pelas literaturas pós-coloniais, portanto, essa pluralidade nos leva a buscar a origem dos textos literários pós-coloniais e refletir como se propagaram. No livro *The Empire Writes Back* (1989), os autores australianos apontam um grande avanço das literaturas africanas com o movimento da Negritude iniciado por Aimé Césaire e Leopold Senghor (1920), dando espaço às teorias africanas e caribenhas assim como sua literatura de forma geral:

Négritude, as first conceived by these critics in the 1920's and 1930's, would find few totally uncritical adherents today. Nevertheless, it was one of the decisive concepts in the development of modern Black consciousness and is the first assertion of those Black cultures which colonization sought to suppress and deny (Ashcroft *et al.*, 1991, p.123, 124)¹².

A relação com a língua crioula e a mestiçagem no texto de Kincaid está presente, pois apresenta toda a questão de hibridização que as ilhas caribenhas viveram no decorrer da história. Com relação à língua crioula, Glissant esclarece que:

Os africanos, vítimas do tráfico para as Américas, transportaram consigo para além da Imensidão das Águas o rastro-resíduo de seus deuses, de seus costumes, de suas linguagens. Confrontados à implacável desordem do colono, eles conheceram essa genialidade, atada aos sofrimentos que suportaram, de fertilizar esses rastros-resíduos, criando, melhor do que sínteses, resultantes das quais adquiriram o segredo. As línguas crioulas são rastros-resíduos singrados na grande bacia do Caribe e do Oceano Índico. (Glissant, 2005, p 83).

Neste sentido, a narradora de *A autobiografia da minha mãe* tem consciência de que a descrição de diferentes cores de pele, idiomas e até mesmo comportamentos ideológicos, estão ligadas às consequências das explorações que aqueles povos sofreram.

A pele do meu pai era da cor da corrupção: cobre, ouro, minérios; os olhos eram cinza, o cabelo era vermelho, o nariz longo e estreito; o pai dele era um escocês, a mãe do povo africano, e essa distinção entre “homem” e “povo” era uma distinção importante, pois tinha saído do navio como parte de uma horda, já demonizado, a mente vazia de qualquer coisa que fosse sofrimento humano (Kincaid, 2020, p. 109).

¹² “Negritude, como concebido primeiramente por estes críticos nas décadas de 1920 e 1930, encontraria poucos adeptos totalmente acríticos hoje. No entanto, foi um dos conceitos decisivos no desenvolvimento da ciência negra moderna, e é a primeira afirmação daquelas culturas negras que a colonização procurou suprimir e negar”. (Ashcroft *et al.*, 1991, p.123, 12, tradução nossa).

Como um sujeito que se reconhece enquanto agente transformador do seu espaço, Xuela percebe desde criança os resquícios deixados pela exploração colonialista na sua terra. Colocada em relação a esses estudos, *A autobiografia da minha mãe* coloca-se como fio condutor a partir do qual é possível realizar um encontro entre abordagens da crítica pós-colonial e feminismo decolonial na tessitura narrativa.

1.4 EUNICE PAUL: A LAVADEIRA

Xuela Claudette Richardson é a voz em conflito na obra de Kincaid, ela é a representação de uma mulher solitária, abandonada por seu pai e que vive à sombra da morte de uma mãe que nunca conheceu. De sua dor erige uma mulher que cria alternativas para resistir ao sistema que lhe é imposto, pois ainda criança Xuela sente que seu lugar no mundo seria rodeado de silêncio e vazio, e é através de toda essa escuridão que Xuela cria uma camada protetora, reconhecendo seu lugar no mundo, na ilha que nasceu e, enquanto tece sua história, vai apresentando os processos de colonização que a ilha de Dominica viveu.

A primeira mulher com quem Xuela tem contato é Eunice Paul, uma mulher que sobrevive lavando roupas para fora e cuida de seis filhos. Essa observação é necessária, já que todas as mulheres em *A autobiografia da minha mãe* são a representação de um sujeito esquecido, oco, fadado às dores de uma vida de servidão e isolamento. A lavadeira que cuidou de Xuela Richardson será a primeira personagem a revelar detalhes dessa violência que os corpos femininos caribenhos sofriam/sofrem.

Não é narrado ao leitor(a), o paradeiro dos pais de seus filhos(as) ou como sua vida era antes de Xuela chegar para ela quando bebê, pois o pai de Xuela a deixou com Eunice Paul assim que sua mãe morre. Ao se perceber sozinho com a menina, o pai deixou-a com a mulher que lavava suas roupas:

[...] meu pai pegou e me pôs sob os cuidados da mesma mulher a quem pagava para lavar suas roupas. É possível que ele tenha enfatizado a diferença entre os dois fardos: um era sua filha, não sua única filha no mundo, mas a única que teve com a única mulher com que se casara até então; o **outro** eram suas roupas sujas (Kincaid, 2020, p. 7, grifo nosso).

Quando Xuela compreende que seu espaço na vida do pai está configurado ao processo de outremização, ela se percebe como um insignificante objeto que precisa ser entregue para outro objeto – que neste caso é Eunice Paul, a lavadeira. Uma das abordagens de dominação

do ser, no projeto colonialista, está na forma como o colonizador coloca em estado de objetificação o colonizado, pois quando se destrói um sujeito de fora para dentro é mais fácil empreender sua dominação – não tem como resistir às opressões do Outro quando o indivíduo está fadado à servidão.

Neste aspecto, Xuela se entende como um ser sem relevância na vida do pai, então, Xuela Richardson começa a criar seu sentido de resistência naquele universo, pois sem o amor da mãe e o abandono do pai não resta muito a ela além de ignorar e entender as dores que a afetarão no decorrer da sua vida. Entretanto, é justamente com Eunice em seus primeiros anos de vida que Xuela compreende sua indiferença aos sistemas sociais daquele espaço e contempla quando criança a ausência dos pais - o estranho espaço com aquela nova mulher que cuidaria dela por alguns anos começa a se tornar sua conexão com as belezas da ilha de Dominica:

[...] e quando eu estava irritadiça e não conseguia me consolar, ela me acomodava em pedaços de panos velhos e me colocava à sombra de uma árvore, e diante da vista daquele mar e daquelas montanhas, tão impiedosos, eu me exauria de tanto chorar (Kincaid, 2020, p. 8).

A conexão das personagens com a ilha caribenha vai sendo delineada pela necessidade de pertencimento de Xuela, aspecto relevante na construção da identidade de sujeitos que experimentam as mazelas da exploração colonial. “A sensação do deslocamento remete ao *status* de consciência de ‘não estar em casa’, sobretudo pelo estranhamento que o novo proporciona, ou pelo ímpeto/necessidade de fixar-se nesse outro lugar ou, ainda, pelo *desejo do retorno redentor*” (Barzotto, 2016, p. 17, grifos nossos). É esse sentimento de contemplação e pertencimento, de retorno às suas raízes, que faz com que Xuela se conecte com sua ancestralidade, com a ausência dos seus e se reconheça como parte deles naquele espaço. Os sujeitos afetados pelos processos de colonização, muitas vezes, se encontram com o próprio espaço em que estão/vivem. Sendo assim, ao aceitar sua condição naquele momento, Xuela compreende e não aceita o amor daquela “mãe”, reconhecendo que sua função ali era apenas existir até que seu momento de partir chegasse:

Mãe Eunice não era má: ela me tratava exatamente como tratava os próprios filhos – mas isso não quer dizer que era bondosa com os próprios filhos. [...] Nunca passei a amar essa mulher com que meu pai me deixou, essa mulher que não era má comigo mas não poderia ser bondosa porque não sabia como – e talvez eu não conseguisse amá-la por também não saber como. Ela me alimentava à força com uma peneira, pois eu não bebia seu leite e ainda não tinha dentes; depois que nasceram, a primeira coisa que fiz foi enfiá-la em sua mão enquanto ela me dava comida. Na hora um pequeno som escapou de sua boca, mais de surpresa do que de dor, e ela entendeu o que aquilo significava

– meu primeiro gesto de ingratidão – e ficou na defensiva comigo pelo resto do tempo em que convivemos (Kincaid, 2020, p. 8).

Durante os anos que ficou na casa de Eunice, Xuela viu o pai com pouca frequência e quando o via, reconhecia nele um contato frio e distante, notou que a presença do pai era apenas uma lembrança de um relacionamento que nunca teria com ele. “[...] ele me perguntava como eu estava, mas era uma formalidade; ele nunca me tocava ou me olhava nos olhos.” (Kincaid, 2020, p. 9). A ausência de afeto com o pai e também a relação frágil com Eunice se dão no fato de compreender em como Xuela vai se relacionar com o mundo e, a partir daí, moldar suas escolhas e a forma como observará as pessoas ao seu redor. Mesmo que seus momentos com Eunice fossem mornos e cobertos por uma guerra fria entre elas, Xuela sabia e sentia que a mulher que cuidava dela tinha seu espaço de reconhecimento no mundo, também tinha suas raízes e pertencia ao algum lugar.

Para ambas, mas principalmente para Xuela, a ilha de Dominica representa o espaço de pertencimento. Os processos arquitetados pela colonização britânica e francesa nas ilhas caribenhas acarretam uma sequência dolorosa e nostálgica, em uma terra marcada pela exploração, escravidão e morte. Lélia Gonzalez (2020) faz referência à situação bélica ocorrida nas ilhas do Caribe, principalmente em Martinica, ao sul de Dominica – espaço de ambientação da narrativa, de onde Xuela Richardson é apresentada ao leitor.

O desejo de Xuela em retornar às montanhas, memórias de seus antepassados, pode ser interpretado como uma alternativa saudosista de imaginar como seriam as ilhas caribenhas em uma realidade não maltratada pelo imperialismo europeu.

Quando nos permitimos olhar para as lembranças de Xuela, participamos de uma narrativa que, curiosamente, não busca respostas para entender o que aconteceu com seu povo. A personagem idealiza uma possibilidade de como seria caso a colonização não fosse iminente e mortal para muitos. Sobre o assunto, Lélia Gonzales aponta: “Como aconteceu em todo o Caribe, a população indígena foi praticamente extinta e substituída pela mão de obra africana escravizada, trazida para trabalhar nas grandes plantações de cana-de-açúcar” (Gonzales, 2020, p. 271). O saudosismo de Xuela está relacionado ao sentimento de compreender como foi sua vida – muito distante de tentar entender as justificativas causadas pelos colonizadores.

Esse ponto nos permite compreender que ainda quando criança e sob os cuidados de Eunice, Xuela entende que os povos daquela ilha, onde sua história será permeada até sua velhice, são povos que minam necessidade de pertencimento – que buscam se apegar em imagens, lembranças e objetos para ter esperanças de um lugar que não há dor e exploração.

Como é o caso de Eunice: “Um dia, sem querer, quebrei um prato, o único prato daquele tipo que Eunice teve na vida, um prato feito de porcelana de ossos [...]” (Kincaid, 2020, p. 9). Xuela, agora adulta, entende o sofrimento intenso que causou à Eunice quando quebrou aquele prato. O sentido da dor e da raiva de Eunice está ligado às memórias afetivas que a mulher que a criou tinha com o prato de ossos, ou apenas por saber que aquele amuleto representava a esperança de mundo que Eunice nunca viveria, pois ela descendia de uma vida que deram a ela, escolheram e ditaram como seria a sua história e de seus ancestrais. Ao ver o prato sendo destruído, Eunice perde a conexão com uma realidade que sentia pertencer a ela, mas que fora tirada.

A tristeza que ela exprimiu diante dessa perda me fascinou; era tão carregada de luto, tão esmagadora, tão intensa, como se tivesse acontecido a morte de um ente querido. Ela agarrou a bolsa densa que era sua barriga, puxou os cabelos, socou o peito; lágrimas grossas rolaram de seus olhos e pelas bochechas [...] eu olhava para ele e me admirava do retrato pintado na superfície, um retrato de um campo aberto cheio de gramas e flores em tons muitos suaves de amarelo, rosa, azul e verde; o céu tinha um sol que brilhava, mas não ardia; as nuvens eram ralas e esparsas como um adorno, não compactas e amontoadas, não prenúncios de desgraças. Esse retrato nada mais era de um campo cheio de grama e flores em um dia ensolarado, mas tinha uma atmosfera de abundância secreta, de felicidade e tranquilidade; abaixo dele estava escrita, em letras douradas a palavra: PARAÍSO. Claro que não era um retrato do paraíso, de forma alguma: **era um retrato idealizado do interior da Inglaterra**, mas eu não sabia, não sabia nem que existia uma coisa como o interior da Inglaterra. Nem Eunice sabia; **achava que o retrato era uma imagem do paraíso, oferecendo como de fato oferecia, a promessa secreta de uma vida sem preocupações ou sofrimento ou escassez** (Kincaid, 2020, p. 10, grifos nossos).

A inquietação e descontentamento de Eunice é o resultado de uma rede de sofrimento advinda da história de exploração de seu povo e, por essa razão, existe no cerne psíquico de pessoas fragilizadas no âmbito colonial/imperialista a necessidade de tentar manter vivo o que acreditam ser referente à sua história pessoal, à necessidade de se reconhecer, de sentir paz e acalento. O sujeito que sofre dos impactos do colonialismo é dissolvido em um esquema de desumanização sempre em prática de uma articulação que pensa na (des)configuração da identidade desses sujeitos.

A partir disso, apontamos dois pontos importantes para esses planos de dominação: a) todo o sistema de dominação imperial advindo de países europeus (no que tange à análise de *A autobiografia da minha mãe* – focaremos principalmente na Inglaterra e França) parte do pressuposto de dominação e ataque em regiões que consideravam/consideraram inferiores

economicamente, racialmente e ideologicamente aos olhos de uma sociedade branca-normativa-ocidental-capitalista, logo, regiões como o Caribe eram pontos de exploração latente para tais ações de ataque e, b) *A autobiografia da minha mãe* tem uma narradora em primeira pessoa, Xuela Richardson, sendo este ponto uma característica principal para compreender que: mulheres negras, caribenhas, afrodescendentes, latinas, chicanas, indígenas e transsexuais estão em uma escala de submissão e exploração mais agressiva, justamente por sua questão de gênero e raça – logo, na dor partilhada no momento que o amuleto de Eunice se quebra, nota-se a tentativa de uma mulher racializada e com a sua identidade desconfigurada se apegando em o que ela considera ser uma utopia de paz e proteção – ainda que não soubesse exatamente o que fosse.

Destacados esses dois pontos, em especial, o último, para ler no cotejamento com o ensaio de Lélia Gonzalez.

É importante insistir que, dentro da estrutura das profundas desigualdades raciais existentes no continente, a desigualdade sexual está inscrita e muito bem articulada. Trata-se de uma dupla discriminação de mulheres não brancas na região [...] O caráter duplo de sua condição biológica – racial e/ou sexual – as torna as mulheres mais oprimidas e exploradas em uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente (Gonzales, 2020, p. 145).

Questões acerca da sexualidade feminina e questões referentes ao processo de racialização das mulheres reforçam fortemente a necessidade de se pensar e compreender no âmbito literário, por exemplo, a disparidade das mulheres perante o sistema capitalista-patriarcal. O olhar de Xuela perante a dor de Eunice, mesmo que ausente de culpa por quebrar o prato, faz com que Xuela compreenda uma inquietante ligação entre elas, mesmo que ambas não se amassem como aponta a narradora: “Quando quebrei o prato e me neguei a pedir desculpas, ela amaldiçoou minha finada mãe, amaldiçoou meu pai, me amaldiçoou. As palavras que usou nada significavam [...] porque eu não a amava. E ela não me amava” (Kincaid, 2020, p. 10). Confirmada a distância afetiva entre elas, como forma de punição, Mãe Eunice decide por punir Xuela, colocando a menina de joelhos em um montinho de pedras, onde tinha bastante sol, com as mãos levantadas acima da cabeça e cada mão segurando uma pedra.

Ela pretendia me deixar nessa posição até que eu dissesse as palavras ‘me desculpe’, mas eu não as dizia, não conseguia dizê-las. Estava além da minha própria vontade; aquelas palavras não atravessavam meus lábios. Continue daquele jeito até ela se exaurir **de tanto me amaldiçoar e a tudo que se relacionava a minha origem** (Kincaid, 2020, p. 10 e 11, grifos nossos).

A relação conflituosa entre as duas se dá diante do estranhamento e principalmente pela imposição colocada pelo pai de Xuela. O motivo de as histórias da Mãe Eunice e Xuela Claudette se cruzarem é marcado pela perspectiva de um homem que se compreende como impositor, pois ele julga que, por Eunice ser uma mulher, lavadeira e já mãe de seus filhos biológicos, logo está obviamente fadada a cuidar da sua filha, uma criança que ela não conhece, não tem afetos – mas que é colocada no espaço de maternar por conta de seu gênero, justamente por considerar que este é o papel óbvio da mulher. Entretanto, há um ponto fundamental na relação entre Mãe Eunice, Xuela e seu pai – a relação de classe. Eunice precisa aceitar cuidar dessa criança que não é sua, pois precisa do dinheiro que o pai de Xuela lhe paga para sobreviver; a questão de classe presente nessa relação é também um esquema de necessidade (Mãe Eunice) e poder (o pai). Essa conexão entre as duas, portanto, se estabelece apenas por uma necessidade de sobrevivência – Xuela, porque precisa de uma casa, e Mãe Eunice, porque precisa do dinheiro para cuidar dos seus filhos biológicos em lugar marcado por miséria. Esses elementos históricos podem ser lidos na fala da personagem Xuela:

Por que esse castigo me marcou tanto, carregado como era de todos os aspectos de relação entre captor e cativo, senhor e escravo, com sua dimensão do grande e do pequeno, do poderoso e do impotente, do forte e do fraco, e num pano de fundo de terra, mar e céu, e Eunice me olhando de cima, se metamorfoseando em uma sucessão de coisas furiosas e não humanas a cada sílaba que cruzava seus lábios (Kincaid, 2020, p. 11).

É importante destacar que a forma como Eunice pune Xuela com suas palavras está relacionada com a maneira como ela olha e compreende o demérito do seu próprio povo, como ela reconhece que causar dor naquela criança seria amaldiçoar a mãe que Xuela nunca conheceu, o pai que a deixou para viver com uma desconhecida, ressaltando a ausência do amor paterno e, principalmente as suas origens, a do seu povo que foi escravizado e morto nas grandes navegações que assolaram a África e o Caribe.

A teoria Pós-Colonial observa que esse jogo imposto pelos sistemas de explorações imperialista, consequentemente pelo viés capitalista que é essa divisão entre o Outro e o outro (Bonnici, 2003), é uma arquitetura para conseguir pesar e enfatizar que o poder eurocêntrico se prevalece com o Sul Global. Logo, é necessário apontar que para além de interesses territoriais, o esquema de posse colonial se configura para uma imposição econômica, religiosa, racial e de gênero – sendo esses dois últimos tópicos pontos necessários que tecem a narrativa de Xuela Claudette e as personagens presentes na escrita de Jamaica Kincaid.

No texto *Colonialidade e gênero* (2020), a argentina María Lugones revisita o estudo de Aníbal Quijano (2001) sobre as colonialidades do poder/ser/saber, apontando a necessidade de se olhar para o papel da mulher(es)¹³ como agente importante e participativo no que tange à construção de uma sociedade que recebeu os impactos das Colonialidades. Lugones, portanto, esclarece que é importante observar a intersecção entre a raça, classe, gênero e sexualidade, buscando entender a razão pela qual os homens perpassavam por uma indiferença para com os abusos sofridos, pelas mulheres na colonialidade do poder (Lugones, 2020). Segundo Lugones, as questões referentes à esfera moderna, capitalista e colonial dos sexos é uma entidade política e não biológica. Sendo assim, Lugones parte da ideia de reconfigurar a ideia de Colonialidade, seguindo para o feminismo decolonial:

the decolonial feminist's task begins by her seeing the colonial difference, emphatically resisting her epistemological habit of erasing it. Seeing it, she sees the world anew, and then she requires herself to drop her enchantment with 'woman', the universal, and begins to learn about other resisters at the colonial difference¹⁴ (Lugones, 2010, p. 753)

Essa observação de Lugones é pertinente para a compreensão desta discussão, pois o pai de Xuela se configura na esfera de um homem que sofre os processos coloniais, mas reproduz o mesmo com as pessoas que partilham da mesma experiência social. Esse costume na relação de poder, como narrado por Xuela, na hora do castigo sofrido, remete simbolicamente aos atos de forças sofridos pelo povo caribenho durante as explorações coloniais da Inglaterra e França nas ilhas de Dominica e Martinica. Sobre esse ponto, Lugones aponta:

De modo mitológico, a Europa, centro capitalista mundial que colonizou o resto do mundo, passou a figurar como preexistente ao padrão capitalista mundial de poder e, assim, estaria no ponto mais avançado da temporalidade contínua, unidirecional e linear das espécies. De acordo com uma concepção de humanidade que se consolidou com essa mitologia, a população mundial foi dividida em dicotomias: **superior e inferior; racional e irracional; primitiva e civilizada; tradicional e moderna.** [...] A Europa é concebida miticamente como preexistente ao capitalismo global e colonial, e como tendo alcançado um estado muito avançado nesse caminho unidirecional (Lugones, 2020, p. 59, grifos nossos).

¹³ Emprega-se o termo “Mulher(es)” como referência a várias classificações do feminino: mulher negra, branca, latino-americana, afrodescendente, africana, chicana, transsexual, indígena, etc.

¹⁴ “A tarefa da feminista decolonial começa quando ela reconhece a diferença colonial, resistindo veementemente ao seu hábito epistemológico de apagá-la. Ao vê-la, ela enxerga o mundo de uma nova maneira e, em seguida, se obriga a abandonar seu encanto por "mulher", o universal, e começa a aprender sobre outras resistências na diferença colonial.” (Tradução nossa).

Dito isso, podemos observar a analogia que Xuela faz na hora que se sente punida e compreende que os atos, que sujeitos com poderes podem representar a força motriz das imposições de força, mesmo que venham de outra mulher que vive na mesma realidade que a dela, ou até mesmo a do seu pai. Xuela mora por sete anos com a Mãe Eunice e nesses sete anos o pai de Claudette quase nunca a visita e nem leva mais suas roupas para Eunice lavar.

A última vez que Xuela vê Mãe Eunice é no momento que o pai dela aparece depois de muito tempo dizendo que iria levá-la para a casa de sua nova mulher e que ela teria uma mãe e irmãos.

Agradei a Eunice por ter cuidado de mim. Não fui genuína, não poderia ser genuína, não sabia como ser genuína, mas agora eu seria genuína. Não disse adeus: no mundo em que vivia na época e no mundo em que vivo agora, despedidas não existem, o mundo é pequeno (Kincaid, 2020, p. 19).

Xuela segue para a nova casa e nunca mais vê Mãe Eunice. Embora a narradora esclareça as indiferenças entre elas, no momento de dor em que Eunice perde seu prato e até mesmo no momento em que pune Xuela, a narradora reconhece na dor da lavadeira o encontro de duas mulheres desconfiguradas pelo sistema colonial imposto a elas.

1.5 MADRASTA: O SISTEMA PATRIARCAL E DISCÓRDIA ENTRE MULHERES

É com sete anos que Xuela Claudette Richardson vai morar com seu pai e é uma das primeiras vezes que a jovem caribenha sente que sua vida pode ser preenchida e o vazio que corta sua alma pode se desfazer. A solidão de Xuela é um reflexo da dominação do seu pai, das escolhas de um homem perante a vida de outra(s) mulher(es). Ele as manipula como forma de manutenção de poder. Aqui é possível refletir como esse sistema patriarcal posiciona o embate entre mulheres e, para além disso, mostra que o ódio gerado entre elas é favorável para a máquina capitalista.

O caminho até a casa de seu pai fez com que Xuela percebesse que não o conhecia – por mais que quisesse viver a experiência de fazer parte da vida de alguém, ela sabia que o desconhecido a esperava; sabia que seu pai tinha outra mulher e, por um tempo, cogitou que o amor que nunca recebeu de sua mãe pudesse ser agora dado por sua madrastra. Entretanto, não é o que acontece quando chega em sua nova casa.

Abri meus olhos pouco depois e vi o rosto da esposa do meu pai não muito longe do meu. Ela tinha o rosto do mal. Eu não tinha outro rosto com que compará-lo; sabia apenas que o dela era o rosto do mal, até onde eu podia dizer. Ela não gostava de mim. Eu podia ver. Ela não me amava. Não pude ver o resto do dela de imediato – só o seu rosto. Ela era do povo africano e do povo da França (Kincaid, 2020, p. 22).

Antes de entendermos a falta de sororidade entre as personagens que perpassam o caminho de Xuela, é necessário compreender que antes do gênero vem a questão de raça (Lugones, 2020) e a questão de as personagens na obra serem sujeitos racializados, compreendendo-se que todos partem do mesmo conceito e experiência com o sofrimento colonial – entretanto, não é o que acontece. Frantz Fanon (2008), importante psiquiatra que contribuiu para pesquisas na área da saúde mental e estudos na área da sociologia, dedicou-se a entender o funcionamento da psique do homem e da mulher negra. Principalmente em *Peles negras, máscaras brancas* (2008), Fanon observou a neurose do indivíduo negro e como esse mesmo sujeito desenvolve estratégias de sobrevivência negando sua própria origem, camuflando-se com os hábitos das pessoas brancas. Muitas vezes, essa neurose é inconsciente, pois a história da comunidade negra é rechaçada de exploração, abusos, mortes, escravidão. Sendo assim, Fanon aponta a seguinte disparidade: “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra como branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta disparidade é uma consequência direta da aventura colonial” (Fanon, 2008, p. 33).

A questão que Fanon aponta, vemos como um dos elementos mais inquietantes presentes na obra de Kincaid, pois não apenas observamos o pai de Xuela negando sua origem (mesmo sendo um sujeito híbrido)¹⁵, mas há também a rivalidade do feminino tão bem alimentado no sistema patriarcado, mesmo que todas as mulheres na narrativa sejam racializadas.

¹⁵ “[...] **na representação das pluralidades nômades dos sincretismos culturais e da diversidade ethnocultural, é importante considerar o valor político do aparato conceitual de ideologias que atuam sobre a cartografia de regiões culturais resultante da ocorrência de fortes mutações em curso em nossas sociedades contemporâneas.** Nesse âmbito, cria-se, entre formações discursivas ocidentais e étnicas, uma tensão dialógica responsável pela desconstrução de paradigmas reprodutores de conceitos monológicos privilegiados no quadro de uma dominação econômica e tecnológica que conseguiu impor políticas de mercado cultural em escala planetária. Tais dinâmicas decorrem de **mutações discursivas provocadas por dialéticas sincréticas e dialógicas fundadas em desconstruções conceituais, nas quais se instaura não só o recurso à mímica (e não à mimese) do modelo europeu, mas também a constituição de sujeitos culturais híbridos que revelam, no jogo de semelhanças e diferenças, sua capacidade metamórfica.** Assim, a **problematização do conceito ocidental de identidade torna-se visível na elaboração de um pensamento complexo, descentralizado e conflitual que se vem impondo contra o discurso totalizador e monológico do Ocidente no cenário pluralístico das culturas contemporâneas**” (Neto, 2012, p. 107, grifos nossos).

Xuela compreende que sua presença dentro da casa do pai, junto à madrasta, torna-se um espaço nocivo. Em uma ilha marcada pela desconfiança e ganância herdadas do Outro, a presença de Xuela dentro da casa paterna representa uma ameaça, pois compreende dois pontos: a) mais uma pessoa dentro da casa é mais uma divisão do dinheiro do pai e, b) a madrasta de Xuela acha que a menina é uma representação da mãe que Xuela nunca conheceu, mas que o marido e pai de Richardson sempre amou. Desta maneira, a decisão que a madrasta encontra para resolver o que para ela seria um problema é: matar Xuela. Embora Xuela, enquanto narradora de sua história, não aprofunde ao leitor o que fez sua madrasta arquitetar sua morte, o plano existiu.

A esposa do meu pai me queria morta, primeiro de um jeito que lhe permitisse fazer uma ostensiva demonstração de tristeza pela minha morte: um acidente, o desejo de Deus. E então, como nenhum acidente acontecia e Deus não parecia se importar se eu vivia ou morria, ela tentou realizar o desejo por conta própria (Kincaid, 2020, p. 25).

As ações que precedem as atitudes da madrasta são uma fórmula previsível para Xuela e, curiosamente, natural naquele contexto. Xuela, diferente de sua madrasta, possui a destreza e maturidade de compreender que as atitudes que aquela mulher tivesse com ela seriam, possivelmente, para destruí-la.

Ela me deu um de presente um colar de frutos secos e madeira polida e pedras e conchas do mar. Era a coisa mais linda, linda demais para uma criança, mas uma criança, uma criança de verdade, ficaria deslumbrada, seria seduzida, teria posto o colar no pescoço na mesma hora. Eu não era uma de verdade. Agradei várias vezes. Agradei de novo. [...] Ela olhava o meu pescoço e reparava que eu não o usava, mas nunca mais falou nele. Nem uma vez se quer. Nunca insistiu que eu o usasse. Ela tinha um cachorro que levava consigo para passear; o cachorro fora um presente do meu pai, deveria protegê-la de perigos humanos reais, perigos que fossem visíveis, deveria fazê-la sentir uma espécie de segurança. **Um dia pus o colar no pescoço do cachorro, escondendo-o debaixo dos pelos; em vinte e quatro horas ele enlouqueceu e morreu** (Kincaid, 2020, p. 25, grifos nossos).

Xuela não explica como era feito o colar para além dos frutos ou o que teria por trás de um objeto letal. O seu instinto de fato confirmava que as atitudes da madrasta eram traiçoeiras e arquitetadas para a morte dela. Dentro de uma ilha marcada pelo hibridismo, recheada por diferentes religiões locais, trazidas durante o processo de colonização, é natural compreender o realismo mágico dentro de uma narrativa plural como esta. O que Kincaid traz em sua escrita é a transparência que existe no olhar de um misticismo, das religiões e práticas de locais de Dominica. Para além disso, as ações da madrasta retificam que o sentimento de se proteger

daquela mulher é uma das opções de revide que Xuela encontra. “Se encontrou o colar no pescoço dele, a ela nunca mencionou o fato a mim. Ela então engravidou e deu à luz o primeiro filho de seus dois filhos, e isso afastou sua atenção cerrada; mas ela não deixou de desejar que eu morresse” (Kincaid, 2020, p. 26).

Ela consegue observar que as atitudes de sua madrastra têm relações diretas com o sistema de poder de suas descendências e, como destacado por Fanon, têm a ver de forma direta com articulação colonial. Ainda criança e sem saber lidar com seu próprio corpo, Xuela sente o desprezo da mulher que seu pai escolheu para cuidar dela pela segunda vez. “A esposa do meu pai me ensinou como me lavar. Não fez isso como gentileza. Minha forma e odor humanos foram uma oportunidade para ela amontoar desprezo sobre mim” (Kincaid, 2020, p. 24).

As personagens na narrativa apresentam características da dominação de poder como forma de manutenção pessoal e social, com a intenção de se colocarem no lugar do Outro. Embora possam parecer incoerentes tais ações, é necessário destacar que as formas de se colocarem em um espaço de sobrevivência ou, até mesmo de resistência, é a infiltração das identidades desses sujeitos afetados pelo discurso do poder colonial. Quijano, quando se reflete sobre os estudos da Colonialidade do poder, aponta:

No decurso da evolução dessas características do poder actual foram-se configurando novas identidades sociais da Colonialidade – *índias, negros, azeitonados, amarelos, brancos, mestiços* – e as geoculturais do colonialismo, como *América, África, Extremo Oriente, Próximo Oriente* (e as suas últimas, mais tarde, *Ásia*), *Ocidente* ou *Europa* (Europa Ocidental, depois). E as relações intersubjetivas correspondentes, nas quais se forma fundindo as experiências do colonialismo e da Colonialidade com as necessidades do capitalismo, foram-se configurando como um novo universo de relações intersubjetivas de dominação sob hegemonia eurocentrada (Quijano, 2009, p. 74, grifos do autor).

Essas novas identidades afetadas pelos processos de manutenção colonial se manifestam em muitas classificações híbridas do ser, todavia é pertinente apontar, por ora, que há duas formas presentes no romance aqui estudado; a) a primeira é que todos os sujeitos afetados pelos tramas de explorações sofrem transformações identitárias criando, dessa forma, uma nova transformação a ser oferecida na esfera global; b) a segunda é a conclusão trazida por Frantz Fanon em seus estudos, quando o psiquiatra aponta a neurose de sujeitos que se transfiguram no Outro para reforçar sua necessidade autônoma de sobrevivência. Qualquer sujeito que sofra o impacto do embate colonial, sendo ele colonizador ou colonizado, homem

ou mulher, racializados ou não, acabam por terem suas construções identitárias e sociais transformadas para sempre. Nesse choque cultural (mesmo sendo bélico), as transformações acontecem, pois cada sujeito parte de um *locus*, e quando em contato com outras intersecções o resultado é uma gama de experiências híbridas transformadas nesse ciclo.

Não obstante, é fundamental destacar que tais ações podem ser interpretadas de forma intencional ou não. Portanto, o dinamismo da madrasta de Xuela pode ser compreendido como uma consequência da exploração colonial e vai muito além da sua própria psique afetada pelos efeitos das ações eurocêntricas; esse mesmo dinamismo advém da história que viveu e vive os povos antilhanos.

Penso, por ora, que seja pertinente destacar que em meu olhar enquanto pesquisador, em um primeiro momento leitor de *A autobiografia da minha mãe*, não pude deixar de me conectar com as minhas próprias lembranças ao relacionar de imediato a relação de disputa entre mulheres que vivem à margem. Geralmente mulheres negras, periféricas e indígenas sempre estiveram sob a ótica das esferas marginalizadas durante minha vivência. No meu período escolar, lembro-me claramente de uma garota negra que sempre se envolvia em brigas em sua maioria com outras garotas negras, por causa de outros garotos (quase sempre brancos). Tal comportamento era sempre comentado pela equipe pedagógica da escola como atos de selvageria, já que alunas como ela sempre se comportam da mesma forma quando não conseguem o que querem. Vergès (2020) reflete que não importa o espaço ou tempo, sob a ótica capitalista patriarcal é necessário que tais reações aconteçam para que se mantenha uma “normalidade” do sistema. Ou seja, uma garota racializada precisa disputar com outras mulheres a atenção de outros garotos, atenção da família ou amigos, por exemplo. Na esfera solitária da mulher marginalizada, o que lhe resta é a agressividade por espaços.

Lembro-me também de presenciar duas mulheres indígenas brigando no meio da rua por conta de um homem branco que, sentado, assistia às duas se digladiarem como um troféu de virilidade para ele. Tais lembranças despertam-se ao refletir sobre as teorias aqui apontadas e o romance analisado, pois esclarece que é, na maioria das vezes, esse perfil de mulher(es) racializadas, que precisam transitar nesse jogo planejado pelo sistema patriarcal. Considerar a dominação do feminino acaba sendo uma opção para o sistema, pois fortalece o falocentrismo como uma irmandade e domestica a figura feminina de margem (Perrot, 2003).

Toda essa reação presente no romance coloca em pauta também a resistência por parte das mulheres e como elas se observam em um espaço sempre nocivo e ameaçador. As mulheres sempre estiveram em uma categoria menosprezada e fora de um centro social que as dessem voz e, para além disso, diretos. Os movimentos de resistências que lutam há anos pelos direitos

das mulheres, por exemplo, mesmo que ainda avançados, ainda insistem em direitos de igualdade salarial, pelo fim dos abusos físicos, sexuais etc. As ideias de Fanon e Quijano, muito embora compreendam a relação de poder entre o colonizado e colonizador através do viés que se permeia na esfera imperial, quando pensamos no que tange ao feminismo, compreende que há uma observação por parte da teoria feminista que reconhece, tanto da mulher branca como da mulher racializada, a ausência de sororidade entre elas. Sendo assim, quando se fala sobre o embate entre mulheres na esfera social, Françoise Vergès, em o *Feminismo Decolonial*, (2020) aponta tais ideias:

A metáfora da escravidão é poderosa, afinal, as mulheres não seriam propriedade do pai e do marido? Não estariam submissas às leis sexistas da Igreja e do Estado? O feminismo da Europa das Luzes não reconhece as mulheres que participaram da Revolução Haitiana (que será comemorada pelos poetas românticos), nem as mulheres escravizadas que se revoltaram, fugiram, resistiram. A questão aqui não é emitir um juízo de valor retrospectivo, mas se perguntar por que, tendo em conta essa cegueira, essa indiferença, ainda não foi feita uma revisão crítica da genealogia do feminismo europeu. Reescrever a história do feminismo desde a colônia é primordial para o feminismo decolonial (Vergès, 2020, p. 43).

Quando Vergès aponta a necessidade de se reescrever a história do feminismo decolonial, a estudiosa esclarece que a história não pode e não deve ser contada apenas por uma perspectiva. Já é sabido que boa parte da história da humanidade foi traçada pela ótica colonizadora e é a partir dessa ótica que as personagens em *A autobiografia da minha mãe* são contaminadas pelos vestígios das imposições colonizadoras. A madrasta de Xuela é o resultado de tais inquietações, pois mesmo sendo uma descendente de povos escravizados, que vive à margem do mundo capitalista, ela se reveste com a máscara de um sujeito que impõe, ignora e despreza.

Xuela, portanto, encontra-se na linha de ataque de sua madrasta: “Nela havia o desespero arraigado em um desejo há muito frustrado: ela ainda não tinha conseguido dar um filho ao meu pai. Ela tinha medo de mim; tinha medo de que, por minha causa, meu pai pensasse mais na minha mãe do que nela” (Kincaid, 2020, p. 24). A aflição da madrasta de Xuela reflete a necessidade de explorar e objetificar os seus como forma de demonstrar uma posição de superioridade, de afirmar que ela não pertence ao mesmo núcleo que a enteada. Porém, é importante apontar que a rivalidade feminina sempre foi vista como um combustível para o núcleo patriarcal na qual, em sua construção, posiciona o homem como o agente principal de conquista para as mulheres. O sentimento de raiva que a madrasta de Xuela sente

ao disputar a atenção com uma criança é, de certa forma, orquestrada pelo discurso falocêntrico de que o homem em sua virilidade pode e deve ser disputado por todas as mulheres que permeiam seu círculo.

Uma das formas que a madrastra encontra de subjugar Xuela está no processo de manutenção linguística – sendo essa forma muito comum na ‘zona de contato’¹⁶ com um sentimento bélico pela luta de espaço e demonstração de poder entre as partes. Para complementar tal pensamento, é necessário destacar que é muito mais comum que esse empasse de disputa linguística aconteça entre o colonizador e o colonizado, entretanto, o mesmo também pode acontecer entre sujeitos que não aceitam suas condições sociais e, como forma de se camuflar, produzem o mesmo discurso do Outro como já destacamos.

Falava comigo no patoá francês; na presença dele havia falado comigo em inglês. Ela fazia isso durante todo o tempo em que convivêssemos, mas naquela primeira vez, no santuário do meu quarto, aos sete anos, reconheci nisso uma tentativa de sua parte de me tornar **ilegítima, de me associar a uma língua inventada de um povo que não era considerado real – o povo à sombra, os eternamente humilhados, os eternamente inferiores.** (Kincaid, 2020, p. 23, grifos nossos).

A disputa entre sujeitos colonizados está para além do universo cultural destes, na qual um poderia se achar melhor que o outro através das suas experiências de explorações, de imposição religiosa ou, neste caso, linguística. Sobre essa questão, Fanon é cirúrgico quando destaca o seguinte pensamento do povo antilhano (que nesse caso se remete a quase todas as personagens da obra aqui estudada): “[...] o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa (Fanon, 2008, p. 34). Comportar-se e manifestar-se de forma idêntica aos comportamentos eurocêntricos está totalmente ligado à camuflagem e repetição do colonizador. Fanon continua destacando que: “Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva” (Fanon, 2008, p. 34).

Para além da ausência de consciência da madrastra na narrativa e mesmo estando na mesma linha da manutenção do poder imperial, a mulher que vai cuidar de Xuela pelos próximos anos, mesmo odiando uma criança, é um produto, resultado das imposições coloniais nas ilhas caribenhas. Eurídice Figueredo, em *Construção de identidades pós-coloniais na*

¹⁶ “Zona de contato é um espaço social onde ‘culturas diferentes se encontram, lutam, interagem frequentemente através de relacionamentos altamente assimétricos de dominação e de subordinação’ (Pratt, 1992, p. 4). É uma região fronteira cuja divisa é extremamente porosa e indeterminada e onde a transculturação e as mudanças acontecem. Segue-se que a zona de contato se caracteriza pela interação cultural e as apropriações de mão dupla que subvertem a polarização entre o europeu e o outro” (Bonnici, 2005, p. 57).

literatura antilhana (1998), esclarece que todo esse processo de anulação feita pelos povos antilhanos (madrasta de Xuela logo o pai e outras personagens) acontece, pois, em toda a história de povos outremizados na arma colonial – tem suas narrativas, cultura, religião, costumes, ideologias afetadas e reconstruídas pelo olhar do colonizador.

Desta forma, a identificação desses sujeitos com o mundo e suas origens torna-se oca e sem sentido, não cabendo no mundo que está sendo escrito sem eles, mas somente pelo discurso do colonizador. Aos poucos o colonizado vai adotando a pele do colonizador como forma de sobrevivência e como assistência orgânica para se encontrar e existir no mundo. E para fazer isso, Figueiredo destaca que: “o colonizado é levado a renegar sua família, os seus valores, as suas tradições culturais e abraçar aqueles do colonizador, os quais ele, naturalmente, passou a admirar (admiração mesclada de ressentimento)” (Figueiredo, 1998, p. 66).

Esclarecidas tais inquietações, é importante notar que as consequências para sobreviver no esquema das feridas causadas na exploração colonial são o apagamento do ser e de suas origens, como é o caso da madrasta de Xuela. As consequências de viver em um lar nocivo na vida de Xuela é o isolamento, e é justamente nesse isolamento que a personagem constrói sua maior aliada para a vida adulta, aspecto tratado na próxima fase de sua narrativa – ela mesma. Conhecer-se e aceitar-se é uma alternativa de nadar contra a maré em uma ilha marcada pelo medo e pela exploração; tanto Xuela quanto sua madrasta são marcadas por estratégias de sobrevivência que são acarretadas com essa relação nociva.

A Madrasta não esconde sua resistência com Xuela criança e muito menos quando Xuela chega à adolescência se transformando em uma mulher: “quando vi pela primeira vez o fluido vermelho denso do meu sangue menstrual, não me surpreendi e não tive medo.” (Kincaid, 2020, p. 39). Aos doze anos, Xuela Richardson já tinha sua consciência ancestral, sua consciência corporal de como o ciclo do tempo se cumpria em sua vida. “[...] seu surgimento, para minha jovem mente, para meu corpo e alma, teve a força do destino cumprido: era como se eu sempre tivesse sabido, mas nunca tivesse assumido para a minha consciência, nunca tivesse entendido como exprimir em palavras” (Kincaid, 2020, p. 39).

Das inseguranças presentes na construção do imaginário feminino moldado pelo núcleo colonizador, colocar a sexualidade e fisiologia da mulher como uma arma acaba sendo uma opção de controle desses corpos. Ao ver Xuela em seu primeiro ciclo menstrual, a Madrasta passa a ver sua enteada como uma ameaça dentro de casa: “Depois que a esposa do meu pai me viu iniciar e completar esse ato, me disse que, quando eu virasse uma mulher de verdade, ela teria que se proteger de mim.” Xuela conclui: “Na época achei aquela declaração injustificada, pois, afinal, eu ainda me protegia dela” (Kincaid, 2020, p. 39). Ao refletir sobre

tais fatos, Xuela passa a compreender que toda a disputa presente até o momento que vive com seu pai é referente às artimanhas da neurose da sua madrasta ao que Xuela Richardson entra em novo ciclo. Sobre isso, Maria Zina Gonçalves de Abreu (2007), em *O sagrado feminino: da Pré-história à Idade Média* – esclarece que a menstruação foi vista durante séculos (e ainda é vista como um tabu) pela civilização ocidental judaica cristã: “[...] todas as mulheres adultas ficam ritualmente impuras quando menstruadas, durante *sete dias*. Qualquer lugar onde se deitem ou se sentem durante esse mesmo período fica igualmente impuro” (Abreu, 2007, p. 51, grifo da autora).

Dentro de uma ilha marcada por uma das maiores explorações coloniais advindas de países majoritariamente cristãos (Inglaterra e França), Dominica, lar de Xuela e sua família, é um simulacro dos atos tradicionais e rigorosos da sexualidade feminina, e todo esse caldeirão efervescente de povos híbridos traz à tona o distanciamento da madrasta que vê a enteada como uma ameaça. Porém, Xuela abre um novo caminho para sua vida com o pai e a madrasta que futuramente terá outros filhos, deixando aos poucos o medo da presença de uma enteada que ela queria morta e longe de sua casa. Quando começa a trilhar um novo caminho longe deles, Xuela exclama: “O mundo que passei a conhecer era cheio de perigos e traições, mas não tive medo, não me tornei cautelosa. Eu não era indiferente ao risco que a esposa do meu pai representava para mim, e não era indiferente ao risco que ela achava que minha presença representava para ela” (Kincaid, 2020, p. 29).

Xuela compreende que o ódio de sua madrasta estava relacionado às inseguranças de uma mulher advinda do medo de ser quem era, das mazelas que o feminino vive em uma realidade que o que sobra é a competição para conseguir a atenção e o amor de homens que se dizem poderosos. Ela só consegue se ver livre das negligências da madrasta após essa ter dois filhos: “[...] primeiro um menino, depois uma menina. Foram duas as consequências previsíveis: ela me deixou em paz e deu mais valor ao filho do que à filha” (Kincaid, 2020, p. 35). Portanto, até que seguisse sua vida longe de uma opressão fria e solitária, Xuela encontra em si a resistência para saber onde pertence e em quem deveria acreditar, em si mesma.

1.6 IRMÃ: MÍMICA DO DESPREZO E DESLOCAMENTO EMERGENTE AFETIVO

Xuela encontra um espaço mais acolhedor dentro da casa do seu pai logo após sua madrasta conseguir engravidar e ter dois filhos – um homem e uma mulher. Se uma sociedade é construída pela ótica capitalista falocêntrica, o que se espera que uma mulher em seu sistema de reprodução gere é um homem para seguir os passos de seu pai. Nesse caso, é preciso retomar

que o pai de Xuela, um homem descendente de africanos e europeus, assume a máscara do colonizador – anulando sua ancestralidade e se empossando como um homem do chamado primeiro mundo, portanto, a significância do legado feminino em sua linhagem não importa.

Esse menino pensava, e era incentivado a pensar, que era igual ao pai de maneiras físicas e de maneiras espirituais, portanto se dizia que ele andava que nem o pai e que alguns dos seus gestos eram iguais ao do pai, mas não era verdade; não era assim, não mesmo. Ele andava que nem meu pai, tinha alguns dos seus gestos, mas aquela forma de andar do meu pai não era natural e os gestos tampouco eram naturais (Kincaid, 2020, p. 36).

A partir disso, pensaremos em duas perspectivas do legado da família de Xuela: 1) a primeira é uma tentativa frustrada do irmão em tentar seguir o pai e, 2) a segunda é a da sua irmã em odiar Xuela. Todos esses eventos observados por Xuela são uma espécie de simulacros herdados do pai e de sua madrasta – logo, o filho homem precisará ser o pai (e esse processo tem total apoio da mãe, já que ela o amará mais que sua filha) e a filha precisará odiar e rejeitar Xuela como foi o mesmo processo com sua madrasta. Entretanto, esse esquema de manipulação não se sustenta, ora por Xuela ser blindada por qualquer ataque que sua meia irmã tentasse contra ela, ora pelo irmão de Xuela ser apático e menos predador que o pai.

[...] portanto esse menino desde o começo teve uma vida dolorosa, uma vida **copiada**, uma vida cujas origens ele desconhecia. Vê-lo mais ou menos com onze anos, de terno de linho branco, uma cópia exata do meu pai: tão magro, tão pálido; o cabelo preto, que era igual ao da mãe, alisado à força contra o couro cabeludo: os passos desajeitados, desequilibrados, como se tivesse acabado de dominado a capacidade de usar os pés – vê-lo caminhando até a igreja, para cultuar um deus que meu pai acreditava de fato, pois meu pai não conseguia acreditar em nenhum deus; vê-lo tão empenhado em ser igual a esse homem que ele desconhecia, cujos atos ele nunca tinha analisado, instilava em mim apenas compaixão e tristeza; e portanto, quando ele morreu, antes de completar dezoito anos, não achei que foi uma tragédia, só achei que foi uma misericórdia que sua vida de desgraça e tortura tivesse sido tão curta. Sua morte foi longa e dolorosa, a causa desconhecida, talvez até incompreensível; quando morreu, não havia um espaço vazio que ele tivesse ocupado, e o luto da mãe e o luto do meu pai por ele muitas vezes pareciam misteriosos, **um grande por quê e o quê, pois quem era o menino, a pessoa porque sofriam** (Kincaid, 2020, p. 37, grifos nossos).

Tal passagem finaliza o único e breve momento do irmão de Xuela em seu percurso narrativo. A tentativa fracassada de fazer o irmão ser um simulacro do pai reforça uma manutenção do sistema capitalista local, principalmente por situar as personagens na história de Xuela Richardson como sujeitos preminentemente válidos de acordo com uma esfera

explorativa em que viviam. Desta forma, a observação de Albert Memmi (1985), quando destaca que o colonizador e o colonizado que querem ser esse Outro – ajuda-nos a compreender o comportamento indiferente do pai de Xuela com qualquer pessoa no seu círculo social (incluindo a ela, os outros filhos e a mulher). De acordo com Memmi, o colonizador “se esforça em falsificar a história, manda escrever textos, ele apagaria as memórias, qualquer coisa, para chegar a transformar sua usurpação em legitimidade” (Memmi, 1987, p. 77).

Esse mesmo percurso acontece quando a madrasta de Xuela manipula sua filha mais nova para odiar a irmã mais velha, por ciúmes de Xuela Richardson, por ela ser filha de uma mãe que nunca conheceu. E mesmo que a irmã de Xuela, Elizabeth, vivesse por mais tempo e fosse mais sagaz que o irmão mais velho, a meia-irmã de Xuela ainda não conseguiria perdurar no esquema de ataque que internamente até ela própria desconhecia.

[...] minha irmã, a filha de meu pai com a esposa, estava andando de bicicleta, depois de se encontrar com o homem que meu pai a proibiria de ver e com quem ela se casaria, quando sofreu um acidente, caindo do precipício, o que a deixou aleijada e estéril, os olhos incapazes de focalizar direito. Não é uma lembrança feliz: seu sofrimento, mesmo agora, é muito vivo para mim. (Kincaid, 2020, p. 35).

A vida dessas mulheres é marcada por tragédias que solidificam um espaço nocivo, recheado por traumas que tecem suas histórias. Pensar neste contexto é estar consciente da exploração dos povos oriundos e traficados para as ilhas caribenhas. É necessário visualizar que o embate entre os povos explorados é um resultado do abuso orquestrado para captura e escravidão dos povos africanos e também povos antilhanos. O povo africano era uma mão de obra valiosa para os grandes navios europeus que partiam para as ilhas do Caribe, sempre com a intenção de misturar os povos e fortalecer o sistema escravagista.

Retomando os estudos de Fanon, o caribenho aponta o ódio gerado pelo próprio povo, onde já vivem muitas vezes pela miséria causada pelas explorações coloniais – não há como deixar passar a repulsa que as mulheres racializadas vivem seja na ficção seja na vida “real”, uma consequência advinda de uma neurose dolorosa deixada por séculos de escravidão e morte. Desde quando nasce, a irmã de Xuela é ensinada diariamente a odiar sua irmã mais velha, é trabalhada como uma arma que herda da mãe e do pai maneiras de lembrar que Xuela não era bem-vinda naquela casa. “uma menina, tão normal que só seria notado se fosse o contrário: **para gente como nós, desprezar o que houvesse demais parecido conosco era quase uma lei da natureza**” (Kincaid, 2020, p. 36, grifos nossos).

Quando Xuela aponta que é natural odiar seu próprio povo, ela possibilita pensar dentro dos estudos de Fanon e do universo teórico Pós-Colonial/Decolonial de que sustentar essa luta é uma das consequências herdadas do imperialismo colonial. Camuflar-se neste contexto é sobreviver omitindo e negando seu próprio povo. Eurídice Figueiredo, quando reflete sobre *Peles negras, máscaras brancas* de Fanon, observando o povo de Martinica e Dominica, por exemplo, aponta que: “Diante da anulação do seu ser, diante do autodesprezo, o colonizado busca a assimilação, ou seja, tenta trocar de pele, adotando aquela que lhe parece cheia de atrativos: a figura do colonizador” (Figueiredo, 1998, p. 66). A ideia de povos marginalizados em se negarem e que ainda se negam é permeada por camadas de histórias, pois quando apontamos os problemas que a personagem Xuela narra, percebemos que para além de atravessar um caminho odioso por conta de ser uma mulher racializada e caribenha, ela enfrenta o desprezo pela classe e por ser do gênero feminino.

Essa questão, entretanto, não afeta apenas a protagonista do romance, mas também sua meia-irmã, sua madrasta, mãe Eunice e até mesmo sua mãe que ela nunca conheceu. A saga que ela enfrenta ao ter que lutar contra a madrasta e a irmã, por exemplo, é um resultado das mazelas de como a história das mulheres e homens do sul global foi construída. Quando todo o povo caribenho começa a ser explorado e negros são trazidos a força da África para reforçar a mão de obra escrava, toda a consequência que vem depois é a imagem de um vulcão em erupção – explodindo o ódio que foi gerado por todos os povos negros e indígenas nativos em ataque. O que sobra é a conformidade e a réplica do colonizador, muito embora o revide é uma das armas que Xuela Richardson usa para se defender.

A personagem Elizabeth tem uma vida marcada por momentos que diferem da história de Xuela, porque para a protagonista da narrativa não foi possibilitada uma vida de regras às quais ela precisa ser ensinada. Xuela apenas sentia e agia nos instintos de como aquele mundo tinha sido organizado. “[...] minha presença era tão irritante que mesmo quando eu não estava na frente dela ela botava no rosto uma careta desfigurada que havia criado apenas para mim. Ela insistia que eu não era filha do meu pai, e que mesmo se fosse, eu era bastarda” (Kincaid, 2020, p. 70).

Por outro lado, Elizabeth tem sua história marcada por uma mãe que a domina e a ensina a ser hostil, que verbaliza e concretiza o ódio a ser alimentado por Xuela. Todavia, Xuela não a odeia, não sente que sua meia-irmã tenha uma história de toda desprezível, pois ela reconhece que Elizabeth é um produto de um sistema cruel. Entretanto, em meio ao ódio arquitetado existe uma relação que é criada por essas duas irmãs que tecem suas histórias marcadas pelo desprezo – sendo essa relação ligada pela necessidade de ajuda que Elizabeth passa a ter quando se

apaixona por um homem que tanto sua mãe quanto seu pai não aceitam. Mesmo que distante e sem menor intenção de contato afetivo entre elas, a única ligação que é criada entre elas acontece no momento que Elizabeth engravida de um policial “meio inglês”, Monsieur Pacquet. Elizabeth vivia essa relação escondida, pois, diferente de Xuela, ela via no policial uma forma de se sentir amada e reconhecida enquanto mulher. Existir e ter significância para sujeitos que vêm de caminhos marcados pela outremização é um ato de resistir, mesmo que problemático como o caso da irmã de Xuela.

Ela virou minha irmã quando logo depois de ser expulsa da escola descobriu que estava de barriga e eu ajudei a se livrar dessa condição. [...] Como ela não queria que nada que dissesse respeito a esses acontecimentos fosse divulgado, eu a escondi no meu quarto atrás da cozinha, onde tinha voltado a morar. [...] Fiz fortes poções com chá para ela. Quando o bebê dentro dela se recusou a sair, enfiei minha mão no útero e o tirei à força. Ela sangrou por dias a fio. Seu corpo se encolhia e se dobrava de dor. Ela não morreu. [...] Mas minha irmã não me pediu. Nunca virei irmã *dela*; ela nunca me contou segredos, nunca me agradeceu; na verdade, o domínio que ela percebeu que eu tinha da minha vida só levou a mais desconfianças e mal-entendidos (Kincaid, 2020, p. 71, grifos da autora).

Quando Xuela observa que o desprezo que a irmã sente por ela está relacionado às habilidades e autonomias que ela possui, a independência que ela tem do seu próprio corpo, Elizabeth sente-se ainda mais desconfiada; como pode uma mulher que não tem mãe e é ignorada pelo pai saber tanto de si? As consequências de tais conhecimentos reforça o sentimento de mulher sozinha, abandonada pela sociedade, da bruxa que domina artes medicinais, das poções que curam. Para sua família e principalmente para sua irmã mais nova, Xuela é um espectro do que precisa ser odiado, pois não se enquadra naquele meio.

Apesar das imagens da “mulher temida” atribuídas a Xuela, esta representa, no espaço e tempo em que a narrativa é ambientada, o conceito de sororidade tão discutido e presente na atualidade, a importância de cuidar e compreender as cosmovisões do feminino e sua irmandade. Esse sentimento configura-se na narrativa quando Xuela, dominadora de saberes e de corpos femininos, ajuda a irmã a fazer um aborto. Importante frisar que, nesta altura da narrativa, Xuela Claudette Richardson já contou ao leitor(a) que fez vários abortos por sua própria vontade [elemento que será melhor tratado na terceira parte desta tese, cujo foco de análise volta-se para Xuela, a voz do romance]. O aborto representa uma opção de revide e mostra para sua irmã uma linha tênue e fraca que pode conectá-las. Entretanto, não é o que acontece:

Quando estava plenamente recuperada de ter expelido do seu corpo o bebê que não queria, a primeira coisa que ela fez foi cuspir no chão à minha frente depois de dizer palavras que achava que seriam uma grande ofensa a meus sentimentos. [...] Eu não esperava gratidão, mas a receberia de bom grado. Não esperava amizade; essa eu teria recebido com desconfiança (Kincaid, 2020, p. 72).

O comportamento nocivo da irmã e igualmente da família de Xuela para com ela reforçam o sentimento de não pertencimento. Estar nesse espaço significa considerar viver no lar de uma madrasta que anseia por sua morte, da irmã que a despreza e do pai que a vê como um fardo. Diante de tal contexto de rechaço e estresse constantes, um sentimento se fortalece a gerar um comportamento, o qual Xuela movimentada de forma natural e que aqui chamaremos de **deslocamento emergente afetivo**. Pensamos o conceito de “deslocamento emergente afetivo” como uma alternativa orgânica de sujeitos que experimentam violências oriundas do colonialismo imperial e, ou até mesmo, das agressões vividas por mulheres violentadas emocionalmente, em suas zonas de contato, como uma alternativa de partida.

Em outras palavras, permanecer ou sentir-se pertencente àquelas pessoas ou lugar, parece naturalmente inviável, considerando todos os atos de ataques que experimentam. Contudo, é de suma importância pensar que a maior violência que Xuela sofre é referente ao fato de não ter o amor das pessoas que compõem sua história. A madrasta, a irmã, o pai, Mãe Eunice, por ora, são as personagens que não a amam ou apenas a desprezam e a veem como um ser de pouca relevância. Os relacionamentos dessas personagens existem, até certo ponto, por questões de conveniência e não por necessidades “naturais de afeto” entre pessoas do mesmo sangue, por exemplo. O pai de Xuela não a ama, pois a vê como um fardo deixado pela primeira esposa; a madrasta a vê como um ameaça feminina que representa o que ainda tem de vivo da ex-mulher do seu atual marido; sua irmã foi ensinada a odiar Xuela porque no esquema de controle colonial/patriarcal mulheres, principalmente racializadas, precisam sentir-se atacadas umas pelas outras. Portanto, elaborar a ideia de “deslocamento emergente afetivo” coloca-se como um vetor para pensar que todo deslocamento tem um motivo, no caso de Xuela Claudette Richardson, é a ausência de afeto.

O que é paradoxal nesta válvula propulsora do deslocamento emergente afetivo de Xuela é o elemento próprio que a alimenta, ou seja, como a personagem lida com o ‘amor’, uma vez que, entre a dicotomia amar / não ser amada, ela mesma resolve a questão ao seu modo e ao único modo possível: amando-se. Logo, sua reação é exatamente oposta à esperada pela comunidade familiar que a rechaça, e não há nada mais desafiador e complexo que compreender aquilo que foge aos ditames pré-estabelecidos, pois as pessoas esperavam dela

amargura e ódio, assim como autoflagelo. A partir do momento em que ela responde (revid) com amor-próprio, Xuela desestabiliza a ordem vigente, aquela maquinaria ideológica e subconsciente que repete a contrapelo as formas opressivas e violentas deixadas pelo colonizador. Xuela não tem estratégias neoliberais tampouco ferramentas de poder ou artimanhas de luta, age tão somente pelo instinto maternal, o qual, ironicamente, nunca teve, mas que a faz sobreviver e, assim, viver o amor e a existência no mundo à sua maneira.

Neste sentido, a protagonista não pode experimentar a emblemática frase *home sweet home*, posto que a concepção de lar enquanto abrigo, família e afeto sempre lhe foi negada. No entanto, ela decide fazer de si mesma seu lar, seu refúgio e seu amor, o que intriga e perturba os demais, já que deles só se projetam sentimentos de ódio e de desprezo. Perdura, assim, a indagação: como pode alguém exercitar o amor verdadeiro quando não o recebeu na origem? Entende-se, pois, que Xuela tem uma evolução emocional que vai além daqueles com quem ela convive, conseguindo abstrair dos males que sofre e, no intercâmbio das experiências vitais, exercitar o sentimento de amor.

Por este prisma, Xuela traz consigo a resposta à esta tese: ela se desloca (emergente e afetivamente) de sua ‘casa’ para fazer morada em si mesma, ser seu próprio lar, e somente assim conhecer o amor. Neste sentido, Denise Almeida Silva (2016, p. 35) ao explicar o conceito duplo de “casa/lar”, no livro organizado por Stelamaris Coser (2016) - *Viagens, deslocamentos, espaços* -, ajuda-nos a elucidar e entender esta jornada íntima e resiliente da personagem, vejamos a seguir:

Derivado do termo latino *casa*, o vocábulo português casa designa, em sua acepção primeira, lugar de habitação, residência. Conserva, assim, o sentido do sânscrito *khad*, de onde derivam casa e também castrum, lugar fortificado, castelo, fortaleza. O duplo sentido da moradia e proteção implicado na raiz latina é ecoado pelo ditado “minha casa, meu castelo”. Dado o limitado significado de casa em latim (moradia pobremente construída, cabana), o vocábulo latino que corresponde ao uso corrente de casa em português é *domus*, derivado do sânscrito *damas* (casa) e do grego *domos* (casa, da raiz *demo*, construir), o qual, em acepção ampliada, apontava também para país, lar, família e raça. Na língua latina, há ainda outras duas palavras para casa: *aedes*, algo construído, e *mansio*, lugar de descanso, derivado de *maneo*, de *manere*, **permanecer** (grifos em itálico da autora; em negrito, grifos nossos).

Sendo assim, se Xuela não representa a simbologia de *home sweet home* conforme exposto acima, ela pode sustentar a simbologia de outra expressão popular que agrega similar sentido, mas que no caso desta personagem, cria vida: *home is where the heart is!* Para pensarmos por este prisma, consideramos as ideias do psicanalista Sigmund Freud (1976), em

que dentro dos espectros das relações humanas, o ‘estranho’ se apresenta nas conjecturas dos espaços em que nos sentimos conectados, mas essa ação não se sustenta por uma série de razões. Xuela, neste caso, tem consciência que deveria se sentir conectada ao seu pai, ou com sua meia irmã, todavia, isso não acontece, pois tanto a irmã quanto o pai ainda planam em espaço obsessivo de controle do ser e do poder, ignorando a ótica do afeto familiar.

Podemos descobrir que significado veio a ligar-se à palavra ‘estranho’ no decorrer da sua história; ou podemos reunir todas aquelas propriedades de pessoas, coisas, impressões sensoriais, experiências e situações que despertam em nós o sentimento de estranheza, e inferir, então, a natureza desconhecida do estranho a partir de tudo o que esses exemplos têm em comum (Freud, 1976, p. 276 e 277).

Xuela, por outro lado, apenas busca externamente o sentimento de pertencimento, mas não consegue obter tais resultados. O conceito do “estranho” pensado por Freud fundamenta nossa ideia de considerar o “deslocamento emergente afetivo” de Xuela. A casa/lar lhe são ‘estranhos’, portanto se desloca afetivamente dessas concepções no plano da diegese e, problematizando a partir da citação de Almeida Silva acima, onde grifamos o verbo ‘permanecer’, Xuela encontra abrigo, descanso, refúgio e também morada única e exclusivamente dentro de si mesma, ela é sua morada, seu castelo e seu templo: desloca-se do externo para ‘permanecer habitando’ no interno de si mesma.

Passei a me conhecer, e isso me assustou. Para me livrar desse medo comecei a olhar o reflexo do meu rosto em qualquer superfície que encontrasse: uma poça parada à margem rasa de um rio se tornou meu espelho mais comum. Quando não conhecia ver meu rosto, sentia que havia endurecido; sentia que amar estava além da minha capacidade, que eu tinha adquirido tanto poder sobre minha capacidade de ser que poderia causar minha própria morte com uma calma completa [...] Ver meu rosto era que confortava. **Comece a me cultivar.** Meus olhos pretos, em forma de meias-luas, me encantavam; meu nariz metade achatado, metade não, como se feito meticulosamente dessa forma, eu achava tão lindo que o considerava um padrão que o nariz de gente de quem eu não gostava era incapaz de atingir. Eu adorava minha boca: meus lábios eram cheios e largos, e quando abria a boca eu conseguia ingerir muito, prazer e dor, acordada ou adormecida. Era essa imagem de mim mesma – meus olhos, meu nariz, minha boca gravados em pele impecável, lisa, limpa que era o meu rosto – que eu desejava ver. **Meu próprio rosto me confortava, meu próprio corpo me confortava, e não interessava o quanto me deslumbrasse com alguém ou alguma coisa, no fundo eu não deixava que nada substituísse meu próprio ser na minha mente** (Kincaid, 2020, p. 62, grifos nossos).

Ao longo do romance, Xuela frequentemente se sente desligada de si mesma, como se sua identidade fosse fluida e instável. Ela é uma mulher órfã de mãe e, por mais que tenha o pai por perto, acaba se sentindo sozinha pelas escolhas dele — o que contribui para uma sensação de falta de raízes e de pertencimento com sua família e, de certa forma, com o seu povo. Essa falta de conexão com suas origens e a solidão que a acompanha pode ser considerados elementos "estranhos" em sua experiência de vida. Há que pensar também na sensação de inquietante familiaridade; a experiência de Xuela como mulher negra no Caribe está enraizada em uma história de colonização e exploração, que afeta profundamente sua identidade e autoimagem. Essa relação com o passado colonial e com a diáspora africana pode evocar sentimentos de "estranheza" e inquietante familiaridade em sua experiência de ser mulher negra no Caribe. “O estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (Freud, 1976, p. 277).

Dito isso, as palavras de Xuela confirmam a sensação de não pertencimento àquela família nociva confirmando que, ao sentir-se ausente do amor do seu pai, madrasta e irmãos, não haveria motivos para se sentir em casa. O ponto mais salutar, porém, é a problemática da ‘origem’: se para ela nascer a mãe precisou morrer, ela já começa a existir neste mundo sem uma origem; e o pior de tudo, sem nunca ter a oportunidade de conhecer o amor de mãe. Sobre ‘origem’ enquanto conceito e sobre a questão de Xuela desenvolver uma biografia da própria mãe, ironicamente intitulada ‘autobiografia’, explanaremos mais adiante.

(...) meu irmão, minha irmã, minha madrasta; mas eu substituí as palavras: seu filho, sua filha, sua esposa. Eram dele; não meus. Ele queria me dizer que éramos todos dele; foi nesse momento que sentir que não queria ser de ninguém, que como a única pessoa que eu teria consentido que me tivesse não havia vivido para isso, eu não queria ser de ninguém; não queria que ninguém fosse meu (Kincaid, 2020, p. 64).

Portanto, é natural desejar escapar de regiões marcadas por conflitos, onde indivíduos enfrentam marginalização social, desigualdades de poder e discriminação com base em gênero e raça. Esse impulso torna-se ainda mais evidente quando os ataques provêm do âmbito familiar. Dominica, por exemplo, que conquistou sua independência apenas em 1978, após um longo período sob domínio britânico, serve para a observação de Jamaica Kincaid para contextualizar a realidade daqueles povos durante o período de dependência colonial. Ao contextualizar essa realidade, é crucial considerar o sentimento de miséria emocional experimentado pelos habitantes locais, incluindo aqueles trazidos da África para o trabalho

braçal. A agressividade e a defensiva acabam se tornando respostas naturais e compreensíveis a essa condição de vida.

Um paralelo pode ser traçado com o Brasil, o país mais rico da América Latina que, apesar dos avanços na luta contra desigualdades de classe e gênero, ainda apresenta competição entre mulheres racializadas em busca de uma vida melhor, ou até na escolha de seus parceiros/as. Isso resulta em um ciclo de ódio e conflitos dentro das estruturas familiares, impactando negativamente o crescimento de crianças submetidas a uma competição imaginária com seus próprios familiares. É neste quesito que Xuela consegue compreender que não há como pertencer àquele lugar.

O discurso de comunidades desestruturadas pelas disparidades econômicas, raciais e de gênero muitas vezes normaliza a desestruturação familiar e social, mas isso não deve ser aceito como algo normal. Em algum momento da vida, qualquer pessoa pode ter ouvido relatos de indivíduos que precisaram sair de casa cedo ou casar-se assim que possível devido ao sofrimento dentro do ambiente doméstico. Fugir das suas raízes para sobreviver.

Tanto na escrita de Kincaid quanto na realidade de jovens em regiões colonizadas, o "deslocamento emergente afetivo" pode ser entendido como uma estratégia de sobrevivência. Por fim, conforme fundamentado a ideia do “estranho” por Freud, também pode ser aplicado aqui como um efeito das dominações resultantes da colonização nos povos do sul global.

A exemplo desta reflexão, temos as investidas de Elizabeth são réplicas da chamada mímica do desprezo que aqui destacamos. Elizabeth reproduz a violência com a sua meia irmã para fugir da categoria de que não estão e não pertencem ao mesmo conceito de raça e classe:

Ela se parecia muito com o pai, mais do que o irmão: a pele era igual à dele, uma mistura de povos – não raças, povos -, seu cabelo era vermelho e dourado e crespo, tinha a textura do pelo das costas de uma ovelha; os olhos eram cinzas, como a lua quando vista contra o céu azul-marinho, e, no entanto, não era bonita; não era da sua natureza, a beleza. Era impetuosa; nascera com a sensação de que seu direito intato já falava por ela. Achava que eu era a pessoa que poderia tirá-lo dela. **Eu não poderia. Eu não era homem.** (Kincaid, 2020, p. 72, grifos nossos).

Este é o sentimento que Xuela relata de nunca se sentir conectada com seu pai, ou com a família dele, ao reconhecer que apesar de tudo sente um vazio por não criar suas raízes com eles: “Era desse jeito que eu vivia, sozinha e ainda assim com tudo e todos que eu tinha sido e conhecido, e seria conheceria, descolada do meu presente – embora me descolar do meu presente fosse impossível.” (Kincaid, 2020, p. 62 e 63). Mulheres que permeiam zonas de abandonos por conta de raça e gênero encontram suas alternativas de revides para se manifestar

enquanto agentes de suas narrativas únicas e singulares. Quando Lugones esclarece que na colonialidade do poder existem artimanhas para pensar nas mulheres do sul global como massa de manobra perante o capitalismo predatório, por exemplo, a autora aponta também que tais segregações conceituam em novos resultados: “Ao produzir essa classificação social, a colonialidade permeia todos os aspectos da vida social e permite o surgimento de novas identidades geoculturais e políticas” (Lugones, 2020, p. 57).

Ademais, é importante destacar que não apenas Xuela como voz que tece o romance de Kincaid participa dos atos de resistências, Elizabeth, sua irmã, mesmo partindo do comportamento mimético e agressivo de sua mãe, também se conceitua enquanto um agente da sua própria história e Xuela reconhece isso: “Ela também era apaixonada por si mesma, mas a personalidade dela não merecia amor.” (Kincaid, 2020, p.73). E a partir disso, enquanto Xuela se prepara para deixar a casa do seu pai, pela última vez, e perder por completo a relação com a madrasta e a irmã Elizabeth, Xuela reforça em como a família de seu pai é marcada pela tragédia, ora pela morte horrível e dolorosa do irmão, ora pelo destino da sua irmã.

Ao voltar de um encontro com o homem que os pais não permitiam, Elizabeth sofre um acidente, marcando ainda mais o destino de uma família que já se encontrava em ruínas. “Ela estava indo rápido demais e saiu da estrada, caindo do precipício na copa de algumas árvores e depois no alto de uns rochedos, pequenos resquícios de uma erupção vulcânica” (Kincaid, 2020, p. 75 e 76). O que vem a seguir é uma sequência de sofrimento de uma pessoa marcada pelas reproduções de ódio do próprio povo, mas que agora jazia na cama completamente deformada e, segundo as palavras de Xuela, “inválida”. O que se faz necessário pensar é que os pais de Elizabeth não demonstram algum tipo de pena ou sofrimento pelo destino da filha, mas sim indiferença pela forma que sua vida terminaria. Entretanto, ainda em situação debilitada, o seu desprezo pela irmã mais velha persiste:

Não estava nem feliz e nem triste em ver. Não conseguia me enxergar com nitidez. Talvez eu lhe parecesse três ou uma centena de pessoas; parecendo eu três ou cem, ela continuava não gostando de mim. Mas ela nunca mais voltaria a gostar do mundo. Fui visitá-la por vontade própria. Não se esperava que aquilo de mim; ninguém pedira que eu a visitasse. Quando me viu, ela virou o rosto; talvez fosse de repulsa, ou talvez sentisse vergonha (Kincaid, 2020, p. 77 e 76).

O namorado que não era aceito pelos pais, agora podia casar-se com Elizabeth. Os pais não se importariam que a filha fosse cuidada por outra pessoa que não fosse eles. Xuela, por outro lado, reconhece em sua meia-irmã um ser humano que é um produto de tudo que poderia

e merecia ser desprezado na ilha de Dominica. Seu povo, para além do sofrimento advindo das grandes navegações europeias, sofreu com a doença de não compreender e aceitar os seus. Os homens, como o pai, manifestam seu comportamento baseado no dinheiro que precisam conseguir e as mulheres são instrumentos da máquina colonial.

O olhar de Jamaica Kincaid para as mazelas deixadas pela herança colonizadora nos leva a pensar articulando ficção e elaboração conceitual sobre os temas da colonialidade de poder, mais especificamente sobre o sujeito feminino. Além de refletir sobre os impactos da verossimilhança da escrita literária de Kincaid em nossa experiência leitora, tentamos compreender as imagens representadas nas mulheres de *A autobiografia da minha mãe*



Meu mundo então - silencioso, suave e semelhante a uma verdura na sua vulnerabilidade, sujeito aos poderosos caprichos dos outros, diurno, iniciado com a abertura pálida da luz no horizonte a cada manhã e encerrando com a súbita chegada da escuridão no começo de cada noite - era tanto um mistério para mim como uma fonte de prazer (Kincaid, 2020, p. 15).

PARTE II

UM CORPO QUE DESEJA A ESCRITURA

Nesta seção da tese, trataremos sobre o processo crítico literário acerca da hibridização das personagens que cercam Xuela, assim como ela própria, a fim de entendermos os impactos da diáspora africana e o entre-lugar desta zona de contato de culturas e vivências distintas. Ademais dos feminismos presentes na atualidade e do amadurecimento da crítica literária desde as premissas da literatura pós-colonial (com classe, gênero e etnia), as quais colaboraram, mesmo que indiretamente, aos estudos de gênero e à crítica feminista até culminar hoje em variados formatos de decolonialidade, com foco aqui no feminismo decolonial, conforme exposto no item 1.3, temáticas acerca das questões de gênero que se entrelaçam com o revide que a personagem Xuela Richardson usa como arma de empoderamento, além de refletir sobre quem é essa narradora que caminha no entre-lugar de vozes outremizadas. Tais discussões ajudam a pensar, portanto, a importância de se questionar o cânone europeu, principalmente quando pensamos na escrita de Jamaica Kincaid.

2.1 MANUTENÇÃO DO PODER: CORPOS FEMININOS

A partir da narrativa *A autobiografia da minha mãe*, depreendemos uma série de esquemas que são costurados pela ordem capitalista patriarcal usando o corpo da mulher. As reflexões teóricas produzidas pelas mulheres pesquisadoras citadas nesta pesquisa mostram que as mulheres são sexualizadas pela ótica conversadora do capitalismo, pois sem essa obediência e estrutura de controle, o poder não se sustenta. O que pode parecer encantador e até um ato de resistência dentro do capitalismo é o discurso de que: “queremos que as mulheres brancas e negras sejam livres, que elas possam trabalhar”, entretanto, esse mesmo discurso é uma falácia neoliberal que considera o papel da mulher como uma mão de obra barata na maioria das vezes. Esse mesmo movimento de controle não acontece apenas com corpos negros femininos, mas, em geral, com todo espaço racial, social e econômico dos trabalhadores e trabalhadoras na esfera social.

A nova ordem capitalista considera os movimentos que o feminismo ou o movimento LGBTQIA+, por exemplo, debate como uma manutenção do controle financeiro das mulheres e de sujeitos em margem. Grandes empresas, por exemplo, assumem o reconhecimento de falar

sobre os abusos financeiros, sexuais e físicos que as mulheres sofrem na área trabalhista, mas apenas como uma forma de enganar ainda mais mulheres racializadas. Acabam muitas vezes por olhar para homens e mulheres racializadas dentro dos seus movimentos de lutas, com a intenção de acolhimento, mas por via de regra não compreendem suas discussões trabalhistas. Sobre isso, aponta-nos Vergès:

Vocês são subdesenvolvidos, mas podem se tornar desenvolvidos, desde que adotem nossas tecnologias, nossos modos de resolver os problemas sociais e econômicos. Vocês devem imitar nossas democracias, o melhor dos sistemas, pois não sabem o que é liberdade, respeito pelas leis, separação de poderes. Essa ideologia alimenta o feminismo civilizatório que, por sua vez, basicamente afirma: ‘Vocês não possuem liberdade, não conhecem os direitos que têm. Nós vamos ajudá-los a atingir o nível adequado de desenvolvimento’ (Vergès, 2020, p. 39).

Ainda em diálogo com obras literárias ou teóricas escritas por mulheres, o excerto de Françoise Vergès nos remete ao romance *Luxúria* (2020), de Raven Leilani, uma escritora norte-americana negra. O romance de estreia de Raven chama a atenção por dois motivos: primeiro pelo fato de a autora ser bastante jovem, e, segundo motivo, *Luxúria* conta a história da personagem Edie, com seus vinte e poucos anos, negra, recém-formada em busca de estabilidade financeira, já que sua vida beira à miséria e ela não tem mais a mãe que morreu na sua adolescência. Edie conhece um homem branco pela internet e acaba tendo um caso. Os dois vivem um romance semelhante à relação entre senhores escravagistas e suas escravas. Casado, Eric convida Edie para passar um tempo em sua casa e a garota aceita.

Sinto o impulso de rezar, mas, por uma questão de princípios, não faço isso. Deus não defende as mulheres. Ele defende o fruto. Ele faz você ter vontade e estimula a maldade em você e, enquanto você dorme, ele planta no seu ventre uma semente que vai nascer só para morrer logo depois (Leilani, 2020, p. 193).

Qual a relação entre estas duas obras? *A autobiografia da minha mãe* foi publicada no original em 1996, tendo uma diferença de vinte e cinco anos do romance *Luxúria*, de Raven Leilani. O tema da narrativa de ambas as histórias se conecta com relação à solidão da mulher negra, da mulher que precisa obstinadamente encontrar alternativas de sobrevivência. Ao engravidar de Eric, a personagem Edie considera que abortar é uma forma de fugir e viver fora desse mundo ao qual ela não entende exatamente como foi parar. A personagem Xuela, por outro lado, não diverge de Edie: “Eu geraria bebês, mas jamais seria mães deles” (Kincaid, 2020, p. 60). Não gerar seus filhos nos contextos em que as personagens vivem é uma forma

de não trazer a tristeza de suas histórias para os seus. Significa resistir. Cabe pensar e estimular as ideias referentes aos debates tão intensos quando se pensa no aborto. Para quem é imoral considerar o aborto? Por que é errado ou certo? Quem pode dizer como os corpos femininos (pensando principalmente nos corpos negros e indígenas) têm que ser configurados? A igreja? A sociedade? O capital? Os homens? As mulheres brancas? Quando Xuela e Edie, por exemplo, optam pelo aborto, elas não estão felizes com as escolhas ou profanando a vida – em tese, não há muito em que se comemorar na vida que elas levam. Ambas são marcadas pelo sentimento constante de vazio e a necessidade de se encontrar alternativas para viver em espaços em que a disputa de poder prevalece. Xuela, diferente de Edie, possui uma maturidade e amor aos seus devotos como um amuleto para seguir – já Edie, por ser uma jovem negra nos anos dois mil, vive em uma bolha narcisista das redes sociais e a globalização cibernética dos dias de hoje – não conseguindo amar seu corpo em meio às disputas de imagens digitais.

Ainda sobre essa linha de pensamento, na qual temos Jamaica Kincaid (Dominica), Raven Leilane (Estados Unidos), no Brasil temos Conceição Evaristo com *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), a coletânea de contos que percorre a história de trezes mulheres negras que vivem à sombra da ótica patriarcal, sempre violentadas pelas escolhas que questionam o esquema de poder das personagens masculinas da obra. Nesse quesito, temos “Saura Benevides Amarantino”, por exemplo, penúltimo conto na obra de Conceição Evaristo, na qual percorre a história dessa personagem também narradora, que gera um filho e duas filhas, mas a última gestação não lhe foi desejada, pois ao perder o primeiro marido, acreditava que seu ventre deveria “guardar na memória” a gestação de seu último filho com seu falecido esposo e, dessa maneira, decide que não deveria partilhar do amor de mãe com a criança em seu ventre: “Dos três filhos que tive, duas meninas e um menino, meu coração abrigou somente dois. A menina mais velha e depois o menino; a filha caçula sobrou dentro de mim. Nunca consegui gostar dela” (Evaristo, 2011, p. 117).

Esta tríade geográfica entre Dominica, Estados Unidos e Brasil une, de certa forma, uma escrita similar de mulheres que dão vozes às personagens que vivem à margem das suas escolhas e permanecem em busca de resistir em meio ao sufoco social de ser mulher negra nas Américas. Em meio aos pontos que conectam não apenas as escritoras das obras, mas personagens que optam por não amar, ou não terem seus filhos, a francesa Elisabeth Badinter (1985), em *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, não se ausenta da dificuldade de buscar compreender se a maternidade é um instinto que toda mulher (sendo ela branca, negra, indígena e etc.) carrega consigo ou, de outra forma, se é um amor que se constrói com contato diário como muitas das relações humanas, pois “não há amor sem algum desejo, e que a

ausência da faculdade de tocar, mimar ou beijar é pouco propícia ao desenvolvimento do sentimento. Se a criança não está ao alcance de sua mão, como poderá a mãe amá-la? Como poderá apegar-se a ela?” (Badinter, 1985, p. 14). Ainda sob essa perspectiva, Badinter esclarece:

[...] uma tendência primordial que cria em toda mulher normal um desejo de maternidade e que, uma vez satisfeito esse desejo, incita a mulher a zelar pela proteção física e moral dos filhos, pois acredito que uma mulher pode ser ‘normal’ sem ser mãe, é que toda mãe não tem uma pulsão irresistível a se ocupar do filho (Badinter, 1985, p. 9).

Durante seus estudos sobre o papel da mulher na maternidade, a pesquisadora consegue identificar que a ausência do amor, neste caso, o zelo nos cuidados da criança em si pelos pais de forma geral, era uma consequência devido à grande taxa de mortalidade dos recém-nascidos, durante os séculos XVII e XVIII. A ausência de conhecimento de como lidar com crianças, não apenas na área de saúde, mas também na educação, decorreu por conta de um sistema que estava voltado especificamente para adultos, em especial ao homem, enquanto o líder supremo de uma família.

Dessa forma, esse homem que precisa zelar e proteger sua família de perigos, muitas vezes criados pelo sistema capitalista patriarcal para criar uma rede de obediência por parte das mulheres, é o mesmo que irá entrar em espectro de antagonismo na narrativa de Xuela, Eddie e Saura Benevides, justamente porque essas mulheres não se conectam diretamente ao conceito que denominam como motriz para mulher: maternar.

Quando Ochy Curiel escreve *Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial* (2020), esclarece que a colonialidade do saber reconhece quem são sujeitos-objetos no âmbito da pesquisa/social: “aqueles que representam a diferença colonial, são geralmente os objetos das pesquisas: mulheres, negras, empobrecidas, pobres, indígenas, migrantes do Terceiro Mundo (Curiel, 2020, p. 134). Muito embora a observação de Ochy seja uma crítica para feministas brancas e ou elitizadas que vivem realidades diferentes desses chamados sujeito-objeto, reconhecemos quem são esses mesmos sujeito-objeto que permeiam o romance de escritoras desta geração (no caso *Luxúria*). Já Conceição Evaristo apresenta várias narradoras que sofrem o escárnio do sistema patriarcal e, principalmente histórias de Xuela Richardson que foi contada há vinte e cinco anos. Em outras palavras, ainda se faz necessário compreender o espaço de enfiamento em lugares marcados pela exploração

colonial. Viabilizar os escritos de escritoras e escritores que marcam as vozes decoloniais é uma das alternativas que transcende o lugar de povos silenciados.

Nessas perspectivas, é possível falar de um movimento de “outrização reativa”, representado na narrativa de *A autobiografia da minha mãe* (2020), que nos remete a pensar sobre o ensaio *Pode o subalterno falar?* (2014), de Spivak, quando esta autora esclarece o termo “outrização”, referindo-se ao outro que era subjugado e subalternizado pelo colonizador da Índia, o império Britânico no século XIX. Acreditamos que a obra *A autobiografia da minha mãe*, ao tematizar e ficcionalizar a opressão feminina e a herança colonial, pode ser lida como uma “opção decolonial”, uma escritura ao mesmo tempo criativa e crítica desenvolvida por mulheres¹⁷, tal como apontam as posturas teóricas que tratam o(s) feminismo(s) contemporâneo, o Pós-colonialismo e as teorias mais recentes do multiculturalismo e globalização em contexto de ex-colônias.

Zulma Palermo, no texto *Desobediencia epistémica y opción decolonial* (2013, p. 237) reflete que a partir de estudos que problematizam a questão do eurocentrismo na modernidade, emerge uma produção pela “opção decolonial”. A “opção decolonial”, no âmbito das ciências sociais e no âmbito da literatura e do pensamento teórico-crítico literário, contribui para configurar outro espaço de produção do conhecimento. Ou seja, trata-se de pensar diferente, um paradigma diferente, a possibilidade de falar de mundos e saberes de outra forma.

A modernidade capitalista está associada a uma cultura da morte/da destruição das fontes e dos meios, já o sentido decolonial “[...] é promovido com a força da retórica e com a busca de práticas orientadas para a valorização da vida e o respeito à biodiversidade e à pluriversalidade” (Palermo, 2013, p. 245). Ou seja, uma postura decolonial está ao desprendimento da colonialidade e, conseqüente, construção de seu próprio poder, compreendendo o epistémico/experiência intelectual. Trata-se de um olhar que se volta para o que está à margem no sentido de o trazer para o centro do debate, para assim fomentarmos uma perspectiva anti-hegemônica/decolonial.

Associamos esta reflexão teórico-crítica advinda dos estudos decoloniais latino-americanos ao que outros teóricos de “opção decolonial” refletem. Entendemos que são diferentes espaços geopolíticos, contudo, semelhantes no que tange ao processo de libertarem-se da herança colonial. Françoise Vergès (2020) aponta que a definição “feminismo decolonial”

¹⁷ Segundo Alves (2022, p. 30), “estas autoras propõem uma reflexão ensaística sobre a produção literária e cultural produzida [...], frente a tensões temporais da contemporaneidade. São escritoras e ensaístas que teorizam a partir das margens, dos entre lugares, de discursos emergentes [...], que encontraram no ensaio crítico literário, forma e estratégia de ressignificação de uma crítica eurocêntrica”.

é proveniente do objetivo de se compreender dentro de uma lógica da alteridade o que está à margem, tal como a questão de gênero, mas também, concomitantemente, realizando-se uma desaprovação do racismo, do imperialismo e do sistema capitalista.

Na mesma linha de raciocínio, ao abordar o feminismo negro e examinar como as mulheres racializadas são tratadas no contexto capitalista, bell hooks (2020) destaca como os discursos tanto liberais quanto conservadores convergem para questionar a posição de homens e mulheres não brancos. Em contraposição a essa narrativa, surgem momentos feministas, teorias pós e decoloniais, além de ativistas LGBTQIA+, que frequentemente buscam reconfigurar a representação de indivíduos marginalizados, deslocando-os do âmbito periférico para o centro. hooks, contudo, observa que, embora esses movimentos de apoio à inclusão das mulheres racializadas sejam significativos, muitas vezes deixam de abranger a complexidade das intersecções entre gênero e raça.

Todas as mulheres brancas desta nação sabem que a branquitude é uma categoria privilegiada. O fato de que mulheres brancas escolhem refrear ou negar esse conhecimento não significa que sejam ignorantes. Significa que estão em negação (Hooks, 2020, p. 89).

Muito embora Vergès e hooks abordem perspectivas distintas acerca das questões de gênero e racialização, ambas as análises convergem ao destacar a importância de realocar esses grupos na sociedade contemporânea, mesmo sob diferentes prismas. Nesse sentido, torna-se imperativo refletir sobre a urgência de compreender as diversas formas de subjetividade, considerando variáveis como esferas sociais, geografia, gênero, raça, linguagem e economia. Por outro lado, Carla Akotirene (2018), ao aprofundar-se no conceito de Interseccionalidade, destaca as problemáticas presentes em grupos diversos que, apesar de suas divergências, compartilham, em teoria, objetivos semelhantes. “Universalizante e deliberada, a sororidade dá a falsa impressão de existir empatia e homogeneidade de posicionamento terceiro-mundista, africano e estadunidense contra o colonialismo moderno” (Akotirene, 2018, p. 45). A crítica de Akotirene reforça o pensamento problemático que vem sendo discutido sobre a necessidade de união entre as teorias feministas.

Akotirene argumenta que uma das formas de reconectar essas divergências é compreender que um indivíduo não pode ser analisado exclusivamente por uma de suas características que o define enquanto agente no mundo. Dessa forma, ao se manifestar em Dominica como uma mulher nativa da ilha, Xuela não pode ser diretamente comparada a Eddie de Raven Leilane, que reside nos Estados Unidos contemporâneo e está atenta às redes sociais

sob as novas configurações do racismo enraizado, nem a Sara Benevides de Evaristo, que mora no Brasil, vivenciando as diferentes contextualizações da mulher negra brasileira – suas histórias conversam, mas elas partem de raízes distintas. Embora todas compartilhem características de gênero e raça, distanciam-se significativamente em termos de tempo e espaço. Patrícia Hill Collins em *Interseccionalidade* (2020) vai definir esta ótica da seguinte forma:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins, 2020, p. 16).

Assim, os estudos das autoras mencionadas reforçam a importância de conduzir uma análise mais detalhada das vastas disparidades sociais presentes no cenário global contemporâneo. Os fluxos diaspóricos, por exemplo, acentuam a hibridização das transformações sociais e consolidam um novo paradigma para compreender a humanidade, frequentemente guiada por nações que ainda mantêm o esquema imperialista de dominação. Essa reflexão sublinha a necessidade premente de abordar as complexidades e interconexões nas questões de gênero, raça e outros aspectos sociais em um contexto global cada vez mais interligado.

Portanto, nas acepções de Vergès, Hooks e Akotirene, trata-se de uma luta por justiça epistêmica, isto é, “uma justiça que reivindica a igualdade entre os saberes e contesta a ordem do saber imposto pelo Ocidente. Os feminismos de política decolonial se inscrevem no amplo movimento de reapropriação científica e filosófica que revisa a narrativa europeia do mundo”. (Vergès, 2020, p. 39)

No que diz respeito aos estudos de Vergès, ela afasta o feminismo civilizatório – que deseja ser o tutor de outros feminismos – do centro do debate, e no lugar apresenta os diversos feminismos do sul global, os quais possuem realidades socialmente complexas. Nesta perspectiva, na segunda parte desta tese, propomos pensar em como é construída a voz do sujeito decolonial e como a crítica literária feminista tem observado os momentos de contra-ataque de mulheres racializadas. Desta forma, estudaremos também imagens poéticas que

tecem a história de Xuela e dos seus ancestrais e como tais vozes ancestrais configuram o despertar do amor-próprio feminino, ou seja, o empoderamento do feminino antes oprimido.

2.2 ENUNCIÇÃO NARRATIVA: MEMÓRIA E ESCRITA

Durante a busca pelas informações de Jamaica Kincaid, um dos pontos obviamente observados era a forma como a escritora caribenha, descendente de escravos, filha de um pai com quem não tinha muita relação e de uma mãe que, em um determinado momento, deixa de ter uma relação próxima – escreveria um romance como *A autobiografia da minha mãe*, pela perspectiva crítica científica de muitos olhares. Entretanto, ao pensar na forma como a narrativa de Xuela se constrói, o olhar pós-colonial é um eixo que conecta tais escrituras, principalmente nas Américas, em especial as ilhas caribenhas, que foram durante um tempo o ponto principal de ataque e exploração pela Europa colonial.

Quando se trata do desenvolvimento das literaturas pós-coloniais, podemos identificar dois fatores importantes que impulsionam esse crescimento. Primeiramente, há o processo de conscientização nacional, no qual os textos são produzidos por representantes do poder colonial com o objetivo de enfatizar a colônia, resultando na marginalização da cultura periférica. Em segundo lugar, temos a questão dos textos escritos por nativos que estavam sob a supervisão do império e sentiam-se privilegiados por escreverem na língua do colonizador. Esses dois pontos destacam a influência da manipulação colonial, o que afeta consideravelmente o crescimento das produções periféricas. A produção na língua do colonizador já causa problemas de desvalorização na cultura colonizada, mas a manipulação linguística torna essa problemática ainda mais acentuada.

Como resultado, Kincaid produz sua obra originalmente em língua inglesa, colocando em xeque o controle da língua do colonizador e da narrativa de seu povo pela voz de Xuela, abrindo um leque de possibilidades e ampliações de como e onde sua obra pode ser consumida. Não necessariamente um escritor e escritora oriundos de nações que sofreram com os impactos da colonização escrevem por razões de revide, todavia, apenas pelo ato de produzir narrativas referentes à sua história e esclarecer o outro lado da moeda, temos um revide dentro do universo teórico pós-colonial.

Xuela, enquanto porta-voz na narrativa de Kincaid, reconhece que dentro dos esquemas de poder causados pela colonização forçada pela Inglaterra e França dentro do território de Dominica, a linguagem é um dos instrumentos que perpetuam a hibridização dos povos distintos. Primeiramente, antes da miscigenação de povos trazidos da África, havia o povo

nativo das ilhas antilhanas, a comunidade indígena local que cultivava sua cultura, ideologia e língua. Sendo assim, para além do choque de destruição que os impactos culturais causam dentro de um esquema de exploração imperialista, o que sobra é hibridização e um novo produto social que esses povos fundidos oferecem. A saída que esses povos colonizados encontram é a mistura de costumes, visões de mundo e uma nova linguagem. Sobre isso, Stelamaris Coser (2005), em *Híbrido, hibridismo e hibridização*, aponta que:

Revertendo o movimento do centro para a periferia que caracterizou a era colonial e fez das colônias ‘o local dos sincretismos e hibridismos, os grandes ‘centros globais; são agora internacionalizados e hibridizados neste novo momento histórico pós- (ou neo) colonial (Coser, 2005, p. 176).

Os povos colonizados puderam compreender, portanto, que o impacto deixado pela colonização era uma vez irreversível para eles e para colônia europeia, sendo assim, amenizar os impactos através da fusão dos saberes culturais foi uma alternativa de se manter renovado. Xuela, por exemplo, reconhece o aspecto linguístico como uma das alternativas de diferenças entre o povo híbrido de Dominica e a colônia francesa.

Comecei a falar bastante naquela época – comigo mesma frequentemente, com os outros quando absolutamente necessário. Falávamos em inglês na escola – inglês correto, não patoá - e entre nós o patoá francês, uma língua que não era considerada nada correta, uma língua que uma pessoa da França não sabia falar e teria dificuldade de entender. Eu falava comigo mesma porque comecei a gostar do som da minha voz (Kincaid, 2020, p. 14).

Xuela reconhece, enquanto tece sua história, que a mudança que aconteceu em sua vida está de certa forma conectada com os impactos da força do imperialismo — diretamente voltado à perspectiva do seu pai enquanto agente principal de manutenção de poder, logo depois, voltado aos sujeitos que permeiam a sua história que reproduzem a mímica do colonizador. Sendo assim, a partir do momento em que deixa a casa de seu pai, sua irmã e a madrasta (que já tinha morrido), Xuela se desloca em busca de uma identidade, de um reconhecimento do eu, das raízes.

Nessa altura, buscava se encontrar e compreender o sentido de o porquê ela fazia parte de um grupo que era constituído de derrotados, que sempre ficavam à margem de uma realidade que fora ditada a eles. Nessas ações, somadas às memórias que Xuela Claudette narra, procuramos compreender o seguinte questionamento: para entender Xuela como uma narradora pós-colonial, não seria preciso pensar do que é feito o romance de Jamaica Kincaid?

Como já destacado nas informações encontradas sobre Kincaid, a autora afirma que *A autobiografia da minha mãe* não é um romance autobiográfico, todavia, não há como negar que existem semelhanças entre Xuela Claudette Richardson e Jamaica Kincaid. Por ora, não temos como objetivo discutir conceitos sobre autoficção, mas discutiremos sobre o conceito cunhado por Zilá Bernd (2018), que classifica romances que narram memórias de personagens que buscam um referencial de suas ancestralidades. Dessa maneira, Bernd considera que romances desse cunho são chamados de “romance memorial ou de filiação”:

para que fique mais clara a peculiaridade desses romances, que também poderíamos classificar como autoficção, mas que deles se distinguem pela ênfase dada à ‘**anterioridade**’, ou seja, para falar de si, os personagens narradores focalizam um ancestral: a mãe, o pai, os avós ou um ancestral mítico [...] (Bernd, 2018, p. 64, grifo da autora).

A partir dessa observação, podemos pensar que as ações de Xuela enquanto personagem-narradora são formas de sentir-se conectada com a ausência de sua mãe, que morre quando Xuela nasce. “Nunca vi seu rosto, e mesmo quando ela aparecia para mim em sonhos eu nunca o via, só via seus calcanhares, seus pés, descendo a escada, os pés descalços, descendo, e eu sempre acordava antes de vê-la subindo de novo.” (Kincaid, 2020, p. 119). Essa busca pelo pertencimento geralmente é ocasionada em narrativas de resistência que almejam perpetuar história que muitas vezes são varridas para debaixo do tapete no esquema colonial. A narrativa de Xuela e a escrita de Jamaica Kincaid reforçam a necessidade de revisitar o passado colonial do Caribe e reavivar histórias de mulheres fadadas ao esquecimento.

A importância dos escritores das Américas de um modo geral e do Caribe em particular deriva do reconhecimento de que a falta e o apagamento, assim como o esquecimento, teriam de ser lavados em conta e assumidos de modo imperativo para que uma literatura antilhana pudesse emergir (Bernd, 2018, p. 67).

Em busca de respostas e, vendo que sua realidade não pertence à história de seu pai, Xuela novamente se vê sozinha e parte em busca desse sentido para sua narrativa. O panorama que existe por esse caminho que Xuela começa a trilhar está no cerne que reafirma as pluralidades dos povos que ali foram trazidos, das belezas da ilha de Dominica que se deixavam esquecidas em meio ao sofrimento.

Passei pelas águas negras do canal de Martinica; não fiquei tentada a ser engolida por elas. Chovia entre Soufrière e Roseau. Pensei ter ouvido

pequenos estrondos brotando das profundezas do Morne Trois Pitons, pensei ter sentido o cheiro de fumaça de enxofre subindo do Boiling Lake. E foi assim que reivindiquei meu direito de nascença, Leste e Oeste, Acima e Abaixo, Água e Terra: em um sonho. **Caminhei pela minha herança, uma ilha de vilarejos e rios e montanhas e pessoas que começava e terminava em assassinato e roubo e não muito amor. Eu a reivindiquei em um sonho** (Kincaid, 2020, p. 55 e 56, grifos nossos).

Sabida de que estava cercada e fazia parte de um povo multifacetado, Xuela começa, neste ponto da narrativa, a perceber que cada indivíduo é um reflexo dos atos coloniais. No caso de sua mãe que ela nunca conheceu, Xuela entende que sua ancestralidade já era marcada pelas mazelas do abandono. Quando pensava sobre seu passado, mesmo quando não era nascida, suas lembranças se misturavam com as de sua mãe e, a partir disso, ela compreendia que sua mãe fora uma mulher moldada para ser silenciada.

Minha mãe fora deixada no portão de um convento quando tinha talvez um dia de vida por uma mulher que acreditavam ser sua mãe, estava embrulhada em retalhos de pano velho e limpo, e o nome Xuela estava escrito nesses retalhos; estava escrito em uma tinta cor anil, uma tinta extraída de uma planta (Kincaid, 2020, p. 52).

A reflexão de Xuela reafirma as ideias de Zilá Bernd ao apontar que o romance memorial é um apunhado de memórias transgeracional que contém aspectos do passado do narrador-personagem e autentifica a necessidade de se fazer parte de uma narrativa. Para isso, é necessária uma busca nas histórias das personagens que cercam a diegese do protagonista, no nosso caso, a de Xuela.

Aceitando ou negando e rejeitando o papel de herdeiro/a, resgatando ou restaurando elementos do passado familiar, o trabalho de perquirição da memória inter e transgeracional é quase sempre movido por afetos profundos ou pelo desejo de resolver impasses familiares e contribui para o necessário repensar das memórias individuais, coletivas e sociais (Bernd, 2018, p. 78).

O sofrimento de Xuela existe, pois, dentro de um núcleo de situações que sua mãe viveu, o que a deixa em estado de sofrimento é saber que sua mãe fora uma mulher “passiva”, um sujeito que em meio à opressão e hibridização daquele povo, Xuela Claudette Desvariueux, não a conheceu e, mesmo que elas tivessem o mesmo nome, ainda eram mulheres diferentes. Xuela filha teria a alteridade para lidar com os impactos de seu meio e, mesmo sofrendo, revidaria ao sistema, enquanto sua mãe, não. Sobre isso, Xuela reflete que mesmo quando nasceu, sua mãe estagnou no silêncio: “Não a encontraram porque estava chorando; mesmo quando recém-nascida, ela não chamava atenção para si. Foi encontrada por uma mulher, uma

freira que estava indo provocar **mais estragos na vida dos remanescentes de um que estava desaparecendo**” (Kincaid, 2020, p. 52, grifos nossos). O último nome de sua mãe, Desvariux seria dessa freira que vinha de outro lugar, de um lugar que causaria dor ao seu povo e, principalmente, em sua mãe.

Sendo as missões um dos grandes atos de violência dos povos colonizados, quando Xuela se coloca como agente em busca para resgatar seu passado e as memórias de sua mãe – ela percebe as imensidões de outras histórias que foram trazidas (assim como sua mãe) da África como uma diáspora violenta. A diáspora sendo, em um primeiro momento, voltada para o deslocamento dos povos judeus, começa a ganhar mais notoriedade para a teoria pós-colonial a partir do século XX, principalmente pelos avanços de guerras que obrigavam comunidades a migrar. Geralmente ligada às catástrofes naturais, fome, guerras, fanatismo religioso, escravidão, exploração dos corpos negros e indígenas, conflitos políticos e o avanço excessivo do capitalismo – a diáspora foi/é um movimento que durante anos impulsionou na miscigenação das Américas do Norte, Central e Sul.

One of the major flaws of diaspora theory is the reliance on the Jewish case as the illustration par excellence of who or what is a diaspora, regardless of time and space. Perhaps the task of defining diaspora would be far less problematic if the Jewish Diaspora ceased to be used as the norm for determining which groups are relegated to a minority, transnational community, diaspora, or other grouping¹⁸ (Reis, 2004, p. 44).

Esse mesmo movimento diaspórico é o que permeia a história da mãe de Xuela, das mulheres com quem ela observava no primeiro momento do romance e, principalmente, do seu pai, filho de uma caribenha e um escocês que só passou pela ilha de Dominica para fazer entregas e nunca mais voltou. Xuela sabia que seu pai tinha muitos irmãos e irmãs espalhados pelo mundo e, por essa e outras razões, ele cumpria a função de ser dominador: “Meu pai era um intimidador incrível e sabia muito bem como deixar uma pessoa comum infeliz e como transformar uma pessoa meramente infeliz em uma pessoa que berra no meio da noite” (Kincaid, 2020, p. 86).

Essas zonas de contato em que a narrativa está intensificam uma série de sujeitos que se comportam de forma agressiva como o pai de Xuela, pois precisam estar no lugar de poder

¹⁸ Uma das principais falhas da teoria da diáspora é a dependência em relação ao caso judaico como a excelência ilustração de quem ou o que é uma diáspora, independentemente de tempo e espaço. Talvez a tarefa de definir diáspora seria muito menos problemática se a diáspora judaica deixasse de ser utilizada como norma para determinar quais grupos são relegados a uma minoria, comunidade transnacional, diáspora, ou outro agrupamento. (Tradução nossa).

e, ao fazer isso, reproduzem o mesmo esquema de exploração. O que Xuela também sabe é que a pluralidade dos povos que ali residem e foram trazidos reforçam a impossibilidade de definir uma cultura apenas. Sendo o Caribe uma rota tão forte da miscigenação cultural, Stuart Hall (2003), aponta que: “As culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam” (Hall, 2003, p. 36).

É a partir de tais reflexões que é possível entender que dentro da esfera geográfica que Xuela se encontra, e de sua busca por informações das vidas dos seus antepassados, que a voz que ecoa dentro do romance de Kincaid é de uma narradora da pós-colonialidade. Xuela Claudette é uma agente multifacetada que percebe a sua hibridização e a de seu povo.

2.3 UM CORPO QUE SE REESCREVE: ENTRE-LUGARES

As primeiras referências de família que Xuela experimentou foram com mãe Eunice e a família de seu pai, na qual intensificou para Xuela a ideia da problemática das mulheres caribenhas que disputam entre si espaços, sempre planando em uma energia bélica entre elas e, além disso, a presença opressora de seu pai que Xuela não via honestidade. Consciente da relação turbulenta e da presença indiferente de Xuela, o pai a deixa morando na casa de um casal de franceses que vieram para Dominica nesse nicho de reforçar a exploração dos povos antilhanos na mão de obra escravista da época. “Eu nunca tinha ido a Roseau até meus quinze anos, quando meu pai me levou à casa de um homem que conhecia, Monsieur LaBatte, Monsieur Jacques LaBatte, ou Jack, passei a chamá-lo na escuridão amarga e doce da noite” (Kincaid, 2020, p. 40 e 41).

A partir disso, temos Xuela com quinze anos dentro da casa de um amigo de seu pai ou, como ela mesmo reconhece: “Ele e meu pai se conheciam por causa de arranjos financeiros que tinham em comum. Chamavam-se de amigos, mas a fragilidade da base em que essa amizade foi construída só causaria tristeza em alguém que não ame o mundo [...]” (Kincaid, 2020, p. 41). Jacques LaBatte é, diferente do pai de Xuela, um homem que nasceu na Europa e não tem ligações raciais com nenhum território colonizado. Sua única ligação com o Caribe é para afirmar a força do comércio de exploração advindos da colonização inglesa e francesa. Em tese, aquele povo que ali reside, trazido da África e misturado com os nativos locais, é uma transfiguração animalesca que precisa ser explorado por Jacques LaBatte.¹⁹

¹⁹ Faz-se essa nota para apontar que a relação breve entre Xuela e monsieur LaBette resulta em uma gravidez indesejada. Esse episódio revela a dinâmica de poder e exploração presente no contexto colonial, em que homens brancos europeus tinham o privilégio de se envolver com mulheres locais sem consequências. Xuela, como fruto

Por ora, o nosso olhar para o casal de franceses que aceita Xuela dentro de casa é para compreender a transformação e os impactos do entre-lugar dentro da história da personagem narradora. O termo, cunhado primeiramente por Silviano Santiago, em *O entre-lugar do discurso latino-americano* (1978), e depois estudado e ampliado pela ótica do colonialismo europeu no ocidente, Homi Bhabha, em *O local da cultura* (2005), traça o impacto da transformação que sujeitos colonizados e colonizadores sofrem ao impacto imediato de duas culturas que se chocam devido às ações imperialistas.

Dentro dessa zona de contato há, por parte do Outro, um discurso de imposição de uma verdade única, limitada e destorcida pela experiência eurocentrada desse grupo – colocando em desvalor a cultura do outro que sempre vive à sua margem, mas não há como negar que ambos, o conquistador e o conquistado, são impactados pelas transformações desse contato híbrido. Sendo assim, o que se recolhe dentro dessa fusão de óticas distintas é uma terceira imagem que resulta na transformação desses sujeitos que são afetados pelo entre-lugar.

É significativo que a capacidades produtivas desse Terceiro Espaço tenham proveniência colonial ou pós-colonial. Isso porque a disposição de descer àquele território estrangeiro pode revelar que o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir o caminho à conceitualização de uma cultura internacional, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na *diversidade* de culturas, mas na inscrição e articulação do *hibridismo* da cultura. Para esse fim deveríamos lembrar que é o ‘inter’ - fio cortante da tradução e da negociação, o *entre-lugar* – que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionais, do ‘povo’. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos (Bhabha, 2003, p. 68).

Sendo assim, inserida nesse meio por falta de opção e puramente da imposição do seu pai, Xuela reconhece que esse espaço não era o que ela poderia chamar de lar, mas que viveria até poder trilhar um caminho diferente. “Eu era uma hóspede, mas paguei pela hospedagem pelos meus próprios meios. Em troca do meu quarto e das refeições nessa casa, eu fazia algumas tarefas domésticas.” (Kincaid, 2020, p. 42). E uma vez na capital de Dominica, Roseau, Xuela compreende que para além das transformações da vida singela que vivia longe dali todo o território de Dominica estava à mercê das transformações das fusões de várias culturas.

dessa relação inter-racial, incorpora em si mesma os entre-lugares das culturas em conflito, o que intensifica a complexidade de sua identidade. Entretanto, a discussão para tal explicação será feita na terceira parte desta tese, na qual focaremos única e exclusivamente em Xuela Claudette.

Seu olhar para a capital de sua terra se transparecia como um espaço de fusão entre a natureza das montanhas, o mar translúcido do Caribe e a destruição exposta pela ferida colonial. O que antes era usada como porto de navios negreiros e venda de pessoas, agora fora substituída por uma nação que minava uma nova imagem derivada das ações impositoras.

Roseau não poderia ser chamada de cidade, pois não poderia encarnar aspirações tão nobres – centro do comércio e da cultura e da troca de ideias entre pessoas, lugar de intrigas, onde complôs são tramados e o destino de muitos é decidido; não era bem uma cidade, era um posto avançado, uma estação de passagem para pessoas para quem as coisas tinham dado errado fosse por conta dos próprios atos ou sem que tivessem culpa; e na época havia muitos lugares como Roseau, postos avançados do desespero; tanto para o **conquistador** quanto para o **conquistado** esses lugares não eram a capital de nada além do desespero (Kincaid, 2020, p. 41, grifos nossos).

Toda essa realidade transfigurada e vista pelos olhos de Xuela era uma consequência da verdade vivida pelos povos da América do Sul, de certa forma. Não obstante, quando Silviano Santiago explana sobre o assunto, uma nova maneira de se olhar para esses povos é posto em pauta e, principalmente, a forma como essas transformações resultaram em revides contra o centro.

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão, - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (Santiago, 1978, p. 28).

Mesmo que Xuela não pudesse optar pela fuga de estar em uma zona de conflito, ela compreendia que os empasses que viveria ali a transformariam enquanto mulher. Uma vez dentro da casa dos LaBatte, Xuela teria que viver como uma empregada a serviço dessa família. Entretanto, diferente das relações que Xuela experimentou com as outras personagens femininas, a relação com a Madame LaBatte era diferente. No deslocamento da sua terra natal para Dominica, essa mulher experimenta a solidão da mulher colonizadora, pois não há relações de contato com ninguém da ilha e, sendo assim, Xuela acaba servindo como uma necessidade momentânea para passar o tempo.

Existe, de forma singela, uma exploração velada na presença de Xuela dentro daquele território, todavia, diferente das atitudes agressivas da madrastra e da irmã de Xuela, ela acaba por ajudar a senhora da casa, fazendo companhia para ouvir histórias de lugares que Xuela não imagina conhecer. A solidão da mulher que atravessou o oceano com o seu marido explorador

era uma entidade curiosa para Xuela, pois ela conseguia perceber que mesmo diferente do seu povo, suas aspirações enquanto mulher eram as mesmas que de muitas que estavam ali: “Querer desesperadamente se casar com homens, por fim entendi, não é um erro que as mulheres cometem, é apenas, bem, o que lhes resta fazer?” (Kincaid, 2020, p. 43).

Xuela sabia que, apesar de aquela mulher ser uma representação do Outro, ela ainda demonstrou certa empatia pela presença de uma mulher negra dentro da sua casa, que descendia de povos que foram trazidos da África por força da sua própria gente:

Ela gostou de mim. Essa mulher gostou de mim; o marido gostou de mim; ela ficou contente porque gostou de mim [...] Madame LaBatte já tinha me dito para ficar à vontade, para considerá-la como minha mãe, para me sentir segura sempre que ela estivesse perto. Ela não tinha como saber o que essas palavras significavam para mim, ouvir uma mulher dizê-las para mim. Claro que não acreditei nela, não tentei me enganar, mas sabia que ela falava a sério quando as dizia para mim, ela realmente queria me dizê-las (Kincaid, 2020, p. 44).

As intenções de fato tinham um certo cuidado para com Xuela e ela percebia isso. Essa relação de “mãe e filha” segue solitária, já que Jacques LaBatte estava sempre ausente a trabalho em uma obsessão frenética por dinheiro: “Monsieur LaBatte já era um homem rico, mais rico que meu pai” (Kincaid, 2020, p. 44). Ele ficava isolado muitas vezes, apenas contando e recontando seu dinheiro em silêncio, o que fazia Xuela refletir que talvez todos os homens fossem fissurados no poder que o dinheiro dava a eles. “À noite eu acordava e o via contando dinheiro, sem parar, como se soubesse quanto tinha de fato, ele sabia que eu não queria, eu sabia que não queria nada daquilo” (Kincaid, 2020, p. 51).

Em determinado momento do tempo que Xuela fica na casa dos franceses, ela tem sua primeira relação sexual com o Monsieur LaBatte e, de alguma forma, Xuela passa a perceber que a mulher de LaBatte estava ciente das vezes que seu marido ia atrás de Xuela, uma jovem garota de quinze anos. “Ela nos ouvia. Ela nunca deixou que eu soubesse, que nos ouvia. Ela queria um filho, queria filhos; eu a escutava dizer isso” (Kincaid, 2020, p. 51).

A percepção de Xuela nesse momento foi de uma realização que, dentro daquele espaço, ela deveria ser uma empregada que fazia companhia para Madame LaBatte, que tinha relações com o seu marido e que, por fim, desse um filho para ela, “ela quer fazer de mim um presente para o marido; quer me dar a ele, espera que eu não me importe” (Kincaid, 2020, p. 46). Toda genuinidade de ser benquista por aquela mulher que veio de longe era, na verdade, uma forma de dominação e controle. Na zona de contato do ‘entre-lugar’, Xuela precisava cumprir seu papel de submissa naquele espaço. Por outro lado, a presença de Madame LaBatte, esposa de

monsieur LaBatte, acrescenta outra camada de ambiguidade à experiência de Xuela. Enquanto mulher branca, Madame LaBatte representa a parte “passiva-agressiva” da dinâmica colonial, aquela que está no lado dominante da relação de poder, mas que em determinado momento sente-se na necessidade de acolher esperando conseguir um retorno em tais gentilezas. No entanto, sua situação também é ambígua, uma vez que ela vive na ilha caribenha, que é a colônia, e é casada com um homem branco europeu que tem poder e privilégio sobre os habitantes locais.

Essa relação triangular entre Xuela, monsieur LaBatte e Madame LaBatte simboliza a tensão entre as identidades em conflito no contexto colonial. Xuela é o resultado dessa mistura cultural, vivendo no entre-lugar de duas realidades distintas. Ela é afetada pela exploração do colonizador, mas também é moldada pelas tradições culturais de sua mãe caribenha e do seu pai que é um homem híbrido. Madame LaBatte, por sua vez, está inserida em um contexto colonial como esposa de um homem branco europeu, mas ela também está sujeita a influências culturais locais.

Essa complexidade de identidades em conflito reflete-se nas questões de pertencimento e identidade de Xuela. Ela se encontra em uma posição liminar, em que não se encaixa totalmente em nenhuma das culturas representadas por Monsieur LaBatte e Madame LaBatte. Essa ambiguidade se estende à sua autoimagem e sua busca por pertencimento e reconhecimento em uma sociedade pós-colonial que ainda está lidando com as consequências do colonialismo e da diáspora. O entre-lugar se faz na experiência de Xuela. Sua relação com monsieur LaBatte e Madame LaBatte destaca a complexidade e a ambiguidade de sua identidade, moldada por culturas em conflito e pela dinâmica de poder do contexto colonial.

Esse terceiro espaço torna-se, assim, uma lente através da qual podemos explorar a rica narrativa de Jamaica Kincaid e refletir sobre as complexas questões de identidade e pertencimento em uma sociedade pós-colonial. Através da experiência de Xuela, somos levados a questionar as fronteiras rígidas entre as culturas, raças e identidades, e a compreender que essas fronteiras são, muitas vezes, fluidas e permeáveis, criando espaço para a multiplicidade de narrativas e experiências no mundo pós-colonial.

A construção do entre-lugar na personagem de Xuela é alicerçada em suas experiências de vida, nas quais as dinâmicas coloniais e diaspóricas deixam marcas profundas. Ela é uma mulher que vive em uma sociedade que enfrenta os resquícios do colonialismo e da opressão, e seu lugar nessa sociedade é marcado por uma sensação constante de não pertencimento completo a nenhum grupo cultural específico. A ambiguidade de sua identidade e pertencimento reflete-se em suas ações e decisões ao longo do romance.

Xuela busca uma conexão com suas raízes caribenhas através de suas memórias e de sua ligação com a mãe mas, ao mesmo tempo, é “contaminada” pelas influências culturais do colonizador e suas dinâmicas de poder. Ela é uma figura complexa, moldada por múltiplas identidades, que não se encaixa nos moldes tradicionais impostos pela sociedade dominante. É nesse "entre-lugar" que Xuela encontra espaço para sua individualidade e autenticidade, desafiando as expectativas e limitações impostas pelas estruturas sociais dominantes. A experiência de Xuela com monsieur LaBatte e Madame LaBatte ressalta a complexidade de sua identidade e sua luta para encontrar um lugar onde possa existir plenamente, sem negar nenhuma parte de si mesma.

Além disso, a figura de monsieur LaBatte e sua relação com Xuela também representa o poder e a exploração do colonizador em relação aos povos colonizados. Jacques LaBatte, como um homem branco europeu, representa a figura do opressor que exerce seu poder sobre Xuela e a utiliza de forma descartável, sem levar em conta as consequências de suas ações. Essa dinâmica de poder ressoa com as experiências históricas de colonização, em que os colonizadores europeus exploraram e subjugararam os povos nativos das colônias.

Por outro lado, a presença de Madame LaBatte traz à tona questões de identidade e pertencimento também para ela. Como esposa de monsieur LaBatte, ela ocupa uma posição de privilégio em relação aos habitantes locais da colônia. No entanto, sua identidade como mulher branca vivendo em um contexto colonial a coloca em um "entre-lugar" de poder e subordinação. Ela é uma figura ambígua, que vive em uma posição de vantagem em relação a Xuela, mas também está presa às estruturas de poder do colonialismo.

A relação entre Xuela, monsieur LaBatte e Madame LaBatte é, portanto, um microcosmo das dinâmicas complexas e ambíguas do contexto pós-colonial. Essa tríade representa os conflitos de poder, identidade e pertencimento presentes em uma sociedade marcada pela história de colonização e diáspora. Através dessa relação, Jamaica Kincaid explora os efeitos duradouros do colonialismo e como ele continua moldando as vidas e as identidades dos povos colonizados. Cabe destacar, desta forma, que a própria experiência de Kincaid enquanto uma mulher caribenha se entrelaça com esses novos produtos que são criados neste contexto de aproximação.

O entre-lugar é, então, um novo espaço à luz das trocas culturais, conflitos e ambiguidades que emergem diante das relações de poder. Porém, é neste local que a questão da construção de uma identidade nacional de uma comunidade pode se efetivar uma vez que é amplamente subversivo e desobediente. Onde a metrópole espera silêncio, há voz; onde a metrópole espera conformismo, há inquietação (Barzotto, 2011, p. 71).

Ao analisar a experiência de Xuela com monsieur LaBatte e Madame LaBatte sob a perspectiva do entre-lugar, podemos compreender a complexidade da identidade pós-colonial e as lutas para encontrar um espaço de autenticidade e pertencimento. Toda essa hibridização fomentada dentro dessa zona de contato ajuda a questionar as fronteiras rígidas entre culturas, raças e identidades.

2.4 UM OLHAR CRÍTICO: FEMINISMOS E REFORMULAÇÃO DO CÂNONE

A crítica literária feminista tem se destacado no panorama do feminismo, proporcionando a apreciação de uma tradição literária composta por obras de autoras que, por muito tempo, permaneceram obscurecidas no cenário literário. Ao reconhecerem que esses textos escritos por mulheres expressam o empoderamento delas na história da sociedade, grupos de estudiosos empreenderam esforços para resgatar essa produção feminina e, assim, reescrever o cânone dominado pelo patriarcado (Zolin, 2009). Essa abordagem de empoderamento, por sua vez, demandou a ruptura de paradigmas sociais impostos e a proclamação de uma alteridade que buscasse contrastar com o mundo de perspectiva falocêntrica.

A valorização da tradição literária feminina é fundamental para reconhecer a diversidade de vozes que, por muito tempo, foram marginalizadas ou ignoradas no campo literário. A crítica literária feminista oferece uma lente através da qual essas obras podem ser reinterpretadas, destacando temas como a experiência feminina, as relações de poder e a resistência contra as normas patriarcais. A reescrita do cânone literário, por meio da inclusão e promoção de autoras mulheres, é uma maneira significativa de desafiar a hegemonia cultural masculina e construir uma narrativa literária mais inclusiva. Ao dar visibilidade a essas vozes outrora silenciadas, a crítica literária feminista contribui para a desconstrução de estruturas opressivas e para a promoção da igualdade de gênero no campo literário e na sociedade em geral.

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no 'sério' mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos (Lobo *apud* Zolin, 2003, p. 327).

Se a observação de Zolin destaca a necessidade, o reconhecimento e importância da escrita feminina, a produção de Jamaica Kincaid surge, portanto, como uma arte que fortifica a realidade das mulheres que vivem nas ilhas do Caribe, por exemplo. Pensamos também que a escrita literária é uma fenda que transparece o caminho entre histórias esquecidas e caminhos que foram traçados apenas um por uma ótica: “A literatura é, também, uma lente, uma tela a mostrar algo da realidade, espaços periféricos, identidades em trânsito, processos migratórios diaspóricos, fronteiras e desterritorializações” (Kaminski, 2022, p. 29). Por essa maneira, quando pensamos que os primeiros movimentos feministas surgem para (re)colocar a mulher em seu espaço por direito, precisamos pensar que essa primeira ação parte da reflexão das mulheres brancas elitizadas. Embora importante, não se sustentou a ideia por longos períodos, pois feministas negras e periféricas começavam enfatizar importância de serem visibilizadas dentro do movimento. Quanto à necessidade de repensar a reescrita do cânone literário, que historicamente foi dominado por obras de autores homens, as inflexões contemporâneas apontam para a importância de uma abordagem feminista decolonial. Essa perspectiva está fundamentada na conexão intrínseca entre raça e gênero, destacando a relevância de examinar obras de escritoras negras, indígenas e africanas – considerando “uma forma de compreender a opressão das mulheres subalternizadas através de processos combinados de racialização, colonização, exploração capitalista e heterossexualismo” (Lugones, 2014, p. 940 e 941).

A proposta do feminismo decolonial surge como uma resposta crítica aos sistemas de opressão que permeiam as estruturas literárias e sociais, reconhecendo a interseccionalidade das experiências das mulheres em relação à raça e gênero. A necessidade de observar e valorizar a produção literária de mulheres pertencentes a grupos racializados é uma tentativa de desafiar e subverter os padrões estabelecidos que historicamente marginalizaram essas vozes.

Ao incorporar uma perspectiva decolonial no feminismo, busca-se não apenas redefinir o cânone literário, mas também questionar as narrativas hegemônicas que perpetuam estereótipos e hierarquias de poder. Valorizar e promover escritoras negras, indígenas e africanas é uma forma de descentralizar o conhecimento, reconhecendo a riqueza e a diversidade das experiências femininas em contextos culturais específicos.

Nos últimos anos, tem havido uma efervescência significativa de pesquisas que se dedicam a explorar mais profundamente a escrita de mulheres descentralizadas no Sul Global. Essas investigações buscam reconhecer e compreender a realidade que se manifesta através da expressão literária de autoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Contudo, ao ampliar o foco para partes da América Latina e do Caribe, é

evidente que o reconhecimento da produção literária dessas mulheres ainda é limitado no contexto nacional.

É notável que autoras como a própria Jamaica Kincaid, cuja primeira publicação no Brasil ocorreu em 2020, exemplificam o desafio enfrentado pela literatura feminina do Caribe e de outros territórios latino-americanos em ganhar visibilidade dentro das fronteiras nacionais, sendo essa visibilidade sempre voltada às produções autores masculinos. O reconhecimento tardio dessas escritoras destaca a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e global na promoção e valorização da diversidade literária. Essa tendência de pesquisa reflete um movimento mais amplo em direção à desconstrução de narrativas unilaterais e à ampliação do entendimento sobre a multiplicidade de experiências femininas. A valorização da escrita de mulheres descentralizadas no Sul Global não apenas enriquece o cânone literário, como também contribui para uma compreensão mais completa e complexa das realidades sociais, culturais e históricas que essas autoras exploram em suas obras.

Já Vergès observa essa tensão delicada que existe nos estudos e movimentos feministas, uma vez que o feminismo decolonial vai redirecionar o curso da mulher e do homem branco, mais em especial das pessoas (em especial a mulher) racializadas.

A vida confortável das mulheres da burguesia só é possível em mundo onde milhões de mulheres racializadas e exploradas proporcionam esse conforto, fabricando suas roupas, limpando suas casas e escritórios onde trabalham, tomando conta de seus filhos, cuidando das necessidades sexuais de seus maridos, irmãos e companheiros. Consequentemente, elas têm como passatempo discutir a legitimidade das coisas, reclamar que não querem ser “incomodadas” no metrô ou aspirar de liderança de grandes empresas. Claro, homens se ocupam de proporcionar seu bem-estar, mas, se insisto no papel das mulheres do Sul global nesta organização do mundo, é para enfatizar ainda mais seu caráter revolucionário na crítica do capitalismo racial e do heteropatriarcado (Vergès, 2020, p. 26).

O que estimula a fala de Vergès, Lugones e Gonzalez a pensar nesse papel das mulheres do Sul global, por exemplo, é o combate às explorações uma vez articuladas na ação imperialista de dominação. Quando a crítica pós-colonial direciona uma série de conceitos que desfortalece o chamado colonial, o feminismo também entra em voga, pois reconhece, principalmente, o papel motriz das mulheres nessa parte da história, porém, especificamente, da mulher branca. É desta forma, então, que cabe pensar que Xuela, por ser uma mulher racializada, periférica, caribenha e autônoma das suas escolhas, no pano narrativo de Kincaid estava uma relação truncada com as personagens masculinas do texto. “E o que eu te pergunto?

Qual é a pergunta que posso fazer? Não sou dona de nada, não sou homem?" (Kincaid, 2020, p. 81).

Thomas Bonnici ressalta que “há uma estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo” (Bonnici, 2003 p.15), e essa conexão se torna evidente quando se destaca a analogia entre patriarcalismo/feminismo e metrópole/colônia ou colonizador/colonizado, enfatizando que, nas sociedades pós-coloniais, a mulher é duplamente colonizada (Bonnici, 2003 p. 16). O pós-colonialismo e o feminismo se entrelaçam na busca pela integração da mulher em seu espaço social legítimo e no questionamento da predominância exclusiva do cânone literário criado apenas por homens. Contudo, ao se referir aos países do "Terceiro Mundo", é necessário abordar qual problemática deve ser priorizada: a luta pela igualdade feminina ou a influência imperial presente na cultura ocidental? (Petersen *apud* Bonnici, 1998). Portanto, é essencial apontar que a forma mais eficaz de combater a descolonização feminina abrange o uso da linguagem (Ashcroft *et al.*, 1995; Bonnici, 1998).

E é nesse espaço de questionamento sobre o cânone escrito por homens e/ou mulheres brancas que a potência da escrita Kincaidiana fortalece o lugar de mulheres negras e latinas no mundo organizado por e para o centro europeu/norte-americano. *A autobiografia da minha mãe* pode ser lida como uma narrativa que coloca não apenas a escrita de Jamaica, mas a voz de Xuela e seus ancestrais no *hall* de entidades que compõem a importância na história da literatura.

Não apenas Xuela, mas todas as personagens que compõem a narrativa de Kincaid, complementam as histórias dos povos que foram deixados de lado no esquema do capital imperialista – a exemplo das mulheres que tecem suas histórias à sombra dos homens (em especial o pai de Xuela), e o que lhes restam, assim como foi dito pelo planejamento da hierarquia capitalista que o trabalho dessas mulheres era o do lar e braçal quando solicitado. Françoise Vergès quando escreveu *Um feminismo decolonial* (2020), durante a pandemia da COVID-19, refletiu justamente sobre esses corpos racializados como uma mão de obra barata que ainda permanece viável para a insaciável fome capitalista:

Refiro-me aqui à economia do *desgaste* dos corpos racializados, do esgotamento das forças, na qual pessoas são designadas pelo capital e pelo Estado como aptas a serem usadas, a serem vítimas de doenças, debilidades e deficiências que as provoca. O desgaste dos corpos (que obviamente também diz respeito aos homens, mas eu insisto na feminização da indústria da limpeza no mundo) é inseparável de uma economia que divide os corpos entre aqueles que têm direito a uma boa saúde e ao descanso e aqueles cuja saúde não importa, que não tem direito ao descanso (Vergès, 2020, p. 126).

Xuela pode ser analisada com uma voz dessa mulher esquecida dentro de Dominica, durante e pós o período de independência das ilhas antilhanas da Europa. Xuela, enquanto a voz do romance, questiona e percebe-se como agente das suas escolhas no espaço multifacetado como o dela, uma nova maneira de se olhar a mulher é posta em pauta – sendo esse novo espaço voltado para diversas realidades da literatura, não apenas um modelo eurocentrado a seguir. Os estereótipos desses corpos sempre descritos pelo discurso colonial começam a cair por terra nas produções de narrativa como a de Xuela. Ochy Curiel, quando pensa sobre o feminismo decolonial, aponta que:

O feminismo decolonial, retomando boa parte dos postulados do giro decolonial e dos feminismos críticos, nos oferece uma nova perspectiva de análise para entendermos de forma mais complexa as relações entrelaçamentos de ‘raça’, sexo, sexualidade, classe e geopolítica (Curiel, 2020, p. 21, grifo da autora).

O caminho de consciência de Xuela é um ponto de partida essencial para perceber o lugar desse sujeito sempre objetificado pela esfera de exploração colonial. Quando questionamos o sistema social, seja ele opressor ou não, colocamos o benefício de notoriedade sobre para quem esse sistema está beneficiando. Para quem as leis, a economia, a educação, a saúde e a segurança estão sendo oferecidas? A alteridade de Xuela revela-se no ato de questionar e reverberar a voz que tenta ser sufocada: “O que faz o mundo se voltar contra mim e contra todos de aparência como a minha?” (Kincaid, 2020, p. 81). Questionar é uma ação importante para perpetuar a resistência em meio ao silenciamento.

Xuela representa uma voz marginalizada, pois é uma mulher negra em uma sociedade marcada por hierarquias raciais e de gênero. Através da sua narrativa, a personagem evidencia as lutas e experiências das mulheres negras caribenhas, que muitas vezes foram apagadas ou silenciadas pela história dominante. A nova crítica do feminismo decolonial, por exemplo, valoriza essas vozes periféricas e busca resgatar suas histórias e perspectivas para desafiar as narrativas hegemônicas.

O contexto caribenho em que Xuela está imersa adiciona camadas adicionais de dinâmicas coloniais, étnicas e de gênero às suas experiências. Xuela, sendo uma mulher negra caribenha, carrega consigo as marcas de várias formas de opressão. A interseccionalidade, ao abordar a interação entre raça e gênero, permite-nos compreender como sua identidade é moldada pelas interconexões dessas categorias. A narrativa revela que a experiência de Xuela como mulher negra é única e não pode ser reduzida a uma única dimensão.

Além disso, a questão pós-colonial também se entrelaça na história de Xuela. O impacto do colonialismo na sua identidade, sua relação com a língua e cultura impostas pelo colonizador, tudo isso destaca as complexidades que surgem quando várias formas de opressão se encontram. A língua, por exemplo, é um veículo de poder e opressão, como sugerido por Fanon, e Xuela, ao adotar ou rejeitar certos aspectos culturais, reflete uma resistência contra a colonização.

A decolonialidade, nesse contexto, pode ser entendida como a busca de Xuela por autonomia em meio às estruturas coloniais persistentes. Sua história desafia não apenas a narrativa colonial, mas também a narrativa feminina tradicional que frequentemente objetifica e submete as mulheres. Xuela emerge como uma figura que transcende as narrativas predefinidas, desafiando a categorização simplista de mulheres colonizadas.

A interseccionalidade, ao ser aplicada à análise de Xuela, destaca que sua identidade e experiências são moldadas por uma multiplicidade de fatores. Ela não é apenas uma mulher, mas uma mulher negra em um contexto pós-colonial, e sua resistência se manifesta de maneiras intrincadas. A crítica analítica desses conceitos na personagem de Xuela Claudette Richardson não apenas enriquece nossa compreensão da obra, mas também amplia nossa visão sobre como identidade, poder e resistência se entrelaçam de maneiras complexas nas narrativas pós-coloniais e femininas.

Ademais, a obra de Jamaica Kincaid oferece significativamente para a reflexão sobre o papel desse sujeito multifacetado e suas experiências de exclusão passadas e presentes. Ao examinarmos a trajetória de Kincaid e a da própria Xuela, identificamos indivíduo pós-moderno que vem de uma cultura africana, onde a posição da mulher é frequentemente objetificada de maneira mais evidente. Sendo assim, os estudos que denunciam e aprofundam as escritas femininas (no nosso caso do Caribe) contribuem para uma reformulação das narrativas patriarcais no sistema atual:

Nesse sentido, tem fundamental importância o trabalho de resgate da produção literária de autoria feminina, relegada ao esquecimento pela tradição canônica sob o pretexto de consistir numa produção de baixo valor estético em face da chamada alta literatura masculina (Zolin, 2003, p. 328).

O feminismo decolonial, por outro lado, além de proclamar vozes de mulheres racializadas, questiona todos os meios que perpetuam uma ideia de supremacia branca, ou de um suposto feminismo que “atua” em defesa das pluralidades das mulheres. Esse questionamento é feito por Xuela quando, em determinado momento da diegese, ela reflete

sobre esse homem que dita uma verdade que funciona pela ótica dele, que proclama suas ideologias como únicas e corretas, puramente pelo fato de ser homem e branco.

Um homem orgulhoso do tom claro de sua pele o aprecia sobretudo por não ser a realização de um sonho, não ser fruto de nenhum esforço de sua parte: ele nasceu assim, foi abençoado e escolhido para ser desse jeito **e isso lhe dá um privilégio especial na hierarquia de todas as coisas** (Kincaid, 2020, p. 81, grifos nossos).

A observação de Xuela retoma prontamente a concepção de que o mundo tem sido moldado durante um projeto de forças centralizadas que buscam uma higienização dos chamados centros periféricos do globo. A noção de que um sujeito poder mudar a rota de uma nação, interferir no capital e na vida de nativos daquele espaço, está inteiramente conectado às ações de dominação de nações emergentes. Na escrita de homens e mulheres que resistem nesses espaços, aqui em especial da produção de Kincaid, ajuda na denúncia e na propagação do outro lado da moeda nesta parte da história, como é o caso da necessidade de se pensar no feminismo decolonial, que ajuda na reescrita da narrativa colonial.

O feminismo decolonial recupera várias questões importantes do projeto decolonial. A primeira é o conceito de *decolonialidade*. Esse conceito pode ser explicado a partir do entendimento de que com o fim do colonialismo como constituição geo-política e geo-histórica da modernidade ocidental europeia, a divisão internacional do trabalho entre centros e periferias, assim como a hierarquização étnico-racial das populações e a formação dos estados-nação na periferia, não se transformou significativamente. O que acontece, ao contrário, é uma transição do colonialismo moderno à colonialidade global (Curiel, 2020, p. 126).

Através do olhar atento da crítica feminista decolonial, percebemos que Xuela representa uma identidade híbrida, refletindo o impacto do colonialismo na construção da sua subjetividade. Essa complexidade identitária é uma resposta às tentativas de homogeneização cultural, evidenciando como a escrita de mulheres negras caribenhas é atravessada pela luta contra a violência histórica do colonialismo.

Ao adentrarmos na narrativa de *A Autobiografia da Minha Mãe*, podemos observar como a memória e a narrativa se tornam atos de resistência para Xuela. Sua memória coletiva da diáspora africana conecta-a às histórias de opressão e luta por liberdade, permitindo-lhe reconstruir a própria identidade e confrontar as narrativas coloniais que tentam apagar a experiência das mulheres caribenhas.

Assim, sua forma de olhar e sentir o mundo à sua volta rompe com os discursos dominantes, valorizando a pluralidade de vozes e a reconstrução da história das mulheres caribenhas e daquelas e daqueles que possam se conectar com ela. Sua narrativa ressoa com os princípios do feminismo decolonial, destacando os questionamentos desse sujeito que perpetua a força dentro do ato de dominação.

Esse homem se senta sobre um planalto, não no nível do chão, e tudo o que vê – prados férteis, vastas planícies, montanhas altas com tesouros enterrados, mares turbulentos, oceanos serenos – tudo isso ele sabe como uma certeza ferrenha que deve lhe pertencer. O que faz o mundo girar é a pergunta que ele faz quando tudo o que vê está seguro em suas mãos, tão seguro que ele pode deixar de olhar de vez em quando, pode criticar, pode pedir que lhe seja tirado, pode amaldiçoar o momento e que foi concebido e o dia em que nasceu, pode ir dormir à noite e de manhã acordar e tudo o que vê continua segura em suas mãos; e ele pode perguntar outra vez girar, **e então terá a repostagem e ela irá para os livros, e existem inúmeras respostas, todas diferentes, e existem inúmeros homens todos iguais** (Kincaid, 2020, p. 81, grifos nossos).

O olhar crítico da personagem Xuela para o poder centrado no homem que tem o poder do controle das coisas é, em si, uma imagem poética que representa a crítica de Kincaid sobre o feminismo decolonial e colonialidades do poder, do ser e do saber na narrativa. Se por um lado existe a submissão dos corpos negros no pano narrativo, por outro, Xuela busca resistir através de sua autonomia sexual, de suas escolhas pessoais e, principalmente do poder de se reconhecer como um sujeito capaz de narrar sua própria história. Nesse aspecto, não há forças colonizadoras que possam sustentar um plano de dominação, pois a colonização interna é a que sustenta o ser, e Xuela sabe disso. Isso não quer dizer, portanto, que ela não sofra os impactos de tais atos de imposição, já que está em zona de ataque desde o momento que sua mãe morre, quando ela imediatamente é dada aos cuidados de mãe Eunice.

O colonialismo impôs estereótipos e padrões estéticos eurocêntricos que desvalorizaram os corpos negros, relegando-os a uma posição de inferioridade e objetificação. (Vêrges, 2020). No entanto, na narrativa de Kincaid, a personagem Xuela ignora essa subjugação e ressignifica seu corpo como espaço de resistência. “Não reconheci de imediato o que havia acontecido, o que eu tinha feito: embora inconscientemente, embora sem intenção, eu tinha por meio do uso de algumas palavras, mudado minha situação [...]” (Kincaid, 2020, p. 18). Xuela fortalece seu amor-próprio e o sentimento de alteridade para se afirmar e se empoderar, rompendo com as expectativas patriarcais que buscam controlar e restringir a expressão feminina.

Além disso, o corpo negro das mulheres caribenhas é apresentado como um símbolo de resiliência e sobrevivência, quando o conceito do feminismo negro, por exemplo, passa a ganhar força. Ao longo da história, essas mulheres enfrentaram violência, exploração e opressão, mas persistiram e resistiram. Seus corpos se tornam testemunhas dessa luta, carregando as marcas de uma história de resistência e resiliência. É a partir desse pressuposto que se abre para pensar os femininos existentes fora e dentro do pano narrativo, como aponta Djamila Ribeiro em *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018): “Pensar nos feminismos negros é pensar projetos democráticos” (Ribeiro, 2018, p. 7).

As teorias feministas, sobretudo a vertente do feminismo decolonial, por exemplo, destacam a importância de valorizar e celebrar a diversidade de corpos e identidades, rejeitando os padrões impostos pelo colonialismo. Nesse sentido, a obra de Kincaid reivindica o direito das mulheres caribenhas de se apropriarem de seus corpos e de suas histórias, sem a necessidade de se conformarem aos padrões impostos pela cultura dominante, sendo justamente o que Xuela faz: “Falar na minha própria situação, para mim mesma e para os outros, é algo que eu sempre faria dali em diante” (Kincaid, 2020, p. 18).

É importante ressaltar que a resistência dos corpos negros não se limita apenas à esfera individual, ela também se manifesta de maneira coletiva, como uma afirmação da identidade e cultura negra no contexto caribenho pós-colonial. Através de sua escrita, Jamaica Kincaid apresenta a resistência individual de Xuela, extensiva ao coletivo, conectando histórias das mulheres caribenhas e reafirmando a importância dessas mulheres na construção da identidade e história do Caribe.

Kincaid produz suas narrativas de forma geral, dentro de um outro *locus* de enunciação, colocando em xeque discursos eurocentrados, reforçando a importância dessas narrativas. Considerar e reconhecer a importância de tais escritos que emergem da margem para o centro, possibilita que a crítica literária e a forma como compreendemos o mundo amplie a valorização da diversidade social e cultural. O feminismo acaba por ser um instrumento para fortalecer a escrita de mulheres escritoras como Jamaica Kincaid:

[...] o feminismo crítico, erigido sobre o pensamento pós-estruturalista que busca desconstruir a neutralidade que supostamente marcaria a construção do saber revista as categorias instituídas da crítica literária a fim de ampliar as perspectivas de análise; submetê-las a um outro olhar, um olhar capaz de detectar e de desnudar particularidades a que convenção masculina nunca esteve atenta (Zolin, 2003, p. 328).

Dessa maneira, as ideias levantadas sobre os feminismos, com foco para a abordagem decolonial, podem ser observados na enunciação da personagem Xuela Claudette, enquanto agente de uma história que pode ser de muitas e muitos nos rastros deixados pelo esquema colonial. O que podemos fundamentar como principal fator de um revide aos afrontos encarados na vida de Xuela é a razão de sua história ser narrada por ela, em um momento da sua vida que suas decisões são concretizadas por desejos pessoais.

Xuela existe naquele espaço de outremização sendo uma mulher negra, caribenha, esquecida pelos seus, mas que opta por ser importante para si mesma. “Foi assim que me tornei tão extremamente consciente de mim, tão interessada nas minhas necessidades, tão interessada em saciá-las, atenta às minhas mágoas, atenta aos meus prazeres” (Kincaid, 2020. p. 18).

É a partir desse desmembramento que partiremos para a terceira parte desta pesquisa – em como esses meandros teóricos que conversam com a narrativa reforçam a importância de se pensar o lugar da mulher racializada no contexto caribenho. Para além disso, compreenderemos a figura do pai, dos homens com quem Xuela se relacionou e, principalmente, como ela resiste em uma ilha cortada pela mão do colonialismo europeu.



Os dias são longos, os dias são curtos. As noites são vazias; escutam alguma coisa, mas me recuso a me familiarizar com o que ouvem. Ao período de tempo chamado dia professo minha indiferença; é uma vaidade, mas conhecida apenas por mim; tudo que é impessoal eu tornei pessoal (Kincaid, 2020, p. 137).

PARTE III

ANCESTRALIDADE DOS POVOS COLONIZADOS: TECENDO MEMÓRIAS

Nesta parte da tese, apresentaremos a análise da personagem Alfredo, o pai de Xuela, um homem com sangue africano/escocês que abraça a máscara de seu percentual europeu e ignora suas raízes africanas. Há também as personagens com quem Xuela também se relaciona a ajudam a construir uma fortaleza dentro de si mesma. Refletiremos sobre a escrita de Jamaica Kincaid, uma escrita que carrega o conhecimento dos seus ancestrais que foram trazidos nos navios negreiros para o Caribe, onde, nesse espaço do universo ficcional, funde-se com a história de Xuela, o corpo da mulher negra e a forma como a personagem não cede ao sistema predestinado a ela. E, por fim, conversaremos sobre como Xuela Claudette (re)escreve sua narrativa à sombra da ausência e amor da sua mãe.

3.1 PAI: REPRESENTAÇÃO DO SISTEMA COLONIAL CAPITALISTA

Quando abordamos a questão do aborto, normalmente pensamos na ação relacionada ao corpo feminino, envolvendo a decisão, muitas vezes complexa, de prosseguir ou não com a gestação. Essa escolha, longe de ser uma discussão pacífica, tem sido objeto de debates intensos na sociedade contemporânea, especialmente nos últimos anos, com o aumento do conservadorismo em diversas políticas sociais ao redor do mundo. Nesta parte da tese, examinaremos a maneira como o pai de Xuela, um homem de pele clara, mas com ancestralidade africana, optou por não reconhecer sua origem materna proveniente de comunidades exploradas pela ação colonial. Essa escolha traz à tona uma série de problemáticas presentes em comunidades durante e após o período colonial.

Dominica, assim como outras ilhas caribenhas que foram por séculos territórios de países europeus e estadunidenses, como Martinica, enfrentam desafios decorrentes da ausência econômica, imposições de religiões colonizadoras, práticas educacionais alinhadas aos costumes da colônia, apagamento das culturas locais, diáspora dos povos nativos e, como resultado, transformações nas relações entre os habitantes locais. Esses elementos contribuem para a compreensão das complexidades e impactos duradouros do período colonial nessas regiões, refletindo-se em diversas esferas, incluindo as decisões individuais e as dinâmicas

familiares, como no caso da escolha do pai de Xuela em não reconhecer sua herança materna africana.

O pai de Xuela, nesse contexto, emerge como o antagonista no romance de Kincaid, representando, de certa forma, o homem que reproduz o sistema de subalternização concebido nos planos imperiais. Sua visão está constantemente direcionada para a conquista, a infiltração e a exploração de seu próprio povo, evidenciando uma obsessão pelo capital e uma indiferença em relação aos corpos femininos. No caso específico do ato de paternar Xuela, sua primeira filha, fruto de seu primeiro casamento com uma mulher que ele alega ter amado, sua postura é marcada pela falta de afeto e consideração. A morte da esposa durante o parto de Xuela parece simbolizar não apenas a perda da mulher amada, mas também o início de uma relação tumultuada e desprovida de afeto entre o pai e a filha.

Alfredo era o nome do pai de Xuela “[...] o Grande, o rei inglês, um personagem que meu pai deveria desprezar, pois o conheceu não pela língua do poeta, que teria sido a língua da paixão, mas pela língua do conquistador” (Kincaid, 2020, p. 68). Um simulacro (Bhabha, 2013) dos povos exploratórios que invadiram as Antilhas – esse mesmo simulacro é o que coloca o pai de Xuela como um agente que reproduz os caminhos de dominação através da força, da raça e principalmente pelas aquisições financeiras. Assim sendo, uma das estratégias que ele adota para evitar assumir o papel natural de um pai presente para Xuela Claudette é se eximir da responsabilidade de exercer a paternidade. Isso se deve ao fato de que, como filha de um homem que buscava “prosperar” nas terras invadidas de Dominica, Xuela era considerada semelhante aos nativos locais, pertencentes ao povo conquistado. Diante desse contexto, seu pai não via coerência em desempenhar o papel de pai para uma filha que representava a população nativa. Mesmo que ele tentasse protocolar um suposto papel de pai, ela sabia que não era verdadeiro:

Ele acreditava que me amava, mas eu poderia lhe dizer o quanto isso era uma inverdade, poderia listar para ele o número de vezes em que ele havia me posto exatamente nas garras da morte; poderia listar o número de vezes que ele tinha deixado de ser um pai para mim, sua filha órfã de mãe, enquanto estava em seu caminho para se tornar um homem deste mundo. Ele amava, ele amava: amava a si mesmo. Talvez esse seja o jeito de todos os homens. Tenho perdido aquele pequeno receptáculo por meio do qual esperava se perpetuar, ele se tornou o próprio legado. Era seu próprio futuro. Quando morresse, o mundo deixaria de existir (Kincaid, 2020, p. 70).

Apesar das ações e escolhas do pai como agente reprodutor de práticas exploratórias, a narrativa de Xuela sugere que ele, assim como a maioria das personagens na trama, muitas

vezes reproduz ações coloniais como uma forma de sobrevivência. Vale ressaltar que a representação do pai de Xuela não o isenta de ser uma figura opressora na vida das personagens ao seu redor. Ao entregar Xuela ainda criança para ser cuidada por Eunice, ele rompe com a suposta obrigação de assumir a responsabilidade paterna, um conceito mais latente na cultura ocidental, na qual os pais cuidam e educam seus filhos nas fases iniciais da vida (Banditer, 1985).

Mesmo quando criança, vivendo na casa de pessoas desconhecidas, Xuela percebia que a relação com Eunice não poderia substituir o amor que esperava receber de seu pai e mãe. Ela compreendia que Eunice a cuidava em troca de sustento, e que ela precisava de alguém que a cuidasse, para que ela pudesse sentir-se importante naquele *locus*. A partir dessa separação física e emocional imposta por seu pai, Xuela reflete ao longo de sua história que ele representa um sistema colonial que se estende pelos mares e escraviza seu próprio povo.

A pele do meu pai era da cor da corrupção: cobre, ouro, minério; os olhos eram cinzas, o cabelo era vermelho, o nariz longo e estreito; o pai dele era um homem escocês, a mãe do povo africano, e essa distinção entre “homem” e ‘povo’ era uma distinção importante, pois a mente vazia de qualquer coisa que não fosse o sofrimento humano, um rosto igual ao rosto ao seu lado; o outro tinha saído do navio por vontade própria, almejando cumprir um destino, uma visão de si mesmo que trazia na imaginação (Kincaid, 2020, p. 109).

Alfredo era um homem que conheceu o seu pai, mas sabia que o conhecer era superficial – um europeu chamado John Richardson, um homem ruivo que tivera vários filhos com mulheres de todos os lugares onde tinha morado, todos filhos de cabelo vermelho. Xuela relembra que seu pai não falava muito da sua avó paterna, que suas descrições sempre ficavam limitadas ao se lembrar dela. As descrições eram dadas ao seu pai, o escocês de cabelo vermelho que viajava pelas Índias Ocidentais.

Eu sabia disso porque meu pai contava às pessoas que era filho desse homem e descrevia o pai dessa forma, como um homem que tinha morado nesse e naquele lugar e tido filhos todos meninos de cabelo vermelho, e que sempre que via um homem de cabelo vermelho ele sabia que aquele homem era parente dele, e sempre dizia essas coisas com prazer e orgulho e não com ironia ou amargura ou tristeza pelo rastro de miséria que esse bêbado da Escócia havia deixado seu enlaço. Eu não tinha cabelo vermelho, não era homem. (Kincaid, 2020, p. 110).

A reflexão de Xuela com relação ao seu avô a quem nunca conheceu, é de uma defensiva compreensível de uma mulher que cresce em uma esfera agressiva com mulheres

que são abandonadas pelos seus maridos, pais e irmãos. Reconhecer que John Richardson era apenas um viajante que fazia parte do esquema colonial europeu, acentua o protagonismo não apenas intelectual de Xuela, mas também humano da personagem. Xuela era capaz de compreender que as chances eram mais altas.

Outro ponto, portanto, está no reconhecimento de Alfredo em ver seu pai com orgulho pelos atos e pela forma como poderia ser um agente importante e necessário para aquele meio, na qual, Fanon (2003) reconhece dois fatores esse movimento de supervalorização do homem colonizado para com o homem colonizador; abordando as duas distintas características comportamentais do negro, que resultam de uma ideologia colonial. Isso se reflete na sua atitude ao se relacionar com outro negro (no caso do romance aqui estudado, essa relação é tanto para homens quanto para as mulheres racializadas) e, de modo diferente, com um homem branco. A argumentação central é que, ao possuir uma linguagem, o indivíduo carrega consigo um universo de significados e culturas intrinsecamente ligados a essa ideologia. Fanon exemplifica isso ao destacar a aproximação do homem negro antilhano em relação ao homem branco, especialmente quando o primeiro adota a língua francesa²⁰ como meio de comunicação.

Além das Antilhas, Fanon amplia seu argumento ao afirmar que qualquer população que teve sua língua e cultura objetificadas por uma nação colonizadora (Inglaterra e França, no caso do romance) encontra na apropriação da linguagem da metrópole uma maneira de se distanciar do estado de selvageria que caracterizava sua condição antes do estabelecimento do processo colonial buscando, assim, aproximar-se do ideal de humanidade. Por fim, Fanon ainda indaga sobre o motivo pelo qual os antilhanos que retornam de uma temporada na França frequentemente exibem uma atitude de superioridade, criticando sua língua materna e os costumes de sua sociedade original.

A partir dos pensamentos de Fanon, pode-se compreender que o pai de Xuela pode ser analisado à luz dos estudos da neurose do sujeito colonizado. Ainda no contexto da narrativa, a mãe de Alfredo morre um tempo depois que seu pai não volta mais para casa quando sai pela última vez para navegações, e nunca souberam exatamente seu paradeiro: “John Richardson acabou desaparecido em um temporal no mar, um acontecimento conveniente, pois eu não ficaria surpresa se soubesse que ele tinha afinal voltado para Escócia, onde tinha mais filhos, todos eles meninos de cabelo vermelho de uma textura diferente.” (Kincaid, 2020, p.110). A contar dos momentos que Alfredo se vê na ausência de seu pai escocês que ele passa a assumir

²⁰ É necessário destacar que o francês e o inglês eram as duas línguas que predominavam durante e depois o período colonial em Dominica. A questão de aprimoração da língua do Outro, fortalece ainda mais a aproximação de um conceito de elite.

a “verdade” trazida do outro lado do oceano, a ideia de que o mundo era dividido em conquistadores e conquistados. Ele não comparece ao velório de sua mãe, pois acabara de se tornar policial, e a ideia de poder e força contra os seus passava a sustentar a idealização de dominação e, principalmente, por ser um homem fisicamente distinto dos nativos de Dominica, como descreve Xuela:

(...) ele era policial em St, Kitts e já estava a caminho de estabelecer sua pequena dinastia de meninos de cabelos vermelhos; ainda não havia se casado. Era alto, e segundo um padrão que não o meu era considerado muito bonito; todas as roupas que usava lhe caíam bem; ficava muito bonito; todas as roupas que usava lhe caíam bem; ficava muito bem de uniforme, ficava muito bem no terno de linho com que ia à igreja aos domingos; era um homem vaidoso, tão vaidoso que havia se adestrado para não lançar olhares furtivos para o próprio reflexo em público; acredito que ele tenha passado muito tempo no quarto com a porta trancada ensaiando várias poses que faria em público, enquanto a família achava que estava preparando a lição para a escola dominical; **era um homem ambicioso gostava de fazer as coisas bem e não gostava que seus esforços passassem despercebidos** (Kincaid, 2020, p. 110 [grifo nosso]).

A concepção de poder de Alfredo e sua relação com o dinheiro destacavam-se como o vínculo mais crucial. Por outro lado, a preferência do pai de Xuela pelo dinheiro resultava no esquecimento de sua primogênita. Assim, quando abordamos na primeira parte deste trabalho o conceito de "deslocamento emergente afetivo" praticado por Xuela, encontramos em seu pai um homem obcecado pelo poder financeiro, constituindo o primeiro ato de distanciamento em sua busca pelo amor que esperava encontrar nele, mas que inexistia.

Existir em um espaço alienado pode ser caracterizado como uma sequência traumática de situações que abrangem, desde abusos físicos, sexuais e emocionais, até o esquecimento, como é o caso de Xuela. Toda a estrutura familiar de Xuela, ou a possibilidade de uma futura família, desmorona no momento em que seu pai demonstra desinteresse em tê-la por perto. É por essa razão que sua madrasta deseja a morte de Xuela, enquanto sua irmã Elizabeth a enxerga como uma mulher desfavorecida que seu pai a relega aos LaBatte – tornar-se um fardo dentro de casa muitas vezes provoca a necessidade de fugir.

A escolha de Alfredo, o pai, recai sobre o dinheiro. Xuela, portanto, realiza um movimento contrário às pessoas que supostamente deveriam amá-la, buscando maneiras de pertencer a alguém, a si mesma e ao lugar que costumava chamar de lar. É crucial destacar que a ausência de sua mãe será perpetuamente marcada por uma dor que Xuela nunca saberá se poderá ser ou não suprimida pelas aflições que ela enfrenta como uma mulher esquecida pelos

seus. O deslocamento emergente escolhido por Xuela começa imediatamente quando ela percebe que não pertence ao seu pai, a quem esperava amar na ausência de sua mãe.

Eu não conhecia meu pai; não sabia de onde ele era e de quem ou do que gostava; não conhecia a terra em cuja superfície eu havia acabado de entrar no lombo de um animal; não sabia quem eu era nem por que estava parada ali naquele cômodo para propósitos ocasionais com a lamparina (Kincaid, 2020, p. 21).

Ao refletir sobre sua inexistente relação com o pai, Xuela compreende que as escolhas dele eram um reflexo interminável de alguém incapaz de amar aquela filha. A ausência desse amor, o que poderíamos chamar de um amor esperado, é a ferida que mina em dor a vida da protagonista deste romance. Xuela deixa a casa de Eunice, parte da casa de seu pai com a irmã e a madrasta maltratando-a, transita pela casa de franceses que tentam transformá-la em uma empregada em troca de um lugar para dormir, até o momento em que tem autonomia para construir sua própria narrativa. Todo esse percurso desafiador de Xuela não se dá pela sua solidão no mundo, sem uma família. Acontece porque não há o retorno paterno, o amor que ela espera receber do pai que se ausenta em busca de prosperidade financeira e social.

No rosto ele, entretanto, havia aquela máscara; era a mesma máscara que usava para roubar tudo o que havia restado a um desventurado que já tinha perdido tanto. Era a mesma máscara que usava quando levava um acontecimento, independente da verdade, a um fim que o beneficiasse. E mesmo agora, de pé à minha frente, ele não usava roupas de pai: usava uniforme de carcereiro, estava com roupa de policial (Kincaid, 2020, p. 56).

Ciente das escolhas de seu pai, Xuela compreende que Alfredo representa seus temores, uma encarnação da ancestralidade apagada pelo ferro, fogo e chicote, das vozes silenciadas pelo poder eurocêntrico. A máscara que ele usa é a mesma que castiga e penaliza aquele que é marginalizado nas adversidades da colonialidade. Para refletirmos sobre essa ancestralidade negligenciada que buscava sobreviver em meio ao sufocamento das imposições da cultura centralizada, foi necessário compreender o extermínio que marcou a história desses povos. Marc A. Hertzman, professor de História da Universidade de Illinois, abordou o tema em *Diferenças fatais: suicídio, raça e trabalho forçado nas Américas* (2017), explorando o extermínio e suicídio das populações africanas, latino-americanas nativas do norte e sul, confirmando que o Caribe foi, inegavelmente, a região mais impactada pela força colonial. “As referências ao suicídio africano são muito mais numerosas do que ao nativo, embora o Caribe forneça uma exceção macabra” (Hertzman, 2017, p. 10).

Marc, entretanto, continua seu pensamento:

Lá, os indígenas pereceram notavelmente depressa, até mesmo para os terríveis padrões de conquista. Essa realidade brutal facilitou a especulação imaginativa que tanto foi, de longe, projetada para a América Latina, quanto gerada a partir de dentro. O historiador britânico (e colonialista e supremacista branco) James Froude escreveu em 1868 que as ilhas caribenhas inteiras “ficaram literalmente desoladas pelo suicídio”. Juan Pérez de la Riva, demógrafo cubano do século XX, estimou que até um terço dos habitantes pré-colombianos da ilha se mataram depois da chegada dos europeus. Esse número, impossível de ser verificado, é um bom exemplo de como os observadores costumam tornar os aspectos intrinsecamente ilusórios do suicídio tão concretos e prontamente reconhecíveis. Nem Froude, nem Riva, fornecem muitas pistas sobre fontes ou evidências, ao contrário, simplesmente consideram o suicídio uma explicação óbvia para a dizimação colonial (Hertzman, 2017, p. 11).

Portanto, é por meio desse contexto histórico que se delinea a construção das identidades dos povos caribenhos. A revelação proporcionada pelo historiador contribui para traçar a ancestralidade do povo de Xuela. Toda a melancolia e a persistente percepção do espaço como cruel e opressor na história de Xuela refletem uma narrativa constante de sofrimento e morte, sendo a última provocada pelos próprios para resistir e sobreviver em meio ao apagamento histórico. Xuela Claudette é consciente desse processo de destruição de seu povo e compreende que um dos poucos ainda restantes era sua mãe.

Da primeira vez que meu pai passou a mão na pele da minha mãe – a pele do rosto, a pele das pernas, a pele entre as pernas, a pele dos braços, a pele das axilas, a pele das costas, a pele abaixo das costas, a pele dos seios, a pele abaixo dos seios – não teria associado a textura ao cetim ou à seda, pois nenhuma preciosidade e beleza extraordinária lhe haviam sido atribuídas; a cor de sua pele – marrom, o laranja intenso de um poente antigo – não era resultado de um encontro fatídico entre conquistador e derrotado, tristeza e desespero, vaidade e humilhação; apenas existia, um fato imperturbável: ele era do povo caraíba. Ele não teria perguntado, Quem é o povo caraíba?, ou, mais precisamente, Quem era o povo caraíba?, **pois ele já não existia, estava extinto, só havia algumas centenas ainda vivos, minha mãe era um deles, era os últimos sobreviventes. Eram como fósseis vivos, o lugar deles era no museu, numa prateleira, encerrados em um mostruário de vidro** (Kincaid, 2020, p. 118 e 119, grifos nossos).

O extermínio do povo caribenho resultou na inexistência de uma história, de uma ideologia, de costumes e narrativas. Tanto os escravos trazidos da África quanto os nativos nas Antilhas, sem saberem como reagir aos planos de exploração e conscientes da anulação de suas liberdades, encontraram no suicídio uma forma de contra-atacar seus exploradores. A

perspectiva patológica adotada pelos colonizadores em relação aos nativos obrigados a atravessar o Atlântico começou a ser reinterpretada como um ato de resistência. Para muitos desses indivíduos, morrer tornou-se uma forma de libertação diante da prisão imposta pelo trabalho forçado. Conscientes de que tirar a própria vida representava uma rota mais libertadora, escravizados e nativos das ilhas do Caribe compreendiam que, ao morrerem, causariam prejuízo financeiro aos seus opressores. Essa consciência, de que ao tomar suas próprias vidas poderiam impactar os exploradores, demonstrava uma estratégia de desmantelamento ou, pelo menos, desestruturação dos planos de navegação.

A autodestruição dos escravos não era um sinal de fragilidade, mas um marcador de agressão patológica e um obstáculo à produção: em contraste com os nativos que se renderam à morte, os africanos a apreenderam e, no processo, diminuíram a riqueza de seus senhores (Hertzman, 2017, p. 13).

Como mencionado anteriormente, a consciência dos escritores e escritoras caribenhos ao abordar a crueldade infligida a seus povos destaca a importância vital de obras como as de Jamaica Kincaid. Isso reforça a necessidade imperativa de pesquisas que aprofundem a compreensão dessas narrativas e busquem entender o que manteve vivo os requisitos desses povos. Édouard Glissant propõe que a ideia de criouliização surge neste contexto da resistência conflituosa entre europeus e nativos do Caribe. A partir desse ponto, essa resistência começa a se fortalecer por meio da literatura, oralidade e história de um povo que caminhava em direção ao esquecimento. Portanto, é esse hibridismo que entrelaça a identidade das comunidades anteriormente dizimadas. “A identidade-relação está ligada, não a uma criação do mundo, mas à vivência consciente e contraditória dos contatos entre culturas” (Glissant, 2011, p. 139).

É através desse cenário que vinha sendo construído a memória do povo caribenho quando Alfredo casou-se com a mãe de Xuela e, logo após a morte dela, impulsionou o esquema para enriquecer às custas do seu próprio povo. Casou-se com a madrasta de Xuela, “seu casamento com a atual esposa, que não amava por quem ela era, mas pelas relações e pela riqueza de sua família” (Kincaid, 2020, p. 66); deixou Xuela aos cuidados de Eunice, teve dois filhos a quem não amava, porém assumiu a responsabilidade de cuidá-los (diferente de Xuela) e, por fim, começou a ter contato com homens europeus que moravam em Roseau com a intenção de incorporar os costumes colonizadores – a exemplo dos LaBatte. “Para ganhar poder se tornara ele, e à medida que ganhava mais poder, não ficava gordo ou desleixado, ficou elegante, bem-talhado. Era preciso olhar nos olhos dele para ver do que ele era feito (...)” (Kincaid, 2020, p. 63).

A transformação de um homem simples começava a se dissipar, Alfredo assumiu a máscara do colonizador, abraçou a herança genética da pele mais clara herdada do pai escocês, ignorou a africanidade de sua mãe e sua ancestralidade do seu povo. O que viria depois era uma nova história que Alfredo ajudaria a escrever por cima das narrativas que foram engolidas pelo processo de exploração colonial.

(...) a essa altura já era um homem riquíssimo. Isso era incomum para um homem de sua posição, um nativo; isto é, um homem que por laços de sangue é associado ao povo africano. Sua riqueza era um espanto para outros povos que poderiam ser rotulados de nativos. Esses outros povos, os nativos, tinham se afundado em questões de justiça e injustiça, e haviam se apegado a reivindicações de herança ancestral, e às indignidades através das quais haviam chegado àquelas ilhas, como se elas tivessem importância, importância de verdade. Não para o meu pai. Ele tinha sua opinião sobre as coisas, sobre a história, sobre o tempo, como se tivesse vivido por muitas eras, e o que talvez tivesse percebido era que no curto prazo tudo importava e no longo prazo nada importava. Tudo acabaria em nada, em morte, como se você nunca tivesse existido, e não importava o quanto sua presença fosse gloriosa e em um momento qualquer ninguém se importasse a ponto de morrer por ela, a ponto de viver por ela, ela não tinha importância alguma. (Kincaid, 2020, p.72 e 73).

Alfredo representa um tipo específico de colonizador dentro da narrativa. Sua obsessão pelo poder financeiro e social, simbolizada por sua busca incessante por "prosperar" em meio às terras invadidas de Dominica, espelha os valores e a mentalidade do colonizador que busca explorar e extrair riquezas de terras colonizadas. Ele internaliza os ideais coloniais de ascensão social, muitas vezes às custas dos povos nativos e de sua própria filha. "Meu pai rejeitou as complicações dos derrotados; optou pela tranquilidade dos vencedores" (Kincaid, 2020, p. 112).

A relação entre Xuela e Alfredo também pode ser entendida com temas mais amplos relacionados ao impacto da colonização nas dinâmicas familiares. É justamente essa dinâmica que reflete a dificuldade das famílias que se desfazem pelo modelo inalcançável de um sistema capitalista, principalmente quando tentam resgatar suas ancestralidades durante e pós o período de exploração. O exemplo da entrega de Xuela ser ignorada por todos reflete a desestruturação das famílias nativas caribenhas causada pela colonização e as escolhas feitas em prol dos interesses individuais, muitas vezes em detrimento das relações familiares tradicionais. Portanto, Alfredo não é apenas um pai ausente, mas uma representação simbólica do impacto da colonização nas vidas individuais e familiares dos povos caribenhos. Ele personifica as complexidades das relações entre colonizadores e colonizados, abordando questões de poder,

exploração e deslocamento, e contribui para a reflexão sobre as heranças culturais e traumas causados pela colonização na região do Caribe. E, para além de tal reflexão, Alfredo era, em seu corpo físico descrito por Xuela, a geografia daquelas ilhas exploradas. O Caribe havia se tornado o Outro pela força das explorações e transparecia no corpo de Alfredo.

Seu rosto ficou redondo e grande, enchendo o cômodo inteiro, de uma ponta a outra: seu rosto era como um mapa mundo, como se tivessem tirado um globo do canto escuro de uma sala de estar (ele tinha essas coisas: um globo, uma sala de estar) e sua costura principal tivesse sido rasgada e o globo tivesse sido exposto aberto, plano. As bochechas eram dois continentes separados por dois mares que se juntavam a um oceano (seu nariz); os olhos cinza eram vulcões insondáveis e adormecidos; entre o nariz e a boca ficava o equador; as orelhas eram os horizontes, e ultrapassá-los era cair na escuridão densa do nada; a testa era uma cadeia de montanhas conhecidas por serem traiçoeiras; o queixo era a região das estepes e desertos. Cada área tinha a coloração adequada: o continente era uma coleção de amarelos-claros e azuis e malvas e rosas, com linhas finas vermelhas correndo em todas as direções como se para confundir; as águas azuis, as montanhas verdes, os desertos e estepes marrons. Eu não conhecia esse mundo, só tinha conhecido alguns de seus habitantes (Kincaid, 2020, p. 57).

Embora a narrativa se desenrole durante o período colonial, aproximadamente de 1950 a 1970, a independência de Dominica só ocorreu em 1978. No entanto, é crucial ressaltar que os Estados Unidos, em conjunto com outros países europeus, ingressou na competição para reconfigurar um imperialismo contemporâneo sobre os povos caribenhos. Portanto, a última lembrança que Xuela guarda de seu pai reitera a representação desse sistema explorador e capitalista que elaborou estratégias a partir de um esquema colonial.

Ainda quando criança, das poucas vezes que Xuela estava com seu pai, ela o observa como um homem diferente daqueles que transitavam por Roseau, marcadas por uma história impostas a eles. Já um homem com posses, controlava seus bens negando para os nativos que sempre o procuravam pedindo ajuda em meio à pobreza da ilha. Xuela observava a ganância de seu pai, as escolhas egoístas de pessoas que, em determinado momento, ele ajudou a explorar e descentralizar.

“[...] ele passou a desprezar todos os que se comportavam como o povo africano: não todos os que aparentavam fazer parte dele, somente aqueles que se comportavam como tal, todos os derrotados, condenados, subjugados, pobres, doentes, de cabeça baixa, a mente obscurecida pela crueldade” (Kincaid, 2020, p. 112).

Ciente da decisão de seu pai, Xuela recorda o momento em que um coveiro chamado Lazarus chegou à casa de Alfredo. Consciente das posses de Alfredo, Lazarus solicitou pregos para concluir a construção de sua casa: “sua casa era uma pequena estrutura de pinho pintada de vermelho e amarelo e tinha sido destruída por um furacão dois anos antes;” (Kincaid, 2020, p. 113). Os nativos que viviam em situações desprovidas recebiam do governo colonial materiais de construção para reerguer suas casas depois de tempestades fortes passarem pela ilha, contudo, os materiais não eram de boa qualidade. Desta forma, essas pessoas recorriam aos sujeitos mais providos de materiais ou que pudessem ajudar com dinheiro. Alfredo, entretanto, objetificava ainda mais essa comunidade excluída. Segundo Xuela: “quando mais incapaz a pessoa era de pagar, quanto necessitada, mais ele cobrava. Lazarus era uma pessoa dessas, mais incapaz de pagar e mais necessitada” (Kincaid, 2020, p. 113). A reflexão de Xuela continua:

quando Lazarus pediu os pregos ao meu pai para finalizar o telhado da casa, dentro do meu pai a batalha entre o homem com nacionalidade e a horda havia sido resolvida fazia muito tempo, o homem com nacionalidade havia triunfado com antes e meu pai disse a Lazarus que tinha lhe restado prego algum (Kincaid, 2020, p. 113).

Xuela ainda criança sabia que tinham vários barris de pregos no galpão no fundo da casa de seu pai e, achando que seu pai não estivesse lembrando dos pregos, disse na frente de Lazarus que havia muitos deles guardado. Alfredo negou novamente que tinha pregos. E, naquele momento, ela entende que fazia sentido o pai deixá-la na casa de outra pessoa e mentir para outra pessoa que estava aflita precisando de ajuda quando ele poderia ajudar. O pai de Xuela era, para além da crueldade de suas decisões, a representação do sistema colonial capitalista.

Depois que Lazarus foi embora, sem os pregos que fora buscar, sem os pregos de que precisava, meu pai me segurou pela parte de trás da gola do vestido e me arrastou casa afora até o barracão onde ficava o barril de pregos, e enfiou minha cara no barril de pregos, dizendo ao mesmo tempo no patoá francês, “Agora você já sabe onde estão os pregos, agora você sabe de verdade onde estão os pregos”. **Falava em patoá, francês ou inglês apenas com a família ou com pessoas que conheciam desde menino, e eu associava o fato dele falar patoá com manifestações de sua personalidade verdadeira, e então sabia que essa dor que ele estava me causando, esse ato de me sufocar no barril de pregos, era um sentimento genuíno.** Ele empurrou minha cabeça uma última vez e me largou rapidamente. Foi se sentar no cômodo com vista para o mar, o cômodo sem propósito real, de tão infrequente que era seu uso; a superfície do mar do estava calma, e enquanto a olhava ele tirava cero do ouvido e comia (Kincaid, 2020, p. 114, grifos nossos).

Há três pontos a serem pensados nesta passagem: o primeiro, obviamente, é sua recusa em ajudar o homem que contradiz a suposta preocupação com a inclusão do povo caribenho, revelando uma hipocrisia subjacente em suas ações. Essa situação destaca a desconexão entre as palavras e as ações de Alfredo, sugerindo que suas intenções altruístas podem ser superficiais ou motivadas por interesses egoístas. Em outras palavras, Alfredo contribui para o apagamento do seu próprio povo.

O segundo ponto é a reação subsequente de Xuela ao revelar onde estão os pregos e ser punida por isso, pois adiciona uma camada de complexidade à construção da imagem de Alfredo. A punição de Xuela é um reflexo da mentalidade do colonizador que deseja manter o controle sobre a informação e os recursos. Alfredo parece mais preocupado em manter o poder e a autoridade do que em verdadeiramente ajudar a comunidade caribenha. Essa passagem contribui para a caracterização de Alfredo como um homem que reproduz as dinâmicas coloniais dentro de sua própria casa, usando seu poder para controlar e manter o *status quo*. Ela também destaca a vulnerabilidade de Xuela, mesmo em sua infância, diante das complexidades das relações familiares em um contexto de colonização.

E, por fim, a complexidade do uso da língua como um elo identitário para os povos que viram suas línguas nativas sendo suprimidas em prol da adoção de idiomas considerados prestigiosos, como o inglês e o francês. Esse processo de apagamento é análogo ao que ocorreu e ainda persiste com as línguas indígenas no Brasil, por exemplo. A denominada "língua do poder" em nações impactadas pela colonização é frequentemente aquela imposta e introduzida nesse novo contexto. Alfredo está ciente disso; ele compreende que ao se comunicar com outras pessoas em Dominica, ele adotará a língua do "Outro" como uma estratégia de camuflagem, de aproximação, buscando pertencer ao mundo que almeja fazer parte.

No entanto, é nos momentos de conflito, quando confrontado com aqueles a quem ele pode negar, mas aos quais existe uma conexão ancestral, que Alfredo recorre à sua língua materna, ao idioma que pertence à história daquele povo do qual ele também faz parte. Ele reconhece que Xuela compreende o impacto de ouvir seu pai, um homem que nega suas raízes tanto em sua postura quanto em sua fala, adotando a língua de sua ancestralidade para puni-la. Isso porque desejava que a dor de Xuela fosse genuína, assim como o idioma de seus antepassados.

Muitos dos povos colonizados usam a estratégia de se aculturar, mesmo que momentaneamente por meio da imitação, revelando uma tática inteligente de sobrevivência. Apesar disso, o compromisso em permanecer fiel à sua nação é uma resposta individual à

diáspora vivenciada por essas nações. Entretanto, o pai de Xuela, como apontado, usa essa estratégia para reproduzir o plano de (neo)exploração. Hall (2003) explora como o indivíduo, impactado pela diáspora, passa por transformações significativas ao longo do processo de deslocamento. Ao reconhecer a necessidade de abordar o sujeito que enfrenta a diáspora e a neocolonização, e que procura superar obstáculos para afirmar sua ideologia, observa-se que esse (neo)colonizado pode ser/é o sujeito pós-moderno. Esse indivíduo busca incessantemente afirmar sua identidade na sociedade, denunciar a segregação e marginalização de certos grupos sociais, e almeja libertar-se do limbo imposto pelo discurso do poder.

Trata-se, é claro, de uma concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens (Hall, 2003, p. 29).

A jornada de Xuela em busca do autoconhecimento de suas origens se inicia no exato momento em que ela se percebe sozinha no mundo, mesmo com Alfredo próximo. Em um local destinado à aniquilação, onde as histórias de homens, mulheres e crianças racializadas são apagadas, surge a necessidade de reconhecimento. A morte de Alfredo ocorre após ele ter se alinhado aos "vencedores" e deixado a imagem de um homem que personificou a benevolência para Dominica. Essa ironia não passa despercebida por Xuela:

Meu pai demorou muito a morrer. Sentiu muita dor e seu sofrimento quase me fez acreditar em justiça, mas só quase, pois existem muitos erros que nunca podem ser corrigidos, o passado no mundo que conheço é irreversível. Não se importava de morrer, ele disse. Era muito comovente o modo como falava da vida que havia tido. Eu não reconhecia a vida que ele havia tido quando ele falava dela; tampouco me comovi. (...) Todas as pessoas de quem havia roubado bens materiais estavam mortas ou quase; todas as pessoas que haviam lhe roubado bens materiais, que haviam frustrado suas tentativas de se tornar um ser humano, estavam mortas ou morreriam mais cedo ou mais tarde. Porém, enquanto ele agonizava, ele via o enorme volume de terras que tinha adquirido, cada centímetro de solo vulcânico fértil coberto por alguma plantação valiosa: café, baunilha, toranjeiras, pés de limão-galego, limoeiros, bananas. Ele tinha várias casas em Roseau, e no final de cada mês um homem meio morto – pois meu pai, perto do fim da vida, tinha os próprios capangas e subordinados que trabalhavam para ele - lhe trazia o aluguel coletado os inquilinos que às vezes não tinham o que comer. Ele morreu rico e não acreditava que isso o impediria de cruzar os portões do lugar que chamava de paraíso (Kincaid, 2020, p. 126).

A agonizante trajetória final de Alfredo quase suscita a crença em justiça para Xuela. Contudo, essa sensação é passageira, pois há erros irreversíveis no passado, um passado marcado pela ação do pai em Dominica. Esse retrato de Alfredo ressalta não apenas a acumulação de riqueza à custa da exploração, mas também sua cegueira moral e a ausência de remorso pelos danos causados. Sua morte, paradoxalmente, não representa uma punição justa pelos atos cometidos, refletindo a complexidade das consequências históricas e a permanência das cicatrizes deixadas pelo colonialismo.

Fora do pano narrativo, observamos que a passagem final de Alfredo pode ser costurada à realidade causada ao colonialismo caribenho, da exploração dos corpos racializados, das divisões de gêneros aqui já observadas e da invasão geográfica a exemplo de: 1. exploração e desigualdade econômica: a descrição das plantações e propriedades de Alfredo conquistadas à custa da exploração e opressão ecoa temas contemporâneos sobre desigualdade econômica. Em muitas partes do mundo, a concentração de terras e recursos nas mãos de alguns perpetua disparidades socioeconômicas, levantando questões sobre justiça e ética; 2. ambição e cegueira moral: a visão de Alfredo sobre sua vida e suas conquistas, mesmo à beira da morte, destaca a ambição desenfreada e a cegueira moral que podem caracterizar indivíduos e sistemas contemporâneos. A busca incessante por riqueza muitas vezes obscurece a visão ética, levando a decisões prejudiciais; 3. impacto ambiental: a menção de plantações como café e outras culturas pode ser interpretada à luz das preocupações contemporâneas sobre o impacto ambiental da agricultura intensiva e monoculturas. Isso pode ecoar debates sobre sustentabilidade e práticas agrícolas responsáveis; 4. consequências históricas duradouras: a narrativa sublinha a ideia de que há erros irreversíveis e cicatrizes deixadas pelo passado. Isso ressoa com a compreensão contemporânea de que as ações históricas, como o colonialismo, têm efeitos duradouros e moldam as realidades atuais, incluindo questões de justiça social; 5. alegoria para o neocolonialismo: a persistência do poder e da riqueza nas mãos de Alfredo, apesar de seus métodos questionáveis, pode ser interpretada como uma alegoria para práticas neocoloniais. Isso pode sugerir uma reflexão sobre como estruturas de poder históricas ainda influenciam dinâmicas sociais e econômicas contemporâneas.

Por fim, o que sobrou a Xuela foi a memória e dor de um pai que foi o espelho do conquistador, que subjugou e decidiu em algum momento da história que a sua verdade deveria prevalecer sob a verdade de outros povos. E, mesmo sabendo que ele não teria sido um bom homem, em determinado momento, lembrando a sua história, Xuela confessa uma falta injustificável:

Meu pai pôde me proteger; mas não fez isso. Acredito que, na verdade, ele tenha me botado bem cedo na boca da morte. Como escapei eu não consigo entender. Eu não amava meu pai, passei a não amar meu pai, e senti falta de sua presença, do irritante que era esse amor sem amor. Ele morreu (Kincaid, 2020, p. 126).

Xuela escolheu as vestimentas para o sepultamento de seu pai, e sua irmã, Elizabeth, ainda viva, mas confinada à cama, não contestou a escolha da irmã mais velha. O percurso de Xuela ao lado de seu pai pode ser interpretado como um trajeto físico e emocional, mas também como uma representação do ressentimento persistente que ele nutria, considerando sempre a filha mais velha como responsável pela morte de sua primeira esposa: “Minha mãe morreu quando eu nasci, incapaz de se proteger em um mundo cruel além do que se pode imaginar, incapaz de me proteger” (Kincaid, 2020, p. 126).

A inviabilidade emocional de um sujeito à margem, mas compelido a se infiltrar no centro, é uma consequência de sobrevivência. Alfredo não apenas personifica o capitalismo predatório, exclui e elimina os menos favorecidos, mas também é uma representação da traição aos povos originários mortos, explorados e apagados das ilhas Caribenhas. “Todas as coisas que o haviam agradado, os frutos de suas más ações, já não tinham importância; seus atos eram como uma onda com seu efeito dominó, relevantes apenas para as pessoas na costa que não conseguiam evitar que seus pés se molhassem” (Kincaid, 2020, p. 127).

3.2 SEXUALIDADE E OPRESSÃO: OPÇÃO PELO DESEJO DE SENTIR

Xuela Claudette é uma personagem que desafia o padrão das narrativas pós-coloniais, nas quais as personagens frequentemente estão imersas em sofrimento, dor, abuso e exploração emocional, física e sexual. Esta constatação é um dos pontos que nos trouxe a escolha de compreender, aprofundar e analisar não apenas a escrita literária de Jamaica Kincaid, mas, principalmente, a alteridade²¹ de Xuela Claudette. A percepção da personagem em relação à Dominica como uma terra devastada pela colonização, a disparidade de poder entre homens e mulheres, e a posição das pessoas racializadas como conquistadas em vez de conquistadoras tornam Xuela um ponto de reflexão intrigante. Diante disso, surge a indagação sobre por que Xuela não se rende aos impactos da colonização e aos seus efeitos.

²¹ *Alteridade* (lat. *Alteritas*) significa ser o outro, ser diferente, manter diversidade. (...) De fato, a construção da identidade do sujeito colonizador está intimamente ligada à alteridade do outro colonizado. Além disso, o que Said (1995) diz sobre a “centralidade da cultura imperial”, se aplica a um fenômeno existente na Teoria Pós-colonial: “centro” (o colonizador) pretende falar em nome da humanidade (colonizador e colonizado), está solapando seu compromisso para defender a diferença e a alteridade (Bonnici, 2005, p. 14 e 15).

O ponto crucial reside na própria confirmação de Xuela de que a maior dor que alguém pode experimentar no mundo é quando se nasce e a mãe morre. A morte de sua mãe representa uma virada fundamental na maneira como ela se percebe e é percebida pelas outras personagens na obra. Para Xuela, como uma criança, a ausência de sua mãe significa que a maior dor já foi vivenciada, e qualquer sofrimento futuro não se pode comparar. A partir desse momento, Xuela não sucumbe facilmente aos efeitos colaterais de ações específicas, diferenciando-se das mulheres que, consciente ou inconscientemente, optam por menosprezar umas às outras em busca de reconhecimento e pertencimento perante os homens. Esse menosprezo coloca Xuela no centro de uma narrativa que historicamente exclui as vozes das mulheres racializadas.

Ao resistir, para além de se amar como ela é e da forma que ela vem ao mundo, Xuela protagoniza em si mesma o seu amor-próprio: “Ninguém me observou e testemunhou, eu observei e testemunhei a mim mesma; a corrente invisível saía e voltava para mim. Passei a me amar por rebeldia, por desespero, porque não havia mais nada” (Kincaid, 2020, p. 38). Todavia, ela é consciente das consequências do vazio que existe nela, das dores que carrega e a solidão das escolhas que ela toma por ir contra o sistema de como uma mulher deveria se portar em Dominica. “Esse amor basta, mas apenas basta, não é o melhor: tem o gosto de uma coisa que ficou muito tempo demais na prateleira e estragou, e que revira o estômago quando é comida” (Kincaid, 2020, p. 38).

Em uma busca por preencher o vazio existencial, Xuela se depara com o desafio de superar o sistema colonial capitalista, optando por não se render a ele. Nesse contexto, ela descobre em seu próprio corpo um meio de compreender-se como mulher, onde sua sexualidade e desejo tornam-se elementos cruciais para essa jornada de autoconhecimento. Xuela, em determinado ponto, encontra-se em processo de osmose sinestésica com Dominica, com a natureza daquele espaço – fundindo-se entre as montanhas, o mar e o seu corpo:

E às vezes, quando a noite estava completamente inerte e completamente escura, eu ouvia, lá fora, o longo suspiro de alguém a caminho da eternidade; e isso, por mais estranho que possa parecer, perturbava a paz turbulenta de tudo que era real: os cachorros adormecidos sob as casas, as galinhas nas árvores, as próprias árvores balançando, não de um jeito que parecesse que fossem se soltar de suas raízes, apenas um balanço, como se quisessem ter o poder de fugir (...) seguindo pela saciedade passageira dos que devoraram: tudo isso eu ouvia noite após noite, inúmeras vezes. E acabava só depois que minhas mãos subiam e desciam pelo meu corpo, inteiro em uma carícia amorosa, chegando por fim ao ponto macio, úmido, entre minhas pernas, e um suspiro de prazer escapava dos meus lábios e eu não deixava ninguém ouvir (Kincaid, 2020, p. 31).

Durante o percurso narrativo, Xuela se relaciona com três homens: Monsieur LaBatte (França), Philip Bailey (Inglaterra) e Roland (Dominica). Essas três personagens partem de contexto sociais e raciais distintos e servem para entender a dinâmica do papel de Xuela enquanto agente de suas próprias escolhas, na qual ela inverte o poder de dominação, geralmente dado aos homens.

Portanto, para compreender essa jornada, retornaremos à família para a qual Xuela foi entregue por Alfredo: os LaBatte, uma família francesa estabelecida em Roseau, que lucrava com a exploração das terras à custa do trabalho exploratório do povo de Dominica. Xuela, confiada por seu pai para cuidar da casa dos LaBatte, estabelece uma relação afetuosa com Madame LaBatte, enquanto que com Monsieur Jacques LaBatte não há interações, exceto pela primeira experiência de Xuela com um homem.

O dia está quase acabando, a noite está quase começando. Eu já não usava mais roupas de baixo, eu as achava desconfortáveis e sentada ali eu tacava várias partes do meu corpo, às vezes sem pensar, as vezes com um objetivo em mente. Estava passando os dedos da mão esquerda pelo pequeno tufo de pelos entre minhas pernas e pensando na vida que eu tinha vivida até ali, quinze anos naquele instante, e vi que Monsieur LaBatte estava parado não muito longe de mim, me olhando. Ele não afastou por constrangimento e eu tampouco fugi de constrangimento. Nós nos encaramos. Tirei os dedos da região entre minhas pernas e os levei ao rosto queria sentir meu cheiro. Era o fim do dia, meu odor estava bastante forte. Essa cena, eu colocando a mão entre as pernas e depois apreciando meu cheiro e Monsieur LaBatte me observando, durou até a queda súbita da escuridão, e então, quando ele se aproximou de mim e pediu que eu tirasse a roupa, declarei, muito segura de mim, **ciente do que eu queria**, que estava escuro demais, eu não conseguia enxergar. Ele me conduziu ao cômodo onde contava dinheiro, o dinheiro que era apenas uma parte do dinheiro que tinha. Era um quarto escuro e ele sempre mantinha uma pequena lâmpada acesa. Tirei a roupa e ele tirou as dele. Foi o primeiro homem que eu vi nu e ele me surpreendeu: o corpo de um homem não é o que o torna desejável, é o que seu corpo pode levá-lo a sentir ao tocá-la que é a coisa, antever o que o corpo dele vai fazê-la sentir, e então a realidade se torna melhor do que a expectativa e o mundo adquire uma completude, uma completude com uma corrente que atravessa, uma corrente de puro prazer. Mas assim que o vi, as mãos pendendo junto ao corpo, ainda não acariciando meu cabelo, ainda não dentro de mim, ainda não levando as pequenas saliências que era meus seios à boca, ainda não abrindo mais a boca para enfiar a língua mais fundo na minha boca, as dobras flácidas de pele na barriga, a carne enrijecida entre as penas, me surpreendi com o quanto era feio sozinho, parado ali; era a expectativa que era a coisa, era a expectativa que me mantinha fascinada. E a força dele dentro de mim, **por mais inevitável que fosse, me causou um outro choque, uma linha linga e cortante de prazer**: e a cada penetração dele dentro de mim, eu soltava um gemido que era o mesmo gemido, um gemido de tristeza, pois sem fazer daquilo que não era de fato eu já não era a mesma pessoa de antes. Quando havia comigo e eu com ele, ele ficou deitado em cima de mim, respirando indiferente: sua cabeça estava em outras coisas. Em uma prateleira atrás dele

vi que tinha enfileirado muitas moedas, viradas de cara para cima; exibiam o rosto de um rei (Kincaid, 2020, p. 46 e 47, grifos nossos).

A extensa passagem reforça o sentimento conflituoso, porém, consciente de Xuela com relação às escolhas de seus desejos. Xuela, uma mulher de ascendência africana, em relação aos seus impulsos sexuais e à interação íntima com Monsieur LaBatte, reforça o sentimento do entre-lugar causado pelas divergências migratórias da colonização. Portanto, diversas nuances relacionadas à interseção entre sexualidade, poder e autoconhecimento podem ser discernidas na análise. Xuela exhibe notável autonomia ao deliberar por abster-se do uso das suas roupas íntimas, optando por explorar seu próprio corpo. Esse comportamento sugere uma procura consciente pelo autoentendimento, destacando sua habilidade em arbitrar sobre a própria corporalidade e desejos.

A cena em que Xuela se explora e aprecia seu próprio cheiro desafia as expectativas culturais e sociais acerca da sexualidade feminina, evidenciando sua resistência em conformar-se aos padrões normativos previamente estabelecidos. Uma mulher se vê compelida a aderir a um protocolo que se conforma aos padrões culturais estabelecidos pelos colonizadores, por exemplo, pelos costumes de uma família francesa. O ato de autoexploração diante de LaBatte levanta a questão do sentimento de nada a perder, considerando que seu papel na sociedade já está predefinido pelas escolhas do Outro grupo étnico. Nesse contexto, ao decidir se tocar naquela situação, ela afirma explicitamente que não se submete a esse sistema e que seu desejo e corpo são domínios exclusivos dela.

A descrição da relação com Monsieur LaBatte oferece uma reflexão sobre as expectativas *versus* a realidade na intimidade sexual. Xuela enfatiza que a estética física isolada do corpo não determina o desejo, mas sim a capacidade do corpo de evocar sensações, subvertendo assim a objetificação do corpo em favor de uma experiência sensorial e emocional. A antecipação do prazer em relação à sua materialização desempenha um papel central neste momento da narrativa, conferindo uma complexidade adicional à experiência de Xuela e destacando a influência crucial das emoções e autoconsciência durante o ato sexual. A descrição da alteração psicológica de Xuela após a experiência ressalta a dualidade de seus gemidos, refletindo tanto prazer quanto tristeza. Este aspecto sugere uma transformação psicológica profunda e intrincada, indicando que a sexualidade está intrinsecamente vinculada à identidade e à percepção de si mesma.

O ato de experimentar sensações pode ser interpretado como uma afronta consciente quando consideramos que vivemos em uma sociedade cuja narrativa descende de séculos de

distorções sobre como as histórias de diversas comunidades deveriam ser contadas. Diante do cenário de manipulações, onde encontramos temas como morte, estupro, exploração, racismo e machismo, tomar a decisão de compreender nossas escolhas e agir de acordo com nossos desejos nos coloca à margem desse espaço de opressões. É nesse espaço que Xuela inicia uma busca pela sua identidade, movida pelo desejo de desfazer concepções equivocadas sobre quem ela é.

O que se segue é a constatação de que Xuela estava destinada, como anteriormente delineado, a ocupar um papel na casa dos franceses exclusivamente para servir e, eventualmente, conceber filhos com Jacques LaBatte, visto que a esposa não podia engravidar. Ciente dos projetos do casal, Xuela compreende que pode compartilhar prazer com esse homem, mas não estava disposta a conceder-lhe um filho. O que vem a seguir, depois de passar a primeira noite de muitas com ele, é:

Esse sangue não era um mistério, eu sabia por que estava ali, sabia o que tinha acabado de acontecer comigo. Queria ver qual era a minha aparência, mas não tinha como. Passei a mão pelo meu corpo: minha pele estava macia, como se tivesse acabado de passar óleo e estivesse recém-polida. O ponto entre as minhas pernas doíam, meus seios doíam, meus lábios doíam, meus punhos doíam; quando não quis que eu tocasse nele, ele pôs as mãos enormes nos meus punhos e os imobilizou contra o chão; quando os meus gemidos o distraíram, ele trancou meus lábios com a sua boca. Foi por meio de todas as partes do meu corpo que doíam que revivi o grande prazer que tinha experimentado (Kincaid, 2020, p. 48).

É pertinente reconhecer a problemática dos corpos femininos, perante os corpos masculinos neste ponto da narrativa. Xuela, ao ter sua primeira relação com LaBatte, tem apenas quinze anos, sendo ele um homem com a idade semelhante de seu pai, Alfredo. Sendo assim, entendemos que naquele espaço e tempo, a configuração de dominação dos corpos femininos racializados, principalmente, não tinha muita escolha de sua maturidade sexual. A escolha de Xuela em se envolver com o francês pode ser interpretada como moralmente questionável nos padrões contemporâneos. No entanto, essa noção temporal não se aplica a ela e é, evidentemente, irrelevante para LaBatte. Portanto, a relação entre Xuela e Jacques, embora seja consensual por parte dela, é, em primeiro lugar, um reflexo de como as jovens eram percebidas na dinâmica colonial. Xuela estava na casa dos LaBatte para fazer companhia à esposa, cuidar da casa, ter relações com Jacques e, quando possível, conceber filhos para a família.

Xuela parte daquela casa logo após perceber que novamente seria usada como um peão no esquema de manipulação dos planos de homens que a denominavam como fraca, ou supostamente manipulável. E como já destacado, ela proclama seu lugar na ilha de Roseau, começa a trabalhar por conta própria a fim de conseguir dinheiro para sobreviver e se sustentar, levando em consideração que seu pai a via como um fardo e Xuela não recebia ajuda dele. Logo após a maioridade, Xuela começa a trabalhar como assistente de um médico chamado Philip Bailey: “um homem formado para curar os doentes, e nisso seria bem-sucedido de vez em quando, mas ainda assim temporariamente, pois todo mundo, em todos os lugares, acaba sucumbindo à quietude irresistível que é a morte” (Kincaid, 2020, p. 123).

Philip cresceu na Inglaterra, decidiu se mudar para Dominica para administrar as terras deixadas por sua família no Caribe após a morte de seu pai. Ao longo do tempo, Philip mantinha contato frequente com Alfredo, o pai de Xuela, para discutir assuntos relacionados a finanças e propriedades locais. Embora Xuela já tivesse conhecimento de Philip devido à sua conexão com seu pai, sua relação com o britânico se estreita quando começa a trabalhar como secretária para ele em seu consultório médico.

Sob a mesma perspectiva, destacamos a importância de observar que Xuela estabelece novamente relações com homens do mesmo perfil – brancos europeus – que pertencem ao grupo dominante que subjuguou e marginalizou seu próprio povo. Nesse sentido, é possível notar certa incoerência em sua postura ao problematizar homens que fazem parte do grupo dominante e explorador, enquanto ao mesmo tempo desenvolve qualquer tipo de relação com eles. Assim, por que ela manteria uma relação com um homem que participa do genocídio de seu próprio povo? Xuela emerge, acima de tudo, como uma sobrevivente em meio ao caos, enfrentando uma guerra de dominação pulsante no Caribe

Roseau, como a capital de Dominica, torna-se o ponto de chegada e partida para navios de todo o mundo, transportando povos, histórias e ancestralidades engolidas pela perspectiva colonial. Ela, assim como as mulheres que perpassam sua história, reproduzem ações condicionadas pelo que foi dito e imposto. Xuela decide não menosprezar as mulheres com quem convive, mas, ao contrário, opta por usar os homens – desta forma, assim como todos os nativos daquele lugar – essa seria sua forma de dissimulação. Esse comportamento pacífico representa, de certa forma, um método de resistência, e reflete um notável potencial crítico por parte dela. Isso ocorre porque ela não adota os padrões do opressor (*mimicry*), o que seria altamente prejudicial, pois comprometeria sua identidade dominicana. Ao contrário, ela se fortalece e assume uma postura crítica, implementando assim uma civilidade dissimulada (*sly*

civility). Isso significa que ela age dentro das normas impostas, mas de uma maneira que lhe permite expressar suas ideias e manifestar-se de maneira eficaz.

(...) *sly civility* (civildade dissimulada) e ocorre quando o indivíduo nativo não luta explicitamente contra o colonizador, mas por meio da dissimilação, age e se estrutura contra ele. O sujeito colonizado se comporta de uma forma politicamente correta, ou seja, atua e é compreendido como normal e adequado e, aparentemente, cumpre com as ordens impostas pelo detentor do poder. Contudo, na primeira oportunidade que tem, *o nativo revela a força da sua resistência*, deixando claro que ela se dá contra a imposição europeia em sua terra, contra a ideologia de poder que tenta fazer dele um objeto nas mãos da máquina dominante e demonstra, sobretudo, ter absoluta consciência do sistema opressor no qual está submerso. Assim, prepara-se para melhor reagir na hora adequada (Barzotto, 2010, p. 65, grifos nossos).

Ela não nutriria amor por Philip ou qualquer homem que viesse para massacrar seu povo; no entanto, ela os utiliza como meio de sobrevivência, evitando que sua memória, a memória de sua mãe e de seus ancestrais, seja massacrada ao resistir a esse ponto. “Me casei com um homem que não amava, mas não teria me casado com um homem que amasse” (Kincaid, 2020, p. 123). Consciente de suas escolhas, Xuela reflete: “Philip, o homem para o qual eu trabalhava mas não detestava e que ao mesmo tempo era o homem com quem eu dormia mas não amava e com quem eu acabaria me casando mas ainda assim não amaria” (Kincaid, 2020, p. 86).

Xuela sabia quem era esse homem com quem ela estava se relacionando, sua capacidade de ver para além do europeu, seria o que conectaria as relações para manter essa sobrevivência. Ele mantinha suas raízes europeias, era um forasteiro dentro de um mundo que não era seu, mas isso não a assustava, pois ele era um homem branco – era um conquistador.

Philip nasceu, todo o trabalho sujo já havia sido feito; ele era um herdeiro, gerações de pessoas haviam morrido e lhe deixado alguma coisa. Que isso não tinha lhe trazido felicidade eterna, não tinha lhe trazido paz na terra, não o salvaria de lidar com o desconhecido e talvez até o tivesse levado a um canto do mundo de que não gostava, até a cama de uma mulher que não o amava, não havia sombra de dúvida (Kincaid, 2020, p. 89).

Ainda descrevendo Philip, Xuela continua:

O cabelo dele era ralo e amarelo como o de um animal com o qual eu não estivesse familiarizada; a pele era fina e rosa e transparente, como se estivesse em vias de se tornar uma pele mas ainda não tivesse chegado ao estado de pele de verdade; não era **a pele de ninguém que eu tivesse amado** até então e não era a pele com que eu sonhava; as veias apareciam aqui e ali como fios

costurados por uma costureira desajeitada; o nariz era estreito e fino como a parte pequena de um funil, e se empinava no ar como se estivesse alerta a alguma coisa, não era ao tipo de nariz que eu estava acostumada a gostar. **Ele não parecia ninguém que eu pudesse amar, e não parecia ninguém que eu devesse amar, e portanto decidi naquele instante que não poderia amá-lo e decidi que não deveria amá-lo** (Kincaid, 2020, p. 94, grifos nossos).

A comparação do cabelo de Philip com o de um animal desconhecido sugere uma distância cultural e simboliza a estranheza associada à colonização, ele não pertence àquele lugar. A descrição da pele como não totalmente formada evoca uma metáfora para a incompletude e a falta de identidade profunda. A visibilidade das veias e a descrição do nariz contribuem para a construção de uma figura que não se conforma com os padrões estéticos culturalmente reconhecidos por Xuela.

A decisão de Xuela de não amar Philip assume um significado mais amplo quando examinada criticamente à luz das teorias decoloniais/feministas. Pode ser interpretada, portanto, como uma estratégia de resistência à assimilação cultural, destacando a consciência de Xuela sobre as barreiras impostas pela diferença cultural e racial. Isso aponta para uma recusa em submeter-se a padrões coloniais de beleza e identidade, destacando a agência de Xuela em resistir às normas culturais impostas pelos colonizadores. O esclarecimento de Xuela revela as complexidades das relações, em que as motivações para manter o relacionamento estão vinculadas à sobrevivência, enquanto o amor é considerado fora de alcance devido à incompatibilidade cultural e à rejeição consciente da identidade do colonizador. Logo, podemos fazer um paralelo que as relações em Dominica são conflituosas, pois a identidade dos povos conquistados e conquistadores estão fundidas no entre-lugar da colonização.

A partir da compreensão do que Philip representa, Xuela está ciente de que ele não provém de uma realidade moldada pela força de um povo desconhecido. Nesse contexto, a trivialidade das ações de Philip parece não ter grande importância para ela. O que adquire (re)significância nas futilidades de Philip, para Xuela, é a sua capacidade de sentir. Diante das escolhas, Xuela opta por encontrar significado no prazer.

E ainda assim, sem que exibisse nenhuma emoção, as palavras brotavam dele, uma após a outra, como água correndo ruma a um precipício, e eu me cansava, e ficava irritada, e o interrompia tirando minhas roupas e parando na frente dele e esticando os braços até o teto e mandando que se ajoelhasse para me lambe e o obrigando a ficar ali até que eu ficasse completamente satisfeita (Kincaid, 2020, p. 89).

A reversão dos papéis que Xuela estabelece está na sua autonomia corporal, psíquica e emocional. Ela reconhece em Philip, assim como em LaBatte, por exemplo, que suas percepções de mundo não os permitem olhar a realidade como ela é, considerando a devastação do lugar em que vivem. O normal para eles é o incabível para Xuela. E é nesse esquema que ela se infiltra e consegue realocar o seu lugar no mundo, não deixando a sua verdade para trás, e sua alteridade feminina há muito tirada das mulheres que vivem à margem das suas vontades de sentir.

A representação dos corpos femininos racializados emerge como um construto das nações delineada à luz das narrativas dos povos colonizadores, sendo submetidos a espaços predefinidos pelo atual sistema capitalista. No provocativo ensaio "Invisíveis: elas abram a cidade", Vergès (2020) argumenta que a sustentação do sistema depende, em grande parte, do trabalho de homens e mulheres, predominantemente mulheres negras, que atuam em condições análogas à escravidão, desprovidos de salários dignos e direitos básicos. Ela destaca que, sem esses trabalhadores, o sistema entraria em colapso. O autoritarismo do sistema capitalista liberal é evidente na maneira como grandes empresários não realizam tarefas cotidianas como preparar café, arrumar a cama ou cozinhar. No entanto, paradoxalmente, detêm poder sobre as vidas daqueles que executam essas tarefas, perpetuando assim uma lógica que favorece apenas grupos privilegiados. A dominação desses corpos levanta questões essenciais sobre as inequidades inerentes à estrutura que perpetua a exclusão e favorece apenas determinados estratos sociais. Esse questionamento revela a necessidade de repensar os fundamentos que conduzem a humanidade a um destino que beneficia apenas alguns em detrimento de outros.

É a partir dessa reflexão que ocorre a inversão de papéis por parte de Xuela. Ao "obrigar" Philip a satisfazê-la, ela se posiciona em uma esfera de humanidade que sente, deseja e possui voz, algo incomum nesse contexto. As mulheres nativas de nações assoladas pela colonização tiveram seus corpos mutilados, vendidos e submetidos à vontade de homens que decidiam sobre seus movimentos. A reflexão brutal que Xuela reconfigura pela sua alteridade no universo colonial encontra eco na obra da escritora brasileira Patrícia Melo, *Mulheres Empilhadas* (2019). Nessa obra, a narradora desabafa sobre o destino cruel das mulheres no Brasil, proporcionando uma perspectiva que pode ser relacionada à experiência de Xuela.

Essa foi a conclusão a que cheguei na minha segunda semana no tribunal: nós, mulheres, morremos como moscas. Vocês, homens, tomam porre e nos matam. Querem foder e nos matam. Estão furiosos e nos matam. Querem diversão e nos matam. Descobrem nossos amantes e nos matam. São abandonados e nos matam. Arranjam uma amante e nos matam. São

humilhados e nos matam. Voltam do trabalho cansados e nos matam (Melo, 2019, p. 62).

As reflexões das personagens de Melo ecoam pela realidade do Brasil atual, uma realidade que ainda descende dos esquemas concebidos na idealização imperialista e mantém-se como uma verdade até os dias de hoje. Em outras palavras, as mulheres racializadas, fruto dos hibridismos coloniais e situadas na interseccionalidade, continuam a ser percebidas como inferiores, animais, suscetíveis à dominação. Nosso interesse, portanto, surge da análise de como a escrita de Jamaica Kincaid, em 1995, no contexto caribenho, inicia a reconstrução do pensamento liminar de uma personagem como Xuela. Essa personagem faz escolhas em meio às adversidades espinhosas de sua vida, desafiando as narrativas previamente estabelecidas sobre mulheres racializadas.

Philip, portanto, mesmo sendo o homem que fica com Xuela até ele morrer, é um sujeito que ela mantém como escudo para sobreviver aos problemas anteriores do seu povo, das mulheres que vieram antes dela. Ela não o vê como uma ameaça, mas sabe que ele não poderia vê-la como ela realmente é, e de onde ela descende. A relação de Philip e Xuela se inicia quando ele ainda era casado com uma mulher chamada Moira, “moravam na mesma casa e faziam as mesmas refeições juntos no mesmo horário e faziam muitas coisas juntos, mas não dormiam na mesma cama no mesmo quarto” (Kincaid, 2020, p. 95); a representação de Moira pela ótica de Xuela é outro ponto a ser observado, pois ela é uma mulher britânica, assim como o marido, mas diferente dele, seu ódio por aquele lugar e por aquele povo é mais latente.

Esse ódio vai prevalecer, obviamente, por Xuela e por todas as mulheres nativas que existem naquele espaço. “Ela estava muito satisfeita por ser quem era, e com isso queria dizer que estava muito satisfeita por ser do povo inglês, e isso fazia sentido, porque esta é uma das primeiras ferramentas de que você precisa para ofender outro ser humano – estar muito satisfeito com quem se é” (Kincaid, 2020, p. 96). A breve passagem de Moira pela vida de Xuela representa questões significativas que merecem reflexão. Ao contrário da relação de Xuela com sua madrasta, Elizabeth e Mãe Eunice, esses conflitos e o ódio entre elas não podem ser analisados com a mesma ótica e sentimentos de Moira em relação àquele povo e, inclusive, a Xuela.

Nessa categoria de ressentimento entre mulheres nativas, emergem efeitos colaterais da colonização distintos. Em outras palavras, mulheres racializadas são banalizadas e colocadas umas contra as outras nesse contexto, tratadas como sujeitos desprovidos de percepções sentimentais e senso de racionalização, por serem consideradas inferiores às mulheres brancas-

européias. Esse fenômeno ressalta como a dinâmica da colonização perpetua divisões e hostilidades entre as próprias mulheres que são impactadas por suas ramificações.

Desta forma, muito embora fosse cabível que Moira ficasse na categoria deste estudo sobre o ódio entre mulheres e entender esse movimento, neste caso, Moira difere-se do resto delas, pois pela esfera colonial, Moira desprezaria mulheres racializadas por serem – ao seu ver - inferiores e não por serem iguais a ela. Além disso, a presença dela está interligada com a de Philip e como seu comportamento nocivo, pois é uma representação de onde Philip vem e pertence.

Eu sempre ansiaria por ver seu rosto, não com prazer, mas por curiosidade, e sempre me espantava que não demonstrasse nada de novo: nenhum abrandamento, nenhuma lágrima, nenhum arrependimento, nenhuma desculpa; **ela era uma dama, eu era uma mulher**, e essa distinção era importante para ela; isso lhe permitia acreditar que eu não associaria o comum, o cotidiano – uma evacuação intestinal, um berro de êxtase – a ela, e um pequeno ato de crueldade era alçado a um ritual de civilidade. E então ela dizia, “Tem uma mulher que monta uma feira toda terça-feira na esquina da King George com a Market Street; diga a ela que **a dama comprou...**”. **Era uma descrição perfeita de si mesma, mais do que ela gostaria que fosse, pois é verdade que uma dama é a arranjos faciais e partes do corpo, distorções, mentiras e esforços vazios. Eu era uma mulher, e como tal tinha uma definição breve: dois seios, uma pequena abertura entre as pernas, um útero; nunca varia, sempre estão no mesmo lugar. Ela jamais se descreveria dessa forma, ela se encolheria diante dessa descrição, uma descrição dessas carrega em seu cerne o ato do autodomínio, e naquele momento meu eu era a única coisa que eu tinha que era meu. Não era a ela, portanto, que poderia fazer a pergunta: Por que as mulheres se odeiam?** (Kincaid, 2020, p. 97, grifos nossos.)

Xuela pontua uma relação intrincada e tensionada com Moira, onde a diferenciação interseccional entre as mulheres e as complexidades pós-coloniais emergem como elementos centrais na análise desta análise. A dissimilaridade social entre Xuela e Moira, caracterizada como uma "dama", é a clareza motriz entre a conquistada e a conquistadora – a óbvia exposição do racismo para com o povo caribenho. A vontade de Xuela em relação ao rosto da mulher, não orientada pelo prazer, mas pela busca de compreensão, destaca a complexidade dessas relações, transcendentais às emoções convencionais. A distância emocional é sublinhada pela suposta ausência de expressão ou emoção no rosto da mulher, apontando para uma barreira emocional entre ambas.

O que Moira faz a seguir é atribuir valor à sua condição de dama, buscando distanciar-se do povo condenado ao fracasso. Essa ênfase na diferenciação social sugere uma conscientização das complexidades da hierarquia social e das normas que moldam a identidade

feminina em uma sociedade pós-colonial. A busca por manter uma imagem de refinamento e distinção pode ser interpretada, desta forma, como uma estratégia para navegar pela herança colonial e alcançar um *status* social mais elevado, fortalecendo o sentimento que está em Dominica apenas por eventualidades. A análise detalhada das partes físicas de Moira, contrastada com a definição mais objetiva de Xuela como mulher, realça a artificialidade e as "mentiras" subjacentes à construção da identidade feminina. Esta reflexão pode ser compreendida à luz da diferenciação interseccional, evidenciando como as mulheres podem ser impactadas de maneiras distintas com base em fatores como raça, classe e status social em uma sociedade pós-colonial.

Por fim, a indagação final de Xuela, "Por que as mulheres se odeiam?", aponta para uma consciência crítica das tensões e rivalidades entre mulheres, as quais podem ser exacerbadas pelas hierarquias sociais, diferenças culturais e legados históricos. Neste contexto, a análise da passagem enfatiza a relevância de considerar a interseccionalidade e as complexidades pós-coloniais ao examinar as relações intrincadas entre mulheres em sociedades marcadas pela herança colonial. Moira é um compilado da opressão dentro do universo das personagens que molestam e bestializam a ancestralidades das Antilhas.

Moira morre tempo depois de chegar à ilha e, em seguida, Xuela se casa com Philip: "Casei com o marido dela, mas isso não significa que eu tenha seu lugar" (Kincaid, 2020, p. 98). Philip, por outro lado, vive até a velhice ao lado de Xuela. Ele proporciona uma vida boa a ela, e Xuela sabe disso, afinal, ela sabia das escolhas que tinha feito ao ficar com Philip. Em um espaço de abandono, ela precisava de alternativas para sobreviver. Contudo, ela nunca deixou de reconhecer quem ele era e de onde vinha: "Ele não parecia ninguém que eu pudesse amar, e não parecia ninguém que eu devesse amar, e portanto decidi naquele instante que não poderia amá-lo e decidi que não deveria amá-lo" (Kincaid, 2020, p. 93).

A relação de Philip com Xuela, em comparação com a dinâmica entre Xuela e seu pai Alfredo, destaca-se pela ausência de crueldade por parte de Philip. Ambos compartilhavam uma genuinidade no casamento, no entanto, Xuela já estava destinada a perceber que, no jogo das vidas moldadas pela colonização, as vidas das pessoas colonizadas seriam irrevogavelmente transformadas. Não há vidas que não sejam impactadas pelo choque de ideologias divergentes e pelas influências culturais de nações distintas nesse contexto. Xuela era um exemplo das transformações impactantes de uma diáspora forçada.

E esse homem com quem eu me casei era dos vitoriosos, e boa parte dele era essa situação, a situação do conquistador, que apenas por meio de um livro de

história pode se recordar de uma época em que talvez tivesse sido outra coisa, uma coisa como eu, a vencida, a derrotada (Kincaid, 2020, p. 130).

Portanto, essa "reparação histórica" que Xuela escolhe realizar ao se casar com Philip para existir enquanto mulher nativa, representa uma forma de resistência ao esquema de poder em Dominica. Mesmo diante desse cenário de colonização, ela não permite que seu corpo se esqueça do sentimento de prazer e da própria existência. Essa resistência, empreendida através de suas escolhas e apropriação de seu corpo, sugere uma forma de reafirmação da agência individual frente às forças coloniais que tentam moldar e restringir as experiências das pessoas colonizadas.

Ao optar por essa suposta "reparação histórica", Xuela desafia não apenas as expectativas sociais, mas também a narrativa hegemônica da colonização. Sua decisão destaca uma busca por autonomia e uma tentativa de reconstruir não apenas a sua própria identidade, mas também a narrativa cultural que tem sido moldada pelo colonialismo. Dessa forma, ela utiliza seu corpo como um local de resistência, reafirmando a possibilidade de existência e prazer mesmo em meio às complexidades da colonização.

A voz dele tinha um toque estranho, estranho porque vinha dela, mas familiar para mim ainda assim; ele soava como homem, um homem muito normal, um homem como eu pensava que os homens eram; aquilo me fez dizer exatamente por que tinha feito aquilo. Conteí que meus seios estavam tomados por uma sensação irritante, uma sensação que eu achava prazerosa porque só era aliviada por uma sensação que eu achava ainda mais agradável, a boca de um homem colocada com firmeza sobre eles (Kincaid, 2020, p. 90).

A exposição de seus desejos e a maneira como ela se posiciona de forma ativa diante dos homens dominadores no contexto colonial a destacam como uma mulher consciente de sua agência e autonomia. Ao se casar com Philip, Xuela conquista o respeito de Elizabeth, sua irmã, pois ela própria havia escolhido casar-se com um médico britânico, ter sua própria casa e viver de acordo com suas próprias decisões, independentemente das expectativas do marido. Ao envelhecerem juntos, ela percebe que seu marido, de certa forma, foi apenas um dos muitos homens e mulheres moldados pelo imperialismo, vivendo conforme lhes foi ensinado, compreendendo que as circunstâncias são como são porque, em algum momento da história, algum grupo determinou como tudo deveria ser, inclusive como milhões de pessoas do Sul Global deveriam viver.

Eu também acompanharia seu fim. Dei-lhe um enterro respeitoso e doce, embora isso não tivesse importância para ele. O que faz o mundo girar? Ele

nunca precisou de uma resposta para essa pergunta. Será que tanta tristeza unia duas pessoas? Mas não o mesmo tipo de tristeza, pois não vinha da mesma fonte, essa tristeza. A vida dele, a parte externa, era de vitórias, quase não havia desejo que não pudesse ser realizado, e tinha o poder de deixar o mundo do jeito que ele quisesse que fosse. E no entanto – ah, no entanto – como é possível ser tão perdido? Existem muitas formas de ser perdido. Todas as formas são formas de se ser perdido. Então quanta compaixão devo lhe dedicar? Poderia ele ser culpado por acreditar que os atos vitoriosos de seus ancestrais lhe conferiam o direito de agir de um modo desconhecido, todo-poderoso e sem consequências? **Ele acreditava em raça, acreditava em nação, acreditava tão completamente que conseguiu se distanciar disso; no fim da vida ele só queria morrer comigo, embora eu não fosse da raça dele, não fosse da nação dele** (Kincaid, 2020, p. 135, grifos nossos).

Durante seu relacionamento com Philip, Xuela também se envolveu com outro homem, Roland, um nativo cuja identidade se distinguia significativamente da de Monsieur LaBatte e Philip Bailey, pois ele pertencia à comunidade conquistada. Ao contrário de LaBatte e Bailey, Roland cresceu testemunhando a divisão e transformação de sua amada Dominica, um território que viu seu povo sendo levado para o outro lado do Atlântico nos porões dos grandes navios negreiros. Roland era um estivador, morava na casa ao lado de Xuela e tinha uma mulher. Assim, “Não era um herói, nem sequer tinha um país; era de uma ilha, uma ilhota que ficava entre um mar e um oceano, e uma ilhota não é um país. E ele não tinha história; era um pequeno acontecimento na história de outra pessoa, mas um homem” (Kincaid, 2020, p. 101). Xuela, novamente não escondia a afinidade com sua sexualidade e sua opção de poder sentir:

Da primeira vez que ele se deitou em cima de mim fiquei tão envergonhada do tamanho do prazer que eu estava sentindo que mordei meu lábio inferior com força – mas não sangrou, não da mordida que dei, não naquele momento. A pele dele era macia e quente nos lugares onde não havia beijado; nos lugares em que o havia beijado a pele era frio e áspera, e os poros abertos e protuberantes (Kincaid, 2020, 102).

A presença de Roland na vida de Xuela ressoa como um alívio momentâneo durante o breve período que compartilham juntos. Nesse momento, ela se sente conectada com alguém que compartilha sua ancestralidade local e faz parte da história que moldou suas raízes. “E quando nossos olhos se encontraram, nós rimos, pois estávamos felizes, mas foi assustador, porque aquele olhar perguntava tudo: quem trairia quem, quem seria o prisioneiro, quem seria o captor, que daria e quem tomaria, o que eu faria” (Kincaid, 2020, p. 101). No tumulto das escolhas feitas por ambos para satisfazerem suas necessidades e desejos, o que se revela é o constante trauma enfrentado por dois sujeitos racializados na interseção de suas identidades, diante das desconfianças que recaem sobre eles. “E quando nossos olhos se encontraram e

rimos ao mesmo tempo, eu disse, ‘Eu te amo, eu te amo’, e ele disse, ‘Eu sei’. Ele não disse isso por vaidade, não disse por arrogância, ele só disse isso porque era verdade (Kincaid, 2020, p. 101).

Entre a relação com Roland e Philip, Xuela experimentava uma sensação de segurança com seu marido, mas foi com Roland que ela vivenciou pela primeira vez a intensidade do amor. Era a percepção de que havia alguém semelhante a ela capaz de proporcionar um significado mais profundo à sua existência. A problemática central residia no casamento dele com outra mulher e no fato de ser um homem. Essa última questão refletia a perspectiva de uma mulher marginalizada, cuja educação era limitada no que diz respeito aos direitos femininos. As condições de vida para mulheres pobres, negras e descentralizadas frequentemente implicavam que, em algum momento, os homens as machucassem de alguma maneira. Desta forma, como já observado nesse estudo, o embate parte sempre da questão de mulher para mulher, sendo assim, a mulher de Roland, ao descobrir do caso extraconjugal de seu marido, confronta Xuela. “E a esposa de Roland me chamou de puta, de piranha, de porca, de cobra, de víbora, de ratazana, de baixa, de parasita e de mulher diabólica.” (Kincaid, 2020, p. 103).

Para Xuela, as mulheres não deveriam brigar por causa de outros homens, não deveriam lutar por eles. Considerando que, fora da narrativa, existe uma aceitação natural da monogamia, nas quais as relações fora dos compromissos são rejeitadas, torna-se desafiador compreender as decisões de Xuela. No entanto, sua posição está intrinsecamente ligada ao sentimento de não pertencimento a ninguém além dela mesma. “O deslocamento emergente afetivo”, previamente mencionado, surge como um efeito colateral que expulsa de Xuela qualquer sentimento que a faça sentir-se aprisionada. Por essa razão, ela acredita que ele pode permanecer com a mulher, mas também pode ficar com ela. Contudo, é através das palavras da esposa de Roland que ela nota que não seria possível: “Percebi que sua boca formava um abraço familiar em torno daquelas palavras – pobre coitada, estava acostumada a dizê-las” (Kincaid, 2020, p. 103). E, em meio ao confronto, Xuela ainda reflete que seria óbvio que a mulher de Roland soubesse: “Não me surpreendeu que ela soubesse de mim; homens não sabem guardar segredo, homens sempre querem que todas as mulheres que conhecem saibam uma das outras” (Kincaid, 2020, p. 104). Desta forma as agressões continuam:

‘Eu amo o Roland; quando ele está comigo, quando ele está comigo, quero que ele me ame; quando ele não está comigo, penso nele me amando. Eu não amo você. Amo o Roland.’ Isso era o que sentia vontade de dizer, e é o que acho que disse. Ela me deu um tapa na cara; sua mão era grande e grossa

como um remo; ela também estava acostumada ao trabalho duro (Kincaid, 2020, p. 104).

A expressão direta dos sentimentos por Roland e a distinção clara entre seu amor por ele e a ausência de amor por outra pessoa sugerem uma honestidade emocional, uma característica que diferencia Xuela naquele meio. A rejeição de sentimentos em relação à esposa é pronunciada com firmeza, provocando uma resposta física, indicando a magnitude da rejeição e a tensão presente na dinâmica entre as personagens. O sistema patriarcal, ao influenciar as dinâmicas sociais, contribui para a competição entre mulheres, especialmente aquelas que são racializadas. As normas culturais que conectam o valor da feminilidade à aprovação masculina geram uma busca por validação entre as mulheres.

Em contextos nos quais recursos, oportunidades e representações positivas são escassos para mulheres racializadas, a competição por atenção masculina pode intensificar-se. A percepção de que essa atenção é um recurso limitado pode levar a conflitos, perpetuando divisões que, em última instância, reforçam as estruturas patriarcais, desviando o foco de questões estruturais mais profundas. Nesse contexto, os esforços de Xuela para refletir sobre o comportamento prejudicial da esposa podem ser considerados fúteis, dada a inexistência de uma concepção "natural" em meio às ideias preconcebidas que moldam a compreensão da traição. Além disso, observa-se que, quando os homens traem, nem sempre enfrentam confrontos diretos por suas ações, enquanto as mulheres são frequentemente responsabilizadas na busca por culpados, perpetuando uma narrativa que coloca a culpa majoritariamente nas mulheres.

Por o casamento é tão desejável que todas as mulheres têm medo de serem pegas fora dele? E porque essas mulheres, que nunca tinha me visto antes, a quem eu nunca tinha promessa nenhuma, a quem eu não devia nada, me odeia tanto? Ela esperava que eu retribuísse o tapa, mas eu disse, de novo sem qualquer amargura, **“Eu considero uma humilhação brigar por causa de homem”** (Kincaid, 2020, p. 104, grifos nossos).

Essa disparidade de percepção em relação à traição é ressaltada pela observação de que, em muitos casos, a traição por parte dos homens resulta na morte de mulheres – o pensamento de Xuela ao medo de mulheres serem pegas fora do casamento, por exemplo. Esse fenômeno aponta para uma desigualdade profunda nas consequências atribuídas à infidelidade de acordo com o gênero, revelando as complexidades e injustiças subjacentes às normas sociais que permeiam as relações e suas repercussões. Portanto, as reflexões de Xuela podem sugerir uma crítica à desigualdade de gênero presente na forma como a sociedade lida com as transgressões conjugais, destacando a necessidade de questionar e desafiar tais padrões.

O que vem a seguir é a fúria da esposa de Roland, em meio ao centro de Roseau, onde crianças voltam da escola, comerciantes carregam caixas de peixes e mulheres vendem frutas nas calçadas. “Minha declaração do que eu considerava humilhante deve ter enfurecido a esposa de Roland, pois ela segurou meu vestido azul pela gola e deu um puxão, rasgando-o em dois do pescoço até a cintura” (Kincaid, 2020, p. 104 e 105). E, em seguida, ela continua:

Meus seios repousavam suavemente no peito, como dois pequenos pedaços de massa de pão que não haviam crescido, impassíveis diante da raiva daquela mulher, não era como reagiam ao toque da boca de seu marido, pois ele tiraria meu vestido, primeiro abrindo todos os botões com paciência e depois puxando o corpete para baixo, e depois pegaria um seio com a boca, e ele cresceria até ficar de um tamanho bem maior do que a boca poderia conter, e ele o largaria e se voltaria para o outro; a saliva evaporando da pele naquele seio era uma sensação completamente diferente da sensação do outro seio na boca, e eu me dividia em duas, pois não conseguia decidir qual sensação eu queria que fosse mais forte que a outra. Por uma hora ele me beijava dessa forma e depois se exauria em cima de mim em cinco minutos (Kincaid, 2020, p. 107).

O momento em que Xuela, agredida pela esposa de Roland, relembra as noites em que ele lhe proporcionava prazer reflete na dinâmica complexa da protagonista em relação ao seu corpo e ao prazer. Os sentimentos de Xuela sugerem que, mesmo sendo vítima de violência, ela se encontra temporariamente distante desse trauma ao se perder nas recordações do prazer físico proporcionado por Roland. A estratégia de Xuela ao escolher uma fuga mental para um momento de prazer diante do embate com outra mulher revela sua habilidade em transcender a dor física e emocional. Essa escolha pode ser interpretada como um ato de resistência, uma forma de revide de Xuela em meio ao caos da agressão.

Ao direcionar seu foco para as lembranças dos momentos prazerosos, Xuela demonstra uma capacidade de se desconectar temporariamente da realidade traumática, encontrando refúgio em experiências que proporcionam satisfação e plenitude. Essa alternativa à reação direta pode ser vista como uma maneira de preservar sua própria integridade emocional, escolhendo não se envolver em um ciclo de violência. As passagens referentes à sexualidade sugerem que, para Xuela, o prazer se torna um refúgio consciente, uma forma de resistência silenciosa diante das adversidades. Essa dinâmica complexa adiciona camadas à sua caracterização, destacando sua habilidade de encontrar força e controle interior mesmo em situações desafiadoras. A descrição detalhada das sensações durante esses encontros destaca a intensidade dessas experiências, o que pode explicar o momento em que Xuela parece ignorar, momentaneamente, a agressão que está sofrendo.

A relação entre Xuela e Roland começa a se deteriorar quando ele passa a questionar por que ela não está cumprindo o papel tradicional de uma mulher, gerando filhos e seguindo os padrões esperados para uma mulher que permanece em casa, mantendo a estabilidade e submissão. Mesmo sendo nativo como Xuela, Roland ainda internaliza as expectativas patriarcais de que as mulheres devem se conformar a certos papéis tradicionais, e essa expectativa de submissão era considerada natural.

Essa dinâmica ressalta as complexidades das relações de gênero na narrativa, mesmo entre personagens que compartilham a mesma origem cultural. Roland, influenciado pelas normas sociais dominantes, expressa descontentamento diante da resistência de Xuela em se conformar aos papéis tradicionais de gênero. A diegese destaca como as construções sociais de gênero podem influenciar e, por vezes, prejudicar as relações interpessoais, mesmo quando ambos os indivíduos são afetados pelas mesmas estruturas coloniais e culturais. – “sua vida era reduzida a mulheres, algumas lindas que usavam vestidos feitos com metros de tecidos que ele havia tirado furtivamente das entranhas dos navios onde trabalhava como estivador” (Kincaid, 2020, p. 106).

Aos poucos, Roland enriqueceu participando de atividades ilegais, como roubo de mercadorias dos navios em que trabalhava, esquemas dos quais Xuela desconhecia. Isso acabou por minar a ideia de que ele era um homem que resistiria ao sistema ao seu redor e que, inevitavelmente, sucumbiria às práticas e expectativas predominantes. Na última noite que Xuela passou com Roland, eles estavam sentados em frente ao mar, em uma noite que ventava, observando seu povo, “gente que nunca tinha sido considerada gente” (Kincaid, 2020, p. 107). Xuela usava um vestido que ele deu a ela, o qual teria roubado de um dos navios em que trabalhava. E ela sentiu que ele mesmo sendo da mesma raça, era como o Outro, que vinha do outro lado do oceano.

Eu usava um vestido feito de outro pedaço de tecido que ele tinha me dado, outro pedaço de tecido tirado das entranhas de um navio sem permissão, e havia um bolso falso na saia, um bolso que não tinha fundo, e Roland pôs a mão dentro do bolso, esticando-a para tocar dentro de mim: olhei para o rosto dele, a boca que eu via e que se estendia pelo como uma ilha, e também como uma ilha continha segredos e era perigosa e era capaz de engolir por inteiro coisas muito maiores que ela mesma; mirei o horizonte, que não conseguia ver mas ainda assim sabia que estava ali, o que também era verdade quanto ao fim do meu amor por Roland (Kincaid, 2020, p. 107).

Dos homens com os quais Xuela se relacionou, sua escolha por Philip se deve, em grande parte, à sua passividade e à falta de autonomia em suas escolhas. Ela percebia que, nessa

hierarquia que ia do mais forte ao mais fraco, Philip não representaria uma ameaça, mesmo sendo um homem europeu. Ele a amava enquanto ela se protegia. Xuela nunca nutriu amor por Philip; simplesmente o aceitou como provedor de uma vida que poderia garantir seu cuidado. Jacques LaBatte era apenas um homem ambicioso que poderia satisfazer as necessidades femininas e impulsos de Xuela. Por fim, Roland, embora pudesse representar o povo caribenho, havia sido corrompido pelas estruturas de poder e, como outros homens, alimentava o sistema patriarcal, colocando as necessidades das mulheres em segundo plano.

Entre todos os homens, Xuela escolhe a si mesma, sua construção identitária, sua ancestralidade, sua feminilidade predadora e seus instintos. Ela não se reconhece na passividade destinada e programada para o chamado "sexo frágil", de acordo com o mundo colonial e pós-colonial. Nas reflexões teóricas da Colonialidade do Ser, ao ser realocada para a Colonialidade de Gênero de Lugones, o sentido de pertencimento da mulher está na manifestação interseccional e identitária da mulher do Sul global, frequentemente esquecida.

No plano de manipulação dos sujeitos explorados no colonialismo, uma das maiores armas é a destruição desses sujeitos de fora para dentro, a destruição de seu interior, de sua psique. Fanon, ao contemplar essa neurose, reconhece que a destruição pela manipulação identitária é uma das mais cruéis e irreversíveis. No entanto, o caso de Xuela difere desse padrão, pois mesmo em meio aos ataques da mulher de Roland, ela encontra refúgio em sua capacidade de viajar para dentro de seus pensamentos, em busca de suas boas lembranças. Xuela se torna uma personagem blindada a esses ataques e reconhece isso:

Eu parecia uma árvore, uma árvore alta com galhos compridos, fortes; parecia delicada, mas qualquer homem que eu segurasse nos braços sabia que eu era forte; meu cabelo era longo e volumoso e ondulado, e eu o usava trançado e preso à cabeça, pois quando o deixava solto sobre os ombros provocava excitação nos outros – alguns era homens, algumas eram mulheres, alguns ficavam contentes, alguns não. Meu jeito de andar dependia de quem eu achava que me veria e no impacto que queria que meus passos causassem. Meu rosto era lindo, eu achava (Kincaid, 2020, p. 105).

Ao se comparar com uma árvore, Xuela finca suas raízes em sua autonomia e dominação do ser. A descrição de como ela anda revela sua habilidade de adaptar-se às expectativas dos observadores, sugerindo uma consciência aguda de como a sociedade percebe as mulheres. Ao mencionar a beleza de seu rosto, ela indica uma autoestima positiva, apesar das complexidades e desafios que enfrenta. Essa passagem destaca a capacidade de Xuela de usar sua aparência como uma forma de resistência e autoexpressão dentro do contexto colonial.

Por fim, Xuela resiste e configura uma representação da inversão de papéis, ou seja, ela os coloca na posição do espaço, que na esfera colonial deveria ser feminino – “tem quem escolha montanhas altas, tem quem escolha mares imensos, e tem quem escolha maridos; eu escolhia possuir a mim mesma” (Kincaid, 2020, p. 105).

3.3 DOMÍNIO DO CORPO: O NÃO AMOR DE MÃE

O impacto legado do colonialismo/imperialismo europeu nas dinâmicas sociais moldou não apenas o controle sobre o corpo das mulheres, mas também influenciou diretamente questões cruciais relacionadas à saúde reprodutiva, em particular, no contexto da discussão sobre o aborto, a exemplo das religiões de matrizes locais/africanas que foram dizimadas, ou consideradas profanas pelo cristianismo ocidental, doutrinando em como a vida conjugal das pessoas deveriam ser – consequentemente os corpos das mulheres. Toda a dinâmica dos povos colonizados foram transformadas à escuridão das forças imperiais.

Durante o período colonial, as potências colonizadoras frequentemente impuseram uma regulação rigorosa sobre as escolhas reprodutivas das mulheres nas colônias, e esse movimento se mantém até hoje em muitas nações. Esse controle muitas vezes resultava em políticas restritivas que afetavam negativamente o acesso das mulheres à autonomia sobre seus corpos, um fenômeno que reverbera até os dias de hoje. No contexto brasileiro, observamos nos últimos dez anos um crescente avanço de correntes conservadoras que culminaram em uma gestão de extrema direita no período de 2018 a 2022 (ainda com bastante força).

Essa conjuntura política teve como resultado a colocação em questionamento dos movimentos que lutam pelos direitos de mulheres negras, indígenas, transsexuais, direitos trabalhistas e outros grupos marginalizados. Parlamentares, tanto homens quanto mulheres alinhados ao conservadorismo, manifestaram-se de maneira veemente contra pautas como a legalização do aborto e a aceitação de casamentos entre pessoas LGBTQIA+, chegando ao extremo de interferir diretamente na interrupção da gravidez de uma menina de dez anos, vítima de estupro²².

Esse movimento pode ser interpretado como o desdobramento de anos de uma política que, ao longo do tempo, comprometeu e apagou narrativas ancestrais relacionadas à forma como a sexualidade e o corpo das mulheres eram historicamente tratados. O embate em torno

²² Sobre o assunto ver: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ministra-damara-alves-teria-agido-para-impedir-aborto-de-crianca-de-10-anos-segundo-jornal>. Acesso em novembro de 2023.

dessas questões contemporâneas reflete uma profunda desconexão com os avanços conquistados por movimentos feministas e de direitos humanos, evidenciando uma regressão em relação aos princípios de autonomia, igualdade e respeito aos direitos fundamentais.

A medicalização do corpo feminino durante o colonialismo também teve implicações significativas na abordagem de questões reprodutivas. As práticas médicas muitas vezes eram utilizadas como ferramenta de controle, introduzindo padrões ocidentais que, por vezes, entravam em conflito com práticas tradicionais e perpetuavam desigualdades na prestação de cuidados de saúde. Essa imposição de normas, juntamente à estigmatização e marginalização, impactou diretamente a capacidade das mulheres, especialmente as pertencentes a comunidades periféricas e empobrecidas, de buscar opções seguras em relação ao aborto. A falta de acesso a serviços de saúde reprodutiva adequados, incluindo o direito à escolha sobre a interrupção da gravidez, perpetua desigualdades históricas. “A exploração sexual do corpo das mulheres tinha sido ocorrência comum em movimentos radicais por justiça social, fossem eles socialistas, pelos direitos civis etc” (hooks, 2015, p. 49).

bell hooks, no capítulo *Nosso corpo, nosso ser: direitos reprodutivos* (2015), oferece uma análise perspicaz sobre a luta pelos direitos reprodutivos, destacando como o conservadorismo muitas vezes se torna um obstáculo significativo para os direitos das mulheres. Ela também aponta para uma crítica válida em relação às feministas brancas que, em alguns casos, falharam em reconhecer e abordar adequadamente as interseccionalidades das mulheres racializadas em suas lutas pelos direitos. O conservadorismo, muitas vezes fundamentado em visões tradicionais e patriarcais, tem historicamente resistido aos avanços nos direitos reprodutivos das mulheres. A oposição a questões como o acesso ao aborto e métodos contraceptivos revela a persistência de normas que buscam controlar o corpo das mulheres e limitar sua autonomia reprodutiva.

Além disso, bell hooks destaca a importância de reconhecer as diferentes experiências das mulheres, especialmente as mulheres racializadas, na busca pelos direitos reprodutivos. As feministas brancas, por vezes, falharam ao não considerar adequadamente as complexas interseccionalidades que moldam as experiências de mulheres de diferentes origens étnicas, raciais e sociais. A disparidade no acesso a serviços de saúde reprodutiva é ainda mais evidente quando se considera a realidade de mulheres em situação de pobreza e em áreas periféricas. As barreiras econômicas e geográficas muitas vezes tornam difícil para essas mulheres acessarem informações precisas sobre saúde reprodutiva e serviços de aborto seguro (hooks, 2015).

No entanto, é crucial destacar a resistência demonstrada por mulheres periféricas em meio a essas adversidades. Movimentos feministas, principalmente o feminismo decolonial,

têm emergido para desafiar as normas restritivas e lutar por uma abordagem mais equitativa em relação aos direitos reprodutivos para o outro eixo de mulheres esquecidas pelo feminismo branco europeu. Durante grande parte da história, as mulheres racializadas foram negligenciadas dentro do paradigma que buscava estabelecer uma equidade de gênero. É crucial ressaltar que, mesmo em contextos de classe social mais baixa, uma mulher branca ainda tem maior acesso a informações sobre saúde e educação em comparação a mulheres racializadas. Essa disparidade reflete não apenas desigualdades econômicas, mas também sistemas estruturais que perpetuam discriminações com base na raça e gênero (Lugones, 2020).

No cenário pós-colonial, a discussão sobre a legalização e acessibilidade ao aborto torna-se um ponto focal na luta por direitos reprodutivos. Os desafios históricos herdados do colonialismo moldam as complexidades em torno do acesso ao aborto seguro, exigindo uma abordagem sensível às disparidades sociais e econômicas. Em síntese, a intersecção entre o impacto do colonialismo no corpo das mulheres e a discussão sobre o aborto ressalta a necessidade urgente de abordar desigualdades estruturais profundamente enraizadas. Ao reconhecer a influência histórica, podemos avançar em direção a políticas e práticas que respeitem a autonomia reprodutiva das mulheres, especialmente aquelas em situações periféricas e economicamente desfavorecidas.

A reflexão sobre quem pode falar e opinar sobre o aborto é uma questão complexa e carregada de nuances. No caso de Xuela Claudette, durante o período colonial em Dominica, ela, como mulher negra e descendente de escravos, carregava uma perspectiva única e profundamente conectada às complexidades de sua própria experiência e contexto histórico. A decisão de Xuela de não gerar filhos, mesmo após a perda de sua mãe, é profundamente enraizada em uma resistência ao sistema patriarcal que historicamente exerce controle sobre o corpo e a reprodução das mulheres. Para Xuela, o amor incondicional que ela não experimentou por meio da relação com sua mãe torna-se um ponto de referência significativo em sua vida. A perda dessa figura materna influencia suas escolhas reprodutivas de maneira decisiva.

Xuela desafia as expectativas sociais ao recusar a maternidade, uma escolha que muitas vezes é imposta como norma para as mulheres. Sua decisão é motivada não apenas por uma visão individualista, mas também por uma resistência mais ampla ao controle patriarcal sobre o útero das mulheres. Ao negar a reprodução, ela busca exercer autonomia sobre seu corpo e reivindicar sua própria narrativa.

Dentro dos atos de resistência aos padrões impostos pelo contexto colonial em que Xuela vive, ela se destaca como uma mulher que não se deixa guiar por dúvidas ou angústias relacionadas às suas escolhas. Ao lidar com a possibilidade de se tornar mãe, ela se desvincula

das preocupações quanto às potenciais punições divinas ensinadas pela colonização, assim como do julgamento de homens e mulheres ao seu redor. A decisão de ser mãe ou não é vista por Xuela como uma escolha pessoal e íntima, na qual ela detém total autonomia e que diz respeito exclusivamente a ela mesma.

O primeiro filho/a que Xuela geraria seria fruto das suas relações com Jacques LaBatte. A mulher de LaBatte contemplaria finalmente que uma mulher que morava em sua casa de favor poderia gerar um filho de seu marido, para que ela pudesse tomar para seus cuidados – Xuela, entretanto, sentiu horror:

Disse que eu estava “de barriga”; disse isso em inglês. Sua voz tinha ternura e empatia, e repetiu várias vezes que eu teria um filho, e então souou um tanto feliz, alisando o cabelo na minha cabeça, acarinhando minha bochecha com as costas da mão, como se eu também fosse um bebê, num estado de irritação com o qual eu não saberia lidar, e seu toque fosse me acalmar. Suas palavras, no entanto, me causaram horror. A princípio não acreditei, e depois acreditei completamente e **logo senti que se havia uma criança dentro de mim eu poderia expulsá-la pela simples força da minha vontade** (Kincaid, 2020, p. 53).

O momento em que Xuela percebe estar grávida representa um ponto crucial em sua narrativa, marcando a confirmação de sua decisão preexistente de não gerar aquela criança. No percurso da história de Xuela, a ausência de uma data específica contribui para criar uma atmosfera atemporal, embora as descrições da narradora sugiram que a trama se desenvolva no início do século XX. A falta de informações detalhadas sobre gestações durante esse período destaca a escassez de recursos e conhecimentos médicos disponíveis na época – quiçá para mulheres negras em uma ilha no Caribe.

Assim, a escolha de Xuela de não gerar seus filhos e filhas, em meio ao caos que Dominica enfrentava sob o domínio da Inglaterra, revela-se como uma opção estratégica de sobrevivência para ela. Em um contexto em que seu povo era alvo de hostilidades e ódio, Xuela não via sentido em contribuir com mais descendentes para enfrentar a mesma animosidade. Sobre isso, hooks aponta que:

Vários de nós somos as crianças não planejadas de mulheres talentosas e criativas cuja vida foi mudada por uma gravidez não planejada ou indesejada. Nós testemunhamos a amargura, a raiva, a frustração com sua situação de vida. E estava claro para nós que não poderia haver qualquer libertação sexual genuína para mulheres e homens sem melhores e mais seguros métodos contraceptivos – sem o direito ao aborto seguro e legal (hooks, 2015, p. 50).

A decisão de não perpetuar sua linhagem era, portanto, uma forma de proteção e resistência diante das adversidades e do antagonismo direcionado à sua comunidade.

Um dia estava sozinha, ainda deitada na cama de Lise; ela havia me deixado só. Me levantei e entrei no quarto do dinheiro de Monsieur LaBatte, e indo até um pequeno saco que só tinha xelins peguei um punhado de moedas. Andei até a casa de uma mulher que hoje está morta, e quando ela abriu a porta botei um punhado de xelins em suas mãos e olhei para o seu rosto. Não falei nada. Eu não sabia seu nome verdadeiro, era chamada de “Sange-Sange”, mas esse não era o seu nome. Ela me deu um copo cheio de xarope preto e grosso para beber e depois me levou até um pequeno buraco num chão de terra para que eu me deitasse. Passei quatro dias ali, meu corpo um vulcão de dor; nada aconteceu, e por quatro dias depois daquilo o sangue escorreu por entre minhas pernas lenta e continuamente como uma fonte infinita. E então cessou. A dor não se parecia com nada que eu já tivesse imaginado, era como se fosse a própria definição de dor; todas as outras dores eram apenas uma referência a ela, uma imitação dela, uma aspiração a ela. Eu me tornei uma nova pessoa, soube de coisas que não sabia antes, soube de coisas que só pode saber quem já passou pelo que eu tinha acabado de passar. Eu tinha segurado minha vida nas minhas próprias mãos (Kincaid, 2020, p. 55).

Essa foi a primeira de muitas decisões que Xuela tomaria em relação a não gerar nenhum dos seus filhos, colocando-a em um estado reflexivo e conflituoso em relação à sua visão de mundo. Essa ruptura com a decisão de ter ou não filhos situa a mulher em um espaço de introspecção, marcado por conflitos internos sobre a percepção da maternidade. Além da escolha de não perpetuar sua linhagem, a opção de Xuela por não se tornar mãe está intrinsecamente ligada à sua busca por liberdade. Ao explorar a obra de Jamaica Kincaid, é notável que, apesar das contaminações religiosas e das normas ético-morais conservadoras ocidentais, Xuela está profundamente interessada nas sensações e no prazer sexual em si.

Essa abordagem pode parecer impactante à luz das expectativas sociais e religiosas, mas é no tecido narrativo que reconhecemos a autenticidade e as verdades compartilhadas por muitas mulheres que, ao longo da história, se uniram para evitar a geração de filhos indesejados, muitas vezes concebidos em circunstâncias adversas. A decisão de Xuela não é apenas uma manifestação de sua autonomia, mas também uma escolha que emerge de relações que ela optou por viver. Mesmo nesse espaço de liberdade individual, sua decisão não a isenta da alteridade perante o sistema colonial que continua a moldar sua realidade. Essa complexidade ressalta a riqueza da representação de Xuela como uma figura que transcende as narrativas

convencionais sobre maternidade e sexualidade, desafiando as normas e expectativas estabelecidas²³.

A forma insalubre pela qual Xuela e outras mulheres interrompiam suas gestações, escondidas em buracos para cessar a gravidez ou arriscando suas vidas, destaca uma realidade precária e perigosa que muitas mulheres enfrentavam. Essa prática ressoa, em muitos aspectos, com as condições vivenciadas por mulheres em favelas e zonas periféricas espalhadas pela América Latina na contemporaneidade. Apesar dos avanços conquistados pelo movimento feminista, que assegurou direitos como o acesso a métodos contraceptivos, é evidente que a luta pelo direito reprodutivo das mulheres ainda enfrenta desafios consideráveis. Atualmente, embora as mulheres tenham conquistado o direito ao uso de preservativos e a uma variedade de métodos contraceptivos, a persistência de movimentos conservadores coloca em xeque esses avanços. Esses grupos, muitas vezes fundamentados em valores morais e religiosos, questionam e buscam restringir o acesso das mulheres a serviços e informações relacionadas à saúde reprodutiva. A disparidade de uma mulher periférica do século XX talvez não tenha mudado tanto para as mulheres durante os anos setenta, como aponta hooks:

Mulheres que, como eu, estavam no fim da adolescência quando a pílula começou a ser amplamente distribuída estavam livres do medo e da vergonha da gravidez indesejada. O controle de natalidade responsável libertou muitas mulheres – que, como eu, eram pró-escolha, mas não necessariamente defendiam o aborto para nós mesmas – de ter que confortar a questão pessoalmente. Enquanto nunca tive uma gravidez indesejada no auge da libertação sexual, muitas de minhas parcerias viram o aborto como uma opção melhor do que o uso consciente e cauteloso de pílula anticoncepcionais. E elas com frequência usaram o aborto como método de controle de natalidade (hooks, 2015, p. 51).

A situação de Xuela, representativa de uma prática perigosa e clandestina para interromper gestações, lança luz sobre as semelhanças contemporâneas nas quais mulheres marginalizadas enfrentam desafios semelhantes em busca de autonomia reprodutiva. A capacidade de falar e opinar sobre o aborto deve reconhecer a diversidade de experiências e vivências das mulheres. É importante considerar que diferentes contextos sociais, culturais e históricos moldam as perspectivas individuais. No entanto, é crucial garantir que as vozes das mulheres, especialmente daquelas que historicamente foram marginalizadas, sejam ouvidas e

²³ Sobre o assunto ver: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/especiais/como-os-abortos-acontecem-nas-favelas-e-periferias-brasileiras/>

respeitadas. O debate sobre o aborto é intrinsecamente ligado à autonomia reprodutiva, e as vozes de mulheres devem ser centralizadas nessa discussão.

Reconhecer a complexidade das experiências individuais, levando em conta as diferentes interseccionalidades, é fundamental para construir um diálogo inclusivo e para avançar em direção a políticas e práticas que respeitem a diversidade de escolhas reprodutivas. Entretanto, é relevante ressaltar que essa discussão politizada está mais voltada para refletir sobre as respostas ou a falta delas diante do histórico de negligência que mulheres racializadas enfrentam há séculos. Talvez, para Xuela, essas questões tenham uma importância limitada, assim como para os pais de seus filhos, os quais podem ou não se importar com o fato de ela nunca ter tido descendentes.

Sentindo meu útero se contrair, cruzei o quarto ainda nua; pequenas gotas de sangue escoavam dentro de mim, **provas da minha recusa em aceitar seu presente silencioso**. E Roland olhou para mim, o rosto expressando confusão. Por que eu não carregava seus filhos? Ele sentia os momentos em que eu estava fértil, e no entanto todos os meses o sangue saía de mim, e todos os meses eu tinha certeza quanto a sua chegada e sua partida, e ficava sempre extasiada com a exatidão dos meus cálculos (Kincaid, 2020, p. 106, grifos nossos).

Xuela, por sua ancestralidade afro-caribenha e a herança de seus antepassados escravizados, possuía uma vivência intrínseca às dinâmicas de poder, controle e marginalização, e tais questões a tornaram uma agente diferente nesse processo de resistência, além da ausência de sua mãe e de um amor que ela nunca sentiu. Nesse sentido, sua voz e perspectiva sobre o aborto carregavam não apenas uma dimensão individual, mas também uma carga histórica e cultural que influenciava diretamente suas percepções – e é desta forma que Xuela faz sua potente e forte reflexão sobre gerar filhos/as:

Eu geraria bebês, mas jamais seria mãe deles. Eu os geraria em abundância; eles emergiriam da minha cabeça, das minhas axilas, por entre minhas pernas; eu geraria bebês, eles penderiam de mim como frutos de uma videira, mas eu os destruiria como a indiferença de um deus. Geraria bebês pela manhã, eu os banharia ao meio-dia em uma que viria de mim mesma, e os comeria à noite, engolindo-os por inteiro, de uma só vez. Eles viveriam e então não viveriam mais. No dia de vida que teriam, eu os levaria até a beira de um precipício. Não os empurraria; não seria necessário; as vozes doces de prazeres incomuns os chamariam lá do fundo; eles só descansariam quando se unissem a esses sons. Eu cobriria seus corpos de doenças, enfeitaria suas peles com chagas de crostas finas, as feridas porejando um pus grosso pelo qual ficariam sedentos uma sede que nunca poderia ser saciada. Eu os condenaria a viver em um espaço vazio, imobilizados na mesma posição em que tinha nascido. Eu os jogaria de uma altura enorme; todos os ossos de seus corpos se

quebrariam e os ossos jamais fixariam direito, se recompondo do jeito que foram quebrados, não se recuperando nunca. Eu os adornaria quando fossem apenas cadáveres e poria cada cadáver em uma caixa de madeira lustrada, e botaria a caixa de madeira lustrada na terra e esqueceria em que parte da terra havia enterrado a caixa. Foi assim que não me tornei mãe; foi assim que gerei meus filhos (Kincaid, 2020, p. 60 e 61).

A decisão imperativa de Xuela de não gerar filhos ressoa nos conflitos de abandono que ela própria experimentou ao não se sentir acolhida por seu pai e por sua família na ausência de sua mãe. A descrição simbólica de como ela escolhe não ter filhos confirma sua solidão ao longo do curso de sua vida. Mesmo Philip, o homem com quem ela se casa, não pode preencher o vazio deixado pelo sentimento de uma mulher que veio ao mundo sozinha e permanecerá assim. Xuela não se percebe como uma mãe, pois não experimentou o afeto de sua mãe quando nasceu. Parece que ela compreende que não pode seguir um caminho que nem mesmo sua mãe pôde percorrer; assim, ela começa a reescrever a autobiografia de sua mãe, iniciando esse processo pela maternidade.

A recusa de Xuela em se tornar mãe não é apenas uma escolha pessoal, mas também uma resposta profunda às ausências e lacunas afetivas em sua própria história. Ao se distanciar da maternidade, ela confronta e questiona as expectativas sociais e as experiências dolorosas que moldaram sua percepção da maternidade. Essa decisão, permeada por um simbolismo poderoso, é um ato de autodeterminação e redefinição de sua identidade em relação ao papel tradicionalmente atribuído às mulheres.

Ao reescrever a autobiografia de sua mãe através da recusa em seguir o caminho da maternidade, Xuela não apenas desafia as normas sociais, mas também constrói uma narrativa própria, baseada em sua experiência única e nas complexidades de sua relação com a figura materna. Essa reescrita simbólica destaca o poder da autonomia individual na busca por significado e autenticidade em meio às complexidades das experiências coloniais e pós-coloniais.

Ao longo dos séculos, mulheres de todas as raças foram condenadas pela mão da Igreja e dos homens, enfrentando perseguições, torturas, execuções públicas e difamações como bruxas. O medo enraizado na cultura ocidental, centrado na narrativa da Eva que come a maçã e condena a humanidade por suas escolhas, permeia a mentalidade predominante no mundo. Quando a crítica literária se debruça sobre o papel dessas figuras femininas, ela proporciona um espaço para resgatar histórias apagadas e verdades difíceis de aceitar. Xuela é uma expressão dessa verdade, representando as mulheres que encontraram, mesmo na

clandestinidade da noite ou batendo na porta de uma senhora que dominava o uso das plantas locais, uma maneira de interromper o ciclo da vida.

Durante sua vida, Xuela nega obstinadamente o caminho da maternidade, reconhecendo no sexo o prazer que procura, mas impedindo que o ciclo de nove meses se complete. Mulheres que dominaram o conhecimento das ervas, transmitindo narrativas ancestrais, protegiam umas às outras em um legado escondido por séculos de perseguição e colonização. As bases de suas decisões em não gerar vidas, ancoradas na palavra religiosa e no receio de um preço espiritual impagável, acrescentam uma dimensão complexa ao posicionamento moral dos homens. Ao negar esse ciclo, sugere-se uma resistência não apenas contra normas sociais, mas também contra os valores religiosos e espirituais frequentemente utilizados para subjugar as mulheres.

A recusa de Xuela em seguir o caminho tradicionalmente designado para as mulheres não apenas desafia as estruturas sociais e patriarcais, mas também confronta diretamente as normas religiosas que historicamente foram usadas para controlar e limitar as vidas das mulheres. Essa resistência é um ato de autonomia e uma reivindicação do direito das mulheres de determinar seus próprios destinos, inclusive em questões tão íntimas quanto a reprodução: “Eu tinha conhecido essa planta em uma das minhas várias perambulações enquanto libertava meu útero dos fardos que eu não queria carregar, fardos que eram consequência do prazer” (Kincaid, 2020, p. 124).

Assim, Xuela emerge como um simulacro dessas mulheres, sugerindo uma complexidade na construção da personagem. Ela incorpora elementos simbólicos e culturais associados às mulheres que detinham conhecimentos alquímicos no Caribe. Essa representação pode ser interpretada como uma homenagem a essas figuras e, ao mesmo tempo, uma reflexão profunda sobre a herança cultural e a resistência feminina na região. Xuela personifica a força dessas mulheres, carregando consigo as nuances de uma tradição muitas vezes esquecida ou marginalizada.

3.4 XUELA CLAUDETTE RICHARDSON: A AUTOBIOGRAFIA DA MINHA MÃE

Penso ser pertinente, neste ponto, trazer meu olhar pessoal de pesquisador em contraposição ao leitor imaturo, termo atribuído por Umberto Eco em *Seis caminhos pelos bosques da ficção* (2003), no qual Eco afirma que todo leitor, ao concluir um romance quando imaturo, nunca consegue verdadeiramente sair da narrativa, carregando consigo os conflitos sinestésicos oferecidos pelo texto. Ao encerrar pela terceira vez a leitura de *A autobiografia de*

minha mãe, compreendi que a dor de Xuela é um caminho para a entidade que muitos consideram crucial na perspectiva ocidental – o amor de pai, especialmente o amor de mãe.

Imaturo, conforme Eco descreve, certa vez, em uma conversa com minha mãe, que representa para mim a personificação da mãe moldada por perspectivas religiosas, maternas, amorosas e carinhosas, perguntei-lhe se ela se recordava de minha avó, e durante horas compartilhou histórias delas, das mães, das avós, dessas mulheres. Conversei também com minha irmã, que sentiu o ressentimento da maternidade, e com uma amiga que se tornou mãe logo após o ensino médio. Explorei o tema da maternidade com diversas pessoas, buscando compreender o conceito de amor materno e como se vive sem ele quando a vida é marcada pelo abandono, desigualdade social e pelo paradigma de mundo criado por um grupo específico há séculos e que, de certa forma, persiste até hoje.

Com o tempo, percebi que eu, imaturo como Eco descreve, estava tentando preencher o vazio do amor materno que Xuela não teve, como se quisesse ajudá-la a compreender esse aspecto. Busquei nas entrevistas da autora, Jamaica Kincaid, as razões por trás das escolhas de Xuela em sua busca pela existência em meio ao caos, sem sua mãe e, ao mesmo tempo, com um pai vivo, mas ausente. Kincaid não me forneceu respostas, afirmou que, dentre todos os romances que escreveu, este era o menos autobiográfico. Meu *corpus* era uma obra de ficção que, segundo a autora, sequer se aproxima de sua vida pessoal.

Ao longo dos anos de pesquisa, frequentemente em conflito, percebi que é esse, exatamente, o poder da Literatura – da escrita de mulheres esquecidas no esquema da vida colonial. Entendi que, se a Literatura é a arte da palavra, eu, com minha imaturidade de leitor, havia experimentado essa sensação. Portanto, é através dessa reflexão que iniciamos a última parte desse estudo.

Xuela Claudette Desvarieux – esse era o nome da mãe de Xuela Claudette Richardson. A presença da mãe de Xuela é como uma lacuna sem resposta, um vazio na vida e na ausência de identidade da protagonista de *Autobiografia da Minha Mãe*. Essa busca de identidade, de pertencimento, de se fazer existir, ocorre desde o momento em que ela nasce até o momento em que se torna uma mulher madura, imersa em seu corpo, no mar e nas montanhas de Dominica. Xuela empreende uma jornada em meio às tragédias de sua história e de seu povo, atravessando as transformações demográficas do Caribe e da África. Sua busca por identidade reflete a complexidade de sua existência, permeada pela ausência materna e pela necessidade intrínseca de se sentir parte de um contexto maior.

Ao explorar as camadas de sua própria história, Xuela procura entender seu lugar no mundo, sua conexão com suas origens e como ela pode se afirmar diante das adversidades. A

história de Xuela é marcada por uma constante exploração de suas raízes e uma tentativa de preencher o vazio deixado pela ausência materna.

E essa percepção de perda e ganho me fez olhar para trás e para frente: no início havia uma mulher cujo o rosto eu nunca vira, mas no final não havia mais nada, ninguém entre mim e o quarto escuro do mundo. Passe a sentir que por toda a minha vida estive parada à beira do precipício, **que minha perda tinha me tornado vulnerável, dura e indefesa**; ao me dar conta disso **fui dominada por tristeza e vergonha e pena de mim mesma** (Kincaid, 2020, p. 7, grifos nossos).

A reflexão de Xuela sobre ter estado "parada à beira do precipício" ao longo de sua vida destaca a sensação de estar à beira do desconhecido, à mercê das complexidades da existência. A perda da mãe é apresentada como um ponto de virada que a torna vulnerável, dura e indefesa. Xuela é uma mulher fragmentada, marcada não apenas por viver à margem do esquecimento social devido a questões de raça, gênero e classe, mas também por retornar à sua casa, ao seu santuário, sem o amor materno. Essa intensa busca pelo amor materno, que ela mesma nega aos filhos que nunca chegam a existir, complementa diretamente o que chamamos de "deslocamento emergente afetivo" – uma fuga constante em busca de raízes ao longo de sua jornada de vida. Esse encontro com o amor materno talvez nunca plenamente vivenciado por ela, manifesta-se, como já observado, em seu corpo e em sua blindagem emocional.

Mas quem era a Xuela Claudette Desvarieux? Xuela já tinha consciência de que sua mãe fazia parte dos derrotados, integrando o grupo de homens e mulheres que foram exterminados antes mesmo de seu nascimento. Essa comunidade de caribenhos nativos da ilha havia sido dizimada, alguns mortos e outros levados à força para diferentes partes do mundo como escravos.

Para Xuela Richardson, essa busca era uma maneira de reconectar-se com sua ancestralidade, de encontrar seu lugar no mundo e atribuir valor à sua existência mesmo que, aos olhos das outras personagens, Xuela fosse simplesmente uma mulher solitária, esquecida pelas contingências da vida. Porém, até mesmo os sujeitos esquecidos nesse esquema possuem uma história e a mãe de Xuela era uma delas.

“Meu nome é Xuela Claudette Desvarieux”. Esse era o nome da minha mãe, mas não posso dizer que era um nome verdadeiro, pois em uma vida como a dela, assim como na minha, o que é um nome verdadeiro? Meu nome é o nome dela, Xuela Claudette, e em vez de Desvarieux é Richardson, o sobrenome do meu pai; mas quem são essas pessoas, Claudette, Desvarieux e Richardson? Examinar essa questão, olhar para ela, só poderia encher a pessoa de por si mesma. Pois o nome de uma pessoa é ao mesmo tempo sua

história recapitulada e resumida, e ao declará-lo a pessoa se eleva ou se rebaixa, e a pessoa que o ouve eleva ou rebaixa aquela que declarou (Kincaid, 2020, p. 52).

A complexidade das identidades no contexto colonial, em que os nomes são mais do que meras designações; são registros de histórias complexas e resumos de experiências. Xuela reflete sobre seu nome, que é uma amálgama das identidades de sua mãe e de seu pai. A incerteza sobre a autenticidade dos nomes reflete a incerteza em torno das próprias identidades das personagens, dado o contexto colonial que muitas vezes apagava e distorcia as identidades originais. A reflexão sobre a natureza dos nomes destaca como essas designações carregam consigo não apenas a história, mas também o poder de elevar ou rebaixar, sugerindo a carga social e cultural associada aos nomes em uma sociedade colonial.

A ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornam totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a estória do sujeito moderno. Eu a adoto aqui como um dispositivo que tem o propósito exclusivo de uma exposição convincente. Entretanto, esta formulação simples tem a vantagem de me possibilitar (no breve espaço deste livro) esboçar um quadro aproximado de como, de acordo com os proponentes da visão do descentramento, a conceptualização do sujeito moderno mudou em três pontos estratégicos, durante a modernidade (Hall, 2005, p. 24).

Quando Hall aborda a análise da identidade fragmentada do sujeito, ele reconhece a presença de uma hibridização que perdura há muito tempo. No caso de Xuela, a busca se estende do passado para o presente, uma jornada para compreender os motivos por trás de suas experiências, buscando entender as razões que moldam a realidade atual. Ao longo de toda a sua trajetória, a presença de Alfredo, seu pai, tornou-se um desafio para que ela pudesse compreender as razões de como ele a tratava ou por que preferia a ambição à conexão paterna com sua filha. Dois pontos são relevantes nesse contexto: a sensação de culpa de Xuela pela morte de sua mãe no momento de seu nascimento e a percepção de seu pai, que entende que a morte da mãe de Xuela não teria ocorrido se ela não existisse. Dessa forma, a presença da mãe de Xuela se torna um reflexo fantasmagórico que percorre a vida da protagonista, conectando-a à sua busca de identidade e à ancestralidade que lhe foi negada.

Mesmo que seu povo não exista mais, Xuela conduz sua busca pela existência de sua mãe, procurando memórias para compreender como ela poderia ter sido. Esse retorno forçado à ideia de pertencimento ressalta que, sob o domínio do poder colonial em Dominica, a existência de memórias, desejos, ideologias, conceitos, educação e religião para as pessoas

locais era desconsiderada. O que restava era apenas a sua identificação racial, vista do Norte como uma raça de renegados. Na busca de Xuela, ela procura informações sobre sua mãe para reconstruir sua própria identidade e, assim, sentir-se parte de algo maior.

Minha mãe fora deixada no portão de um convento quando tinha talvez um dia de vida por uma mulher que acreditavam ser sua mãe; estava embrulhada em retalhos de pano velho e limpo, e o nome Xuela estava escrito nesses retalhos; estava escrito em uma tinta de cor anil, uma tinta extraída de uma planta. **Não a encontraram porque estava chorando; mesmo quando recém-nascida, ela não chamava a atenção para si. Foi encontrada por uma mulher, uma freira que estava indo provocar mais estragos na vida dos remanescentes de um povo que estava desaparecendo; o nome dela era Claudette Desvarieux. Batizou minha mãe com o próprio nome, deu à minha mãe seu próprio nome; como o nome Xuela sobreviveu, não sei, mas meu pai o deu a mim quando ela morreu, logo depois que nasci** (Kincaid, 2020, p. 52, grifos nosso).

O primeiro nome de Xuela, herdado de sua mãe, ressoa como um eco da ancestralidade perdida. Enquanto os registros oficiais podem silenciar ou distorcer a história de um povo, o nome Xuela persiste como uma tentativa de resgate dessa identidade esquecida. Em meio ao apagamento cultural imposto pelo colonialismo, a escolha do nome pela freira revela a instrumentalização da religião como uma ferramenta de subjugação e domínio. A própria Xuela, ao longo de sua jornada, busca desesperadamente suas origens, mergulhando nas memórias fragmentadas da mãe. A ausência de um relato direto da mãe, incapaz de verbalizar sua história, simboliza não apenas sua condição individual, mas também o silenciamento coletivo da comunidade nativa.

O silêncio da mãe, em seus primeiros dias de vida, é paradigmático da narrativa colonial que não apenas aniquila vidas, mas também sufoca vozes e memórias. Xuela, ao internalizar esse legado de silenciamento, empreende uma busca pessoal que transcende o âmbito individual, transformando-se em uma jornada pela reconstrução da identidade e da história de um povo marginalizado.

Ao aceitar o primeiro nome de sua mãe como o seu próprio, Xuela reivindica uma conexão com uma linhagem que foi deliberadamente apagada. Sua busca pela verdade, suas raízes e seu próprio ser ressoam como um ato de resistência contra a narrativa colonial hegemônica. Essa escolha de nomenclatura não é apenas uma questão de identidade pessoal, mas uma afirmação de pertencimento a uma linhagem esquecida, uma tentativa de restaurar o que foi sistematicamente apagado.

Annie John (2023), primeiro romance de Jamaica Kincaid, nos conduz por um caminho narrativo que contrasta com a trajetória de Xuela em *A Autobiografia de Minha Mãe*. Aqui, a presença do materno é evidente e fundamental na vida de Annie. Sua história se desenrola desde a infância até os dezenove anos, abrangendo um período significativo de seu desenvolvimento, quando se muda para Inglaterra para estudar. Ao contrário de Xuela, Annie não experimenta o vazio causado pela ausência materna. Sua mãe é uma figura constante, proporcionando-lhe amor e apoio emocional. “Como eu me sentia importante por estar com minha mãe” (Kincaid, 2023, p. 19). Esse contraste destaca não apenas as diferentes narrativas individuais, mas também as complexas dinâmicas familiares e sociais que moldam as vidas das mulheres na obra de Kincaid.

Minha mãe e eu com frequência tomávamos banho juntas. Às vezes era apenas um banho simples, que não levava muito tempo. Em outras era um banho especial com cascas e flores de muitas árvores diferentes, misturadas com diversos óleos e fervidas no mesmo caldeirão grande. Então nos sentávamos na banheira em um ambiente escuro com uma vela de cheiro estranho acesa (Kincaid, 2023, p. 18).

A relação entre Annie e sua mãe, diferentemente da dinâmica complexa vivida por Xuela, é caracterizada por uma forte conexão e apoio contínuo. Esse relacionamento oferece a Annie uma base emocional e uma sensação de identidade que permeia sua jornada de crescimento. Ao contrário da solidão e da ausência que marcam a vida de Xuela, Annie encontra conforto e suporte na presença constante de sua mãe. Contudo, é importante ressaltar que, apesar das nuances individuais, as narrativas de Annie e Xuela compartilham o contexto colonial que moldou as estruturas sociais e educacionais em suas respectivas ilhas caribenhas. Ambas frequentaram escolas que seguiam metodologias fundamentadas nos princípios da educação britânica para as colônias, destacando a persistência das influências coloniais na vida cotidiana e na formação das personagens.

Essa abordagem educacional reflete não apenas a imposição cultural e ideológica dos colonizadores, mas também ressalta as tentativas de controle sobre a identidade e a consciência das populações colonizadas. Portanto, mesmo diante das diferenças nas experiências individuais das protagonistas, ambas são afetadas por um legado colonial que permeia suas vidas desde a infância.

O contexto geográfico e social também desempenha um papel crucial na construção das personagens e de suas experiências. A mudança de Dominica para Antígua introduz uma dinâmica específica, em que a mãe de Annie enfrenta desafios inerentes à sua condição de

mulher em um ambiente que muitas vezes marginaliza e explora as mulheres. A escrita de Kincaid, permeada por sua poesia e verossimilhança, revela-se como uma poderosa ferramenta para explorar a interseccionalidade das mulheres que buscam dar voz às suas histórias em meio às problemáticas desiguais de gênero, classe e raça. Tanto em *A Autobiografia de Minha Mãe* quanto em *Annie John*, as narrativas refletem as complexidades e desafios enfrentados por mulheres caribenhas em contextos coloniais e pós-coloniais.

Ao adotar uma abordagem poética, Kincaid mergulha nas emoções e experiências das personagens, proporcionando uma compreensão mais profunda de suas lutas e triunfos. A verossimilhança presente em suas histórias cria uma conexão íntima entre as personagens e os leitores, permitindo uma imersão mais completa nos mundos que elas habitam. A interseccionalidade, considerando as diferentes dimensões de identidade, como gênero, classe e raça, é habilmente abordada por Kincaid, destacando as interações complexas desses elementos na formação da experiência das mulheres caribenhas. Essas obras não apenas oferecem narrativas ricas e envolventes, mas também contribuem para ampliar a compreensão da diversidade de vozes femininas e suas lutas por autodeterminação e reconhecimento.

Nesse espaço multifacetado das problemáticas relações familiares, Annie, ao crescer, começa a enxergar sua mãe não apenas como uma figura materna amorosa, mas também como uma mulher que, de certa forma, tenta impedir seu crescimento pessoal. Esse desenvolvimento na percepção de Annie ilustra como as relações familiares podem se tornar arenas complexas de conflito e negociação, especialmente em contextos culturais e sociais específicos; “Por causa desse negócio de mocinha, em vez de passar os dias em perfeita harmonia com minha mãe, eu seguindo os passos dela, ela me cobrindo de beijos e afeição e atenção, agora me mandavam aprender uma tarefa ou duas” (Kincaid, 2023, p. 29).

A escolha de Annie de se mudar para a Inglaterra para estudar revela uma busca por autonomia e identidade fora do contexto insular de Antígua. Enquanto Xuela se distancia para encontrar suas raízes, Annie busca se desvencilhar das amarras familiares para forjar seu próprio caminho no mundo. Dessa forma, *Annie John* oferece uma exploração rica e multifacetada das relações familiares, identidade e busca por autonomia, adicionando outra dimensão à narrativa da diáspora caribenha de Kincaid.

Contudo, ao contrário de Annie, Xuela teve que se autoafirmar para sobreviver na presença perigosa de seu pai e das pessoas ao seu redor. Diante desse ambiente hostil, ela construiu uma blindagem dentro de seu próprio corpo, que via como um templo. A incessante busca das populações colonizadas por suas identidades reflete a maneira pela qual tentam se integrar à história, uma busca que se torna particularmente desafiadora para as mulheres,

especialmente as racializadas. A reflexão da crítica feminista decolonial, ao destacar essa necessidade, aponta a importância das narrativas de mulheres como Xuela na compreensão das complexidades das experiências femininas em contextos coloniais e pós-coloniais. Essas narrativas se tornam instrumentos poderosos para desvelar as camadas de opressão e resistência presentes nas vidas das mulheres racializadas.

Assim sendo, parece manter a história de sua mãe viva, mesmo que apenas dentro da sua memória, Xuela verbaliza a presença de como sua mãe, que tinha o seu nome, fora uma dessas mulheres esquecidas no esquema de exploração.

Ela era alta (é o que me dizem – não a conheci, ela morreu no momento em que nasci); o cabelo era preto, os dedos eram compridos, as pernas eram compridas, os pés eram compridos e estreitos com um dorso alto, o rosto era magro e ossudo, o queixo era fino, as maçãs eram altas e largas, os lábios eram finos e largos, o corpo era magro e comprido; nunca tenha dito nada muito importante, ninguém nunca me falou sei que língua falava (Kincaid, 2020, p. 119).

A descrição da mãe de Xuela representa uma maneira pela qual a protagonista procura manter viva a *persona* que poderia contribuir para sua formação pessoal, sua autonomia como agente de suas próprias escolhas. Na construção tradicional da identidade, a expectativa era de um conceito pré-moldado de educação familiar. Com os avanços sociais e os movimentos de minorias, compreendemos que o conceito de família é amplo e plural, adaptando-se ao espaço e ao tempo. Contudo, no contexto específico de Xuela, conforme detalhado anteriormente, a ausência de uma base familiar que pudesse amá-la a deixou em um estado defensivo perante os desafios, sem sentir-se segura ou pertencente a alguém, senão a si mesma. Embora Xuela esperasse ser amada por seu pai, por mãe Eunice, por sua madrasta que a desprezava, por madame LaBatte, e mesmo pelos homens com quem se relacionava, a busca por afeto e pertencimento permaneceu um desafio constante em sua vida.

Xuela descobriu sozinha a maneira de se realocar em Dominica e explorar as ancestralidades hibridizadas das religiões e costumes, que geralmente são transmitidos dentro das gerações familiares ou na presença de alguém que esteja conectado à sua história. Ao deixar a casa dos LaBatte, em busca de afirmar sua narrativa, reconhecer Roseau, percorrer as montanhas e o mar, Xuela se depara com uma cotia, e curiosamente, o animal a segue:

Na estrada entre Roseau e Potter's Ville, fui seguida por uma enorme cotia cujos movimentos não era ameaçadores. Ela parava quando eu parava, olhava para trás quando eu olhava para trás para ver o que ela estava fazendo – não

sei o que ela via atrás de si -, andava quando eu andava [...] Não precisei atravessar a nado a foz do rio Belfast: a maré estava baixa. Pouco antes de chegar a St. Joseph, em Layou, **rodopiei três vezes e gritei meu nome e fiz a cotia adormecer atrás de mim** (Kincaid, 2020, p. 55, grifos nossos).

Nos espaços latino-americano e caribenho, há uma forma diferenciada de se olhar o mundo, de compreender como as conexões metafísicas se sustentam em comparação ao Norte Global. A forma e a maneira como os costumes e crenças se solidificam tornam o Sul Global, neste quesito, uma área rica em manifestações "mágicas" e em costumes herdados dentro das ancestralidades locais e das trazidas da África pela furiosa Diáspora Negra. Tais passagens, portanto, quando se assemelham a ritos religiosos ou a acontecimentos sem explicação, reforçam o conceito de Realismo Mágico²⁴ presente neste território. Sendo Xuela uma mulher que permeia esse espaço, ela, assim como outras personagens na obra, são descendentes dos "poderes" e manifestações que são específicos da América Latina e do Caribe.

Xuela, ao encontrar a cotia que a segue, revela uma conexão simbólica e metafórica com o meio ambiente ao seu redor. A cotia, neste contexto, pode ser interpretada como uma espécie de guia espiritual ou mensageira, refletindo a presença das forças da natureza na vida de Xuela. A relação com o animal sugere uma comunhão mais profunda com a terra e suas energias, incorporando elementos do realismo mágico característico da literatura latino-americana.

Esses elementos mágicos e simbólicos na narrativa de Xuela também refletem a riqueza das tradições culturais da região, que muitas vezes estão entrelaçadas com as práticas espirituais e folclóricas transmitidas através das gerações. A presença da cotia como um companheiro espiritual destaca a complexidade das conexões entre os seres humanos e o ambiente ao seu redor, algo que muitas vezes é negligenciado em perspectivas culturais mais ocidentalizadas. O mesmo movimento acontece quando Xuela morava com a sua madrasta, e

²⁴ O realismo mágico é uma tendência de gênero literário que surge como uma espécie de 'resposta' de vanguarda ao fantástico europeu. Visa desenvolver reações às ditaduras então vigentes na América Latina. Enquanto nomenclatura, a primeira vez que é abordado, o termo faz parte do universo da pintura, em 1925, com Franz Roh. Mais adiante, o venezuelano Arturo Uslar Pietri usa essa mesma nomenclatura na literatura, em 1948. Pouco a pouco, o nome vira conceito e, logo, uma tendência de produzir literatura que represente essa zona cultural denominada América Latina/Caribe em todas as suas múltiplas facetas. O realismo mágico mostra a realidade a partir de uma perspectiva incomum, mas nesse caso, o sobrenatural e a realidade não são contraditórios porque a realidade já é peculiar por excelência e nela há, naturalmente, um sentido mágico. Por isso, o termo está constituído de real+ismo + mágico; ou seja, um conjunto de real - um realismo - o qual, por si só, já é mágico! Infelizmente, muitos pesquisadores preferem denominar de realismo maravilhoso, misturando os termos e épocas em que surgiram, pois primeiramente surgiu o realismo mágico e, depois, o real maravilhoso de Carpentier. Nessa realidade que é dada como naturalmente mágica, os elementos de disposta magia constituem a normalidade das personagens, as quais não colocam à prova nem necessitam de evidências acerca de certos fenômenos que nesse lugar se desenvolvem. (Explicações advindas da aula da professora Leoné Astride Barzotto, na disciplina "O discurso crítico da América Latina", PPGL-UFGD, 2021).

ela pede que Xuela use um colar de presente, e, ao se negar, Xuela coloca o colar em um cachorro que enlouce e morre. Portanto, a experiência de Xuela com a cotia não é apenas uma manifestação de elementos mágicos, mas também uma representação da ligação profunda entre a protagonista e as forças naturais que permeiam sua existência. Essa dinâmica ressoa com a rica tradição de narrativas que exploram as relações entre seres humanos, natureza e espiritualidade no contexto latino-americano e caribenho.

Assim, outra passagem na obra reformula tais manifestações mágicas e que não precisam de explicações, pois, naturalmente, fazem parte daquele povo e cultura. Todavia, todas essas passagens são vivenciadas por Xuela, que aprendeu sozinha a história e lendas de Dominica. Ainda quando criança, Xuela ia à escola com um grupo de meninos e muitas vezes precisavam atravessar um rio, equilibrando o material escolar na cabeça. Enquanto faziam a travessia do rio, avistaram uma mulher ao longe, uma figura etérea que, de acordo com a narrativa, não poderia ser vista por todos. Esse evento é mais uma instância de realismo mágico que permeia a obra de Kincaid:

Era uma mulher linda, mais linda do que qualquer mulher que já tivéssemos visto na vida, linda de uma maneira que fazia sentindo para nós, não no estilo europeu: era marrom-escura a pele, o cabelo era preto e brilhoso e enrolado em pequenos caracóis por toda a cabeça. O rosto era como uma lua, uma lua suave, marrom, reluzente (Kincaid, 2020, p. 26).

Essa aparição, cercada por frutas, chamava a atenção daquelas crianças a caminho da escola. Assustadas com a presença divina daquela mulher, Xuela e as outras crianças se afastaram, exceto por um garoto que seguiu a voz da mulher. Exausto de tanto nadar e nunca chegar perto da mulher, ele acabou afundando e desaparecendo: “só vimos o topo da sua cabeça, só víamos suas mãos; em seguida não víamos mais nada, só uma série de círculos se formando onde ele estava antes, como se uma pedra tivesse sido jogada ali” (Kincaid, 2020, p. 26). A presença da mulher associada a frutas sugere uma conexão simbólica com a natureza e a fertilidade, elementos que são frequentemente explorados em contextos místicos e culturais.

Ele desapareceu ali e nunca mais foi visto. A mulher não era mulher; era algo que adquirira a forma de uma mulher. Era quase como se a realidade desse terror fosse tão esmagadora que tivesse virado um mito, como se tivesse acontecido muito tempo antes e com outras pessoas, não conosco (Kincaid, 2020, p. 27).

A sugestão de que esse evento poderia ser interpretado como um mito, algo que aconteceu muito tempo antes e com outras pessoas, destaca a natureza atemporal e misteriosa desse fenômeno. Essa técnica literária permite que Kincaid explore não apenas os eventos físicos, mas também as percepções e interpretações dos personagens em relação ao que testemunharam. O uso de elementos míticos amplia a complexidade da narrativa, oferecendo camadas adicionais de significado e reflexão sobre a natureza da realidade na obra – reforçando assim, o Realismo Mágico na diegese.

Xuela, nesse quesito, não se dá por convencida ao afirmar que as pessoas, incluindo seu pai, não acreditavam no que ela e aquelas crianças viram. Novamente, ela se vê, mesmo que criança, desprovida de um amparo para discutir o que acabara de vivenciar. Essa constatação ressalta a solidão de Xuela e a falta de compreensão por parte da comunidade em relação às suas experiências e perspectivas únicas. A recusa das pessoas em acreditar no extraordinário evento presenciado pelas crianças destaca a desconexão entre a visão de mundo de Xuela e a compreensão coletiva da realidade. Essa dinâmica contribui para a construção do isolamento emocional e espiritual de Xuela ao longo da narrativa, destacando a complexidade de sua jornada e o confronto constante entre sua individualidade e as expectativas sociais.

Isso já não é inexplicável para mim. Tudo que nos diz respeito é visto com dúvida, e nós, os vencidos, é sem amor, tudo o que é sem misericórdia. Nossa experiência não pode ser interpretada por nós: não sabemos a verdade dela. Nosso Deus era o correto, nossa compreensão do paraíso e do inferno não era respeitável. A crença naquela aparição de uma mulher nua de braços estendidos chamando um garotinho para a morte e crença dos ilegítimos, dos pobres, dos inferiores. Eu acreditava na aparição na época e acredito nela agora (Kincaid, 2020, p. 27).

Xuela expressa a compreensão da desconfiança e da falta de amor dirigidas aos vencidos, referindo-se ao seu próprio povo e à sua experiência de vida. Ela percebe que tudo relacionado a eles é visto com dúvida, e eles são privados de amor e misericórdia. A afirmação de que "nossa experiência não pode ser interpretada por nós" destaca a marginalização e o apagamento da perspectiva dos colonizados na narrativa histórica dominante. A busca de Xuela por pertencimento é marcada por uma conexão intrínseca consigo mesma, um mergulho profundo em sua própria existência.

Em vez de buscar revide através da vingança ou da morte, como poderia ser esperado em meio às adversidades que ela enfrenta, Xuela escolhe explorar sua própria identidade em meio à ausência marcante de sua mãe. Essa ausência é o catalisador que enriquece sua vida

com uma série de questionamentos profundos, questões sobre sua origem, sua ancestralidade e o significado de sua existência.

A decisão de Xuela de se conectar consigo mesma, em vez de buscar vingança ou revide contra as circunstâncias adversas que a cercam, destaca uma jornada interior de autoexploração e autocompreensão. Em um contexto em que muitos podem buscar respostas externas ou confrontar diretamente aqueles que causaram dor, Xuela encontra poder na reflexão interna. Essa abordagem única revela a força e a resiliência de Xuela diante das complexidades de sua vida. Ao escolher enfrentar suas questões mais profundas e encontrar significado dentro de si mesma, ela se destaca como uma personagem intrinsecamente ligada à sua própria busca por identidade e pertencimento. “Quem era eu? Minha mãe morreu no momento em que eu nasci. Você ainda não é nada no momento em que nasce. O fato de que minha mãe morreu no momento em que nasci se tornou um tema central da minha vida” (Kincaid, 2020, p. 135).

Xuela Claudette Richardson emerge como um ponto focal para uma nova abordagem na crítica literária, desencadeando uma compreensão mais profunda sobre as implicações da ausência do amor em sua vida. A jornada analisada nesta pesquisa revela que, diante do vazio deixado pela falta de amor materno, Xuela busca diversas formas de coexistir em meio aos desafios que enfrenta. O conceito de "deslocamento emergente afetivo" se personifica na própria percepção de Xuela, que reconhece ter vagado por entre montanhas e mares com seu corpo na esperança de encontrar amor, aceitação e pertencimento. No entanto, diante da ausência desse pertencimento, ela toma uma decisão radical: escolhe a si mesma.

Essa escolha singular de se autossustentar e se afirmar, mesmo em meio às adversidades e à falta de amor maternal, destaca a força e a resiliência de Xuela. Sua narrativa proporciona uma reflexão profunda sobre as complexidades da identidade, pertencimento e autodeterminação, desafiando as convenções literárias e oferecendo uma visão única sobre o impacto do amor ausente em uma vida.

Seria essa, então, uma forma de amor, um amor incompleto ou amor nenhum? Eu não saberia dizer. Acredito que minha vida inteira tenha sido desprovida de uma coisa dessas, de amor, do tipo de amor do amor do qual se morre ou do tipo de amor que leva alguém a viver eternamente, e se não foi assim de fato nada me convence de que foi de outra maneira (Kincaid, 2020, p. 130).

As lembranças de Xuela tecem uma reflexão poderosa sobre sua história entrelaçada com a figura materna. A conexão entre Xuela e sua mãe ressalta nas memórias da protagonista os elementos de sua ancestralidade, destacando também o vazio resultante de ter seguido sua vida sozinha.

O apego, espiritual e físico, que dizem que uma mãe tem por seu bebê. A confusão de quem é quem, carne com carne, aquela inseparabilidade que dizem existir entre mãe e bebê – tudo isso estava ausente entre minha mãe e bebê – tudo isso estava ausente entre minha mãe e a mãe dela. Como posso explicar esse abandono, que criança é capaz de entendê-lo? O apego, físico e espiritual, aquela confusão de quem é quem, carne com carne, que inexistia entre minha mãe e a mãe dela tampouco existiu entre mim e minha mãe, pois ela morreu no momento em que nasci, e embora possa ter a sensatez de dizer a mim mesma que não se pode evitar uma coisa dessas – pois quem pode evitar a morte -, de novo, como uma criança é capaz de entender essa situação, um abandono tão profundo? Eu me neguei a ter filhos (Kincaid, 2020, p. 119 e 121).

A reflexão profunda de Xuela sobre a ausência do vínculo materno tradicional destaca não apenas a experiência individual da protagonista, mas também a continuidade dessa ausência ao longo de gerações, incorporando a história de sua mãe e avó. A narrativa de Jamaica Kincaid transcende o espaço específico de Dominica, tornando-se uma representação mais ampla das mulheres que enfrentam circunstâncias semelhantes em várias partes do mundo.

Xuela representa, assim, um arquétipo de mulheres que, ao longo da história colonial nas ilhas do Caribe, bem como em outras regiões, vivenciam lutas semelhantes. A conexão entre as experiências de Xuela e as de mulheres em diferentes contextos, como as favelas do Rio de Janeiro, comunidades indígenas no Brasil, mulheres nordestinas em situações de escassez, vítimas de violência doméstica, ou mesmo em cenários internacionais como a Palestina ou a Nigéria, onde mulheres sofrem os impactos das guerras sustentadas pelo imperialismo euro-americano, destaca a universalidade das questões exploradas na narrativa de Kincaid.

A história de Xuela, portanto, transcende as fronteiras geográficas e se torna uma espécie de autobiografia coletiva que ecoa as lutas e desafios compartilhados por mulheres em diversas partes do mundo. Isso ressalta a força da obra de Kincaid ao proporcionar uma narrativa que, embora ancorada em um local específico, tem ressonância global ao abordar questões universais relacionadas à identidade, maternidade, intersecção, deslocamentos, prazer feminino e pertencimento.

Este relato da minha vida foi o relato da vida da minha mãe assim como foi o relato da minha, e é também um relato da vida dos filhos que nunca tive, assim como é o relato deles a meu respeito. Em mim existe a voz que nunca ouvi, o rosto que nunca vi, o ser do qual eu vim. Em mim existem as vozes que

deveriam ter saído de mim, os rostos que nunca deixei que se formassem, os olhos que nunca deixei que me vissem (Kincaid, 2020, p. 136 e 137).

No epílogo de sua existência, Xuela Claudette Richardson percebe que todos que conheceu estão mortos – seu pai, madrasta, irmã e até mesmo Richard, além de sua mãe, a quem ela nunca conheceu. Ao compartilhar sua história, Xuela proclama não apenas a sua própria narrativa, mas também a história de sua mãe, que compartilhou o mesmo nome. Sua mãe, ao falecer, levou consigo o legado de seu povo, os últimos caribenhos remanescentes em Dominica. Ao se afirmar como a dona de sua narrativa e ao se recusar a sucumbir aos padrões da colonialidade, Xuela carrega consigo não apenas sua própria história, mas toda a história de seu povo e, especialmente, de sua mãe.

Xuela trilhou a história de resistência e identidade de maneira solitária e, ao final, sua voz que ressoou em sua narrativa ecoa no desfecho desta tese de doutoramento: “Este relato é um relato de uma pessoa que nunca teve permissão para ser e um relato da pessoa que nunca permiti me tornar” (Kincaid, 2020, p. 137).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada de Xuela Claudette representa, de fato, uma trilha compartilhada por inúmeras mulheres que foram marginalizadas, esquecidas e silenciadas ao longo da História. O relato de Jamaica Kincaid, dentro do pano narrativo, torna-se uma lente poderosa para examinar não apenas a vida singular de Xuela, mas também para desvendar as experiências coletivas de mulheres racializadas que enfrentaram o abandono e a marginalização. Ao contrário das expectativas iniciais, Xuela emerge como uma figura de resistência, capaz de se proclamar como protagonista de sua própria jornada, mesmo em meio à solidão e à ausência. Sua trajetória solitária é, ao mesmo tempo, um testemunho da força interior e uma denúncia das estruturas opressivas que moldaram sua existência.

Essa reflexão sobre a dualidade entre nascimento e morte na vida de Xuela, em que a mãe precisou morrer para que ela pudesse vir ao mundo, é intrigante e revela a complexidade da relação entre as duas. A criação da autobiografia da mãe por Xuela pode ser vista como um ato de recriar a história não contada, de preencher os vazios deixados pela ausência da mãe. Ao longo da análise, surge a questão de como Xuela poderia criar a autobiografia de sua mãe se ela está morta. No entanto, a resposta pode residir na capacidade de Xuela de se colocar no lugar de sua mãe, de se identificar e se conectar profundamente com a história e a experiência dela. Ao fazer isso, Xuela não apenas busca compreender a mãe, mas também se proclama como a origem de sua própria existência, assumindo a responsabilidade por tudo, incluindo o amor que sua mãe não pôde proporcionar.

A atitude de Xuela ressalta sua busca incessante por pertencimento, identidade e amor, moldando sua narrativa de uma maneira única e profundamente pessoal. Ao se tornar a origem de sua própria história, Xuela transcende as limitações impostas pela morte de sua mãe, reafirmando sua presença e singularidade no mundo: suas estratégias de sobrevivência passam a moldar seu modo de existir no mundo.

No desdobramento desta pesquisa, empenhei-me em analisar as contribuições singulares de obras de mulheres racializadas, imergindo nas complexidades de gênero, nos feminismos plurais, transitando da pós-colonialidade à decolonialidade. A tessitura destes conceitos serve como alicerce robusto que sustentou e ampliou o espaço narrativo delineado por Jamaica Kincaid nas páginas de *Dominica*. O objetivo central desse processo reflexivo, enraizado na história impactante de Xuela Claudette, foi compreender de que maneira seria

possível resistir aos sistemas opressivos sem perder a verdadeira essência identitária que precede e sucede o indivíduo.

Assim como Xuela navegou com destreza no terceiro espaço criado por esses esquemas, a personagem de Kincaid se transformou em nova matéria, gerando produtos, consequências e resistências intrínsecas à sua ancestralidade. Este estudo contribui, portanto, para a compreensão mais profunda da escrita feminina negra no cenário contemporâneo, oferecendo uma análise crítica que busca transcender limites e construir pontes entre as experiências individuais e coletivas dessas mulheres. Ao explorar as obras e trajetórias que moldam a narrativa das mulheres racializadas, almejei não apenas decifrar a complexidade destas histórias, mas também dar voz e visibilidade a um legado que, embora muitas vezes silenciado, ressoa como uma afirmação poderosa de identidade, resistência e autoafirmação. Assim, esta tese se posiciona como uma contribuição relevante para o campo da literatura e estudos culturais, destacando o papel crucial da escrita feminina negra na construção de narrativas que desafiam, questionam e redefinem os padrões dominantes do cânone literário.

O impacto dessa abordagem reverbera em diversas esferas, contribuindo para a evolução do conhecimento em várias disciplinas. No âmbito da diversidade de perspectivas, esta pesquisa oferece uma valiosa oportunidade de ampliar o horizonte representativo no universo acadêmico. Ao dar voz e destaque às experiências das mulheres racializadas, ela enriquece o mosaico de vozes presentes nos debates acadêmicos, proporcionando uma compreensão mais completa das nuances da condição humana. Além disso, a análise crítica proposta por essa pesquisa pode ter um impacto direto na revisão do cânone literário, desafiando e redefinindo os critérios que historicamente marginalizaram certas obras. Ao colocar em foco a importância das vozes femininas negras, ela desempenha um papel crucial na promoção da valorização de uma gama mais abrangente de literatura.

Ao longo desta pesquisa, ao reconhecer e explorar as intrincadas complexidades presentes nas experiências das mulheres racializadas, especialmente no contexto da escrita de Jamaica Kincaid e na vivência de Xuela, alcançamos o desenvolvimento de abordagens mais sensíveis e contextualmente relevantes, enriquecendo consideravelmente o campo da crítica literária. A apresentação dos resultados da pesquisa, aqui apresentada, não se limitou ao espaço acadêmico da instituição, estendendo-se a participações externas em eventos, tanto nacionais quanto internacionais, nos quais foi possível compartilhar e discutir conteúdos da pesquisa relativos à obra, ainda pouco explorada, de Kincaid no âmbito da pesquisa nacional. Tais apresentações contribuíram para a expansão do conhecimento sobre a autora e sua relevância nas discussões contemporâneas sobre literatura e questões de gênero e raça, conceitos lidos sob

a ótica dos estudos pós-coloniais, mais especificamente, abordagens da crítica feminina contemporânea.

Além disso, a pesquisa desempenha um papel significativo nos estudos interdisciplinares de gênero e raça, oferecendo *insights* profundos que transcendem as fronteiras disciplinares. Ao adotar uma abordagem interseccional, destacamos aspectos muitas vezes negligenciados, promovendo uma compreensão mais completa e contextualizada das complexas dinâmicas sociais que permeiam as experiências das mulheres racializadas. Portanto, o impacto desta pesquisa se estende além dos limites da crítica literária, influenciando positivamente tanto o cenário acadêmico local quanto as discussões mais amplas sobre inclusão, representatividade e entendimento aprofundado das interações entre gênero e raça na sociedade contemporânea.

Penso na relevância motriz deste trabalho como um olhar crítico para os sistemas que ainda marginalizam e, ao mesmo tempo, buscam normalizar de maneira sorrateira as explorações de empregadas domésticas, de trabalhadores e trabalhadoras cujos corpos são devorados pelo capitalismo liberal. Nas disparidades de gênero, na petulância dos movimentos sociais que proclamam direitos, mas não cumprimentam a faxineira da universidade, que desprezam as narrativas indígenas, que não acolhem as mulheres transexuais, que fecham a janela de seus carros para crianças com fome – que não reivindicam direitos para todas as pessoas para além de suas escritas acadêmicas. Esses estudos não apenas representam uma contribuição valiosa para o conhecimento específico sobre literatura, mas também carrega consigo o potencial de desencadear uma série de impactos positivos, fortalecendo o tecido do ambiente acadêmico e estimulando reflexões cruciais sobre inclusão, representatividade e justiça.

Ao concluir a leitura de *Feminismo decolonial* de Françoise Vergès, reeduquei-me como um homem branco, como pesquisador da escrita de mulheres; ao aprofundar-me na interseccionalidade de Patrícia Hill Collins e Carla Akotirene, compreendi a rica pluralidade das construções identitárias de homens e mulheres racializados/as; no âmbito da decolonialidade, reforcei a necessidade ainda pulsante de pensar as questões do Sul Global como protagonista necessário para a multiculturalidade do Caribe e das Américas Central e do Sul; e, obviamente, *A autobiografia da minha mãe* de Jamaica Kincaid, que me conduziu a conversas com abordagens contemporâneas da crítica e da teoria literária, foi a linha condutora de uma narrativa necessária para dar luz à verdade muitas vezes jogada debaixo do tapete na história da colonização caribenha.

Essa jornada reflexiva me levou a observar a natureza fortificada e constantemente ameaçada pelos planos do capitalismo, nas montanhas consideradas como direito de outros povos que não pertenciam àquele espaço. A escrita potente de Kincaid, nesse contexto, reforça a ideia de que um sujeito não é construído apenas por sua experiência pessoal, mas sim pelo contexto que o envolve, e, no caso de Xuela, isso inclui a natureza do Caribe. Durante seu percurso por Dominica, ela conseguiu se conectar e proclamar-se pertencente àquele lugar através dos mares que cercavam a ilha e das montanhas que testemunhavam a história nascer e morrer ali.

Assim como as personagens que compuseram o panorama da história de Xuela, Alfredo, seu pai, pode ser considerado uma representação das histórias ceifadas nesse contexto, incluindo a de Xuela, que, na esperança do amor paterno, percebeu-se esquecida por questões de gênero e raça. Além disso, foi possível analisar que Alfredo é a representação de um povo que escolheu ceder aos sistemas de exploração financeira, os quais, em meio às dificuldades, contornam as problemáticas advindas da colonização, manipulando seu próprio povo em busca de poder e dinheiro. Durante o percurso de análise de Alfredo, também foi possível observar o vazio interno dele, um sofrimento latente em um homem que parecia perder-se em meio ao povo que era seu, mas que não queria que fosse. Das obsessões dos efeitos coloniais, negar-se é um dos sintomas mais graves herdados do esquema imperialista.

A partir da primeira figura de referência de Xuela, seu pai, a problemática de raça, gênero e classe orientou este trabalho. Após a experiência abusiva e a ausência de seu pai, todas as relações de Xuela com outros homens foram construídas pela desconfiança, na defensiva do que poderia vir a seguir. Xuela compreendeu a força que os homens possuem na maneira como as histórias são narradas, na forma como as vidas são moldadas. A proclamação de seu revide, expressa através do prazer de sua sexualidade, resultou em uma busca por se fechar dentro do seu próprio corpo, considerado seu templo. Todos esses homens, portanto, carregam consigo a ideia de que detinham o poder, e as mulheres ao seu redor eram percebidas como criaturas manipuláveis à beira da loucura.

Com Monsieur LaBatte, Xuela testemunhou um poder semelhante ao de seu pai, centrado no dinheiro – casado com uma mulher estéril ambicionava ter Xuela como sua escrava e "barriga de aluguel" para seus filhos que nunca teriam. Por outro lado, Roland, mesmo sendo um homem de seu povo, lutava para sobreviver em meio aos roubos dos navios que chegavam a Dominica trazendo mercadorias e povos racializados para a mão de obra local; ele tinha uma mulher que, ao descobrir o relacionamento com Xuela, a espancava em público. Já Phillip era casado com uma mulher que ele considerava frágil, a quem nunca amou, e Xuela, portanto,

percebia naquele homem europeu uma forma de se proteger dos perigos de ser pertencente ao povo condenado do qual ela fazia parte. Por fim, seu pai, Alfredo, conduziu Xuela a uma madrasta que a queria morta, a uma irmã que a desprezava e, conseqüentemente, a todas as outras personagens aqui mencionadas. Todas as mulheres na diegese, inclusive Xuela e sua mãe, eram relegadas a segundo plano nas questões problemáticas de gênero no pano narrativo.

Dessa forma, as discussões apresentadas nesta tese destacaram os desafios intrincados enfrentados pela figura feminina dentro desse contexto colonial, que objetificou e fortaleceu a ideia de que a mulher estava destinada a uma esfera de servidão e obediência. Xuela Claudette, para além de recusar esse fardo, rejeita a maternidade para os filhos que poderiam nascer e opta por ser mãe de si mesma. Ela abriga-se em sua própria identidade e resiste ao contar sua história. “Já que não tenho importância, não quero ter importância, mas tenho importância mesmo assim. Quero conhecer a coisa maior que eu, a coisa à qual eu posso me sujeitar. Não é um livro de história, não é a obra de alguém cujo nome possa atravessar meus lábios” (Kincaid, 2020, p. 137).

Neste universo literário, a obra não se limita a retratar a dor e o vazio, mas destaca a resiliência de Xuela em reivindicar seu lugar na história, desafiando as normas culturais e sociais que procuram restringir as mulheres em suas possibilidades e identidades. Assim, *A Autobiografia da Minha Mãe* revela-se não apenas como a história de Xuela, mas como um eco das vozes esquecidas, uma celebração da resistência feminina e uma poderosa crítica à história que muitas vezes negligencia as experiências daqueles que não se encaixam nos moldes preestabelecidos. Essa obra é, portanto, um convite à reflexão sobre a resiliência e a complexidade das mulheres que, apesar de tudo, encontram maneiras de reivindicar suas narrativas e identidades.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Zina Gonçalves. **O sagrado feminino: da Pré-História à Idade Média**. Lisboa: Extra Coleção, 2007.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVES, Lourdes Kaminski. Uma escritura atravessada pela experiência pessoal e o mundo: autorias femininas no ensaísmo latino-americano. In: VEDOVATO, Luciana; LANGARO, Cleiser Schenatto. **Vozes da Resistência: O trabalho acadêmico de mulheres, diálogos latinoamericanos e estudos decoloniais**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2022, p. 15-35.
- ASHCROFT, Bill, *et al.* **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. London: Routledge, 1991.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARZOTTO, Leoné Astride. **Interfaces culturais: The Ventriloquist's tale & Macunaíma**. Dourados: Editora da UFGD, 2011.
- BARZOTTO, Leoné Astride. Memórias diaspóricas em The lady Matador's hotel. In.: **Manifestações: ensaios críticos de língua e literatura**. (org.) BARROS, A. L. E. C; TENO, N. A. C; ARAUJO, D. A. Curitiba: Ed. Appris Ltda, 2016.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – a experiência vivida**. Trad. Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BERND, Zilá (org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2012.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- BONNICI, Thomas. **Conceitos da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.
- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Londres: Penguin, 1994.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1973.

COLLINS, Patrícia Hill., & BILGE, Silma. **Interseccionalidade** (1ª ed.). São Paulo: Boitempo, 2020.

COSER, Stelamaris. Híbrido, hibridismo e hibridização. In: FIGUEREDO, E. (org.). **Conceitos de Literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005, p. 26.

CURIEL, Ochy: Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Buarque de (org.) **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ESTEVES, Laurenci Barros; CARVALHO, Isaias Francisco de. A small place, de Jamaica Kincaid: o despertar da voz de antiga. **Fólio - Revista de Letras**, Vitória da Conquista (BA), v. 8, n. 1, p. 179-198, jan./jun. 2016.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FANON, Franz. **Pele negras, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. Negritude, Negrismo, Literaturas de Afro-descendentes. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005, p 163-187.

FIGUEREDO, Eurídice. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EDUFF, 1998.

FIGUEREDO, Eurídice. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v.17, 1976, p. 275-314.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Trad. Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

GLISSANT, Édouard. Crioulizações no Caribe e nas Américas. In: GLISSANT, Édouard. **Introdução à uma poética da diversidade**. Trad. Enilce Albergaria Rocha. MG/Juiz de Fora: Editora UFMG, 2005, p. 13-41.

GLISSANT, Édouard. **El discurso antillano**. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2002.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Trad. Marcela Vieira e Eduardo Jorge Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine la Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Álvares, et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

HERTZMAN, Marc. A. **Diferenças fatais**: suicídio, raça e trabalho forçado nas Américas. Revista Mundos do Trabalho, 11, 1-38, 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Hoje**: Perspectivas Decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Trad. Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KINCAID, Jamaica **Agora veja então**. Trad. Cecília Floresta. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

KINCAID, Jamaica. **A autobiografia da minha mãe**. 1ª ed. Trad. Débora Landsberg. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

KINCAID, Jamaica. **Annie John**. Trad. Carolina Cândido. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2023.

KINCAID, Jamaica. **Lucy**. New York: Farrar Straus Gioux, 2002.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Hoje**: Perspectivas Decoloniais. Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, set.-dez.,2014 [2010].

MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Leya, 2019.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizado**. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/Projetos Globais**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MILTON, J. *Paradise Lost; Paradise Regained*. In: KERRIGAN, W.; RUMICH, J.; FALLON, S.M. (eds.) **The Complete Poetry and Essential Prose of John Milton**. New York: Modern Library, 2007, p. 251 - 630; 631- 697.

PALERMO, Zulma. *Desobediencia epistémica y opción decolonial*. **Cadernos de estudos culturais**. Campo Grande: Editora da UFMS, v. 5, p. 237-194, jan./jun. 2013.

PAZ, Octávio. **Signos em Rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leites. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PEREIRA, Prisca Rita Agustoni de Almeida. Poesia, diáspora e migração: quatro vozes femininas. In: **Aletria**, 2012, n. 3, v 22. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18503/15291>. (Acesso em: 10 fev. 23.)

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERROT, Michelle. **Minhas histórias das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

PEZZODIPANE, Rosane Vieira. Pós-Colonial: a ruptura com a história única. **Simbiótica**, UFES, v. única., n.3. jun. 2013.

PINTO, Simone. Rodrigues, e BERNARDE, Aristinete. **Identidades caribenhas: criouliização em Édouard Glissant**. Sociedade e Estado, 34(3), 637, 2019.

PORTO, Maria Bernadette. Habitar a Diáspora: representações do imaginário da distância em textos literários contemporâneos. In: **Aletria**, 2012, n. 3, v 22. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18503/15291>. (Acesso em: 10 fev. 23.)

POZO, José del. **História da América Latina e do Caribe: dos processos de independências aos dias atuais**. Trad. Ricardo Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América latina*. In: Edgardo lander (org.). **La Colonialidad del Saber: Eurocentrismo y Ciencias Sociales. Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 201-246.

REIS, Livia de Freitas. Transculturação e transculturação narrativa. In.: FIGUEIREDO, Eurídice (org.) **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 2005.

REIS, Micheli. *Theorizing Diaspora: Perspectives on 'Classical' and 'Contemporary' Diaspora*. In: **International Migration**. Oxford (UK) and Malden (USA): Blackwell Publishing, 42.2, 2004, p. 41-60.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, Papyrus.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 11-29.

SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). **Mulheres e literatura: (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Palloti, 1997.

SOUZA, Adalberto de Oliveira. Crítica psicanalítica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia. O (org.) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009, p. 2s-255.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1ª ed. Trad. Sandra Regina Goulart. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

UTUARI Júnior, Carlos Eduardo de Castro (Desenhista). **Montanhas, corpo e mar**. Em: SOUZA, Rafael Francisco de. Um corpo, do mar às montanhas: questões de gênero em *A autobiografia da minha mãe* de Jamaica Kincaid. UNIOESTE, Cascavel, 2024.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamile Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia. (org.) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009, p. 328-336.

SITES CONSULTADOS

BB WORLD. **Life events Jamaica Kincaid**. 2004. Disponível em: https://www.bbc.co.uk/worldservice/arts/features/womenwriters/kincaid_life.shtml. Acesso em maio de 2023.

BERLIN, internationales literaturfestival. **Jamaica Kincaid: The Art of Fiction (English)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7szuwRMZF8A&t=5s> Acesso em junho de 2023.

CHANEL, Louisiana. **The Power of Reading: Jamaica Kincaid on How Reading Formed Her**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wTakQJM18oA>. Acesso em maio de 2023.

NETO, Arnaldo Rosa Vianna. Arquipelização cultural. (In): **Aletria**, 2012, n. 3, v 22. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18503/15291>. Acesso em fevereiro de 2023.

NÓS, mulheres da periferia. **Como os abortos acontecem nas favelas e periferias brasileiras**. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/especiais/como-os-abortos-acontecem-nas-favelas-e-periferias-brasileiras/>. Acesso em dezembro de 2023.

TELEVISION, Idaho Public. **Jamaica Kincaid on Dialogue**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=COQYljvk6_8. Acesso em maio de 2023.

UFMG. **Ministra Damares Alves teria agido para impedir aborto de criança de 10 anos**, segundo jornal. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ministra-damares-alves-teria-agido-para-impedir-aborto-de-crianca-de-10-anos-segundo-jornal>. Acesso em novembro de 2023.